| | as cultura rep | |
|-------------|---|------------|
| | ão esclarecime | |
| | probutivilabe | |
| V | e besenvalvi | 30 |
| isseriação | analegi | 3 TO LIMIE |
| ebrepesiçä | 2 SERIE DO ENSINON | SIBULAR |
| strutura el | | CEPPEL VE |
| leia exp | (NON) | Elifo |
| lares | OIE DO EMS. | |
| Jours . | 35 SELECTION OF THE PERSON OF | |
| NOME: | THDMA. | |

| NOME: | **** | |
|--------------|---------|--|
| CURSO: | TURMA: | |
| TELEFONE: | E-MAIL: | |
| OBSERVAÇÕES: | | |



São José dos Campos-SP Telefone: (12) 3924-1616 editora@sistemapoliedro.com.br www.sistemapoliedro.com.br

Copyright © Editora Poliedro, 2018 Todos os direitos de edição reservados à Editora Poliedro ISBN 978-85-7901-543-4

> Gabriela de Araújo Carvalho e Luiz Antonio Callegari Coppi. Autoria

Direção geral Nicolau Arbex Sarkis. Gerência editorial Emilia Noriko Ohno.

Coordenação de engenharia de produção Juliano Castilho Laet de Holanda.

Coordenação de projeto editorial Marília L dos Santos G. Ribeiro e Viviane R Nepomuceno.

Coordenação de edição de texto Anaiza Castellani Selingardi.

> Edição de texto Érica Mitico Bettoni Hayashibara e Thaís Inocêncio.

Coordenação de revisão Mariana Castelo Queiroz.

Revisão Giselle Lourenço, Luciana Almeida Bonfim e Vivian Prado de Souza.

Edição de arte Kleber S. Portela e Wellington Paulo. Equipe de ilustração da Editora Poliedro.

Ilustração

Coordenação de licenciamento Kelly Garcia.

Analistas de licenciamento Letícia A. Tashiro Lopes, Margarita Veloso e Souza e Nathalie Pimentel.

Auxiliar de licenciamento Jade Cristina Bernardino. Analista de produção editorial Claudia Moreno Fernandes. Coordenação de PCP Anderson Flávio Correia.

Vandré Luis Soares. Analista de PCP Projeto gráfico e capa Wellington Paulo.

Impressão e acabamento Nywgraf.

> Colaboração externa Edição técnica: Cione Haires dos Santos.

> > Edição de texto: Lívia Scherrer dos Santos e Vânia Cavalcanti de Almeida.

Diagramação: Antonio José Domingues da Silva.

Revisão: Recriar Editorial.

Imagem de capa STILLFX/iStockphoto.com

Carta ao estudante

Ao longo do tempo, a educação no país passou por mudanças, adaptando-se e alinhando-se às transformações ras caracteristados que na aluma apresente, entre da sociedade, tanto tecnológicas quanto culturais. Dessa forma, tornou-se necessário que o aluno apresente, entre de forma as características, as canacidados de culturais. Dessa forma, tornou-se necessário que o aluno apresente, entre outras características, as capacidades de resulver problemas, tomar decisões, aprender novos procedimentos e agir Aseim

Assim, além de habilitar o estudante para os processos seletivos que irá realizar ao final da Educação Básica, a mação escolar também deva accorda para os processos seletivos que irá realizar ao final da Educação Básica, a Assim, além de habilitar o estudante para os processos seletivos que irá realizar ao final da Educação pastes, formação escolar também deva prepará-lo para a vida, qualificando-o para o exercício da cidadanta e para o aprendadante, seja na continuidada de para o aprendadante. dizado permanente, seja na continuidade dos estudos ou no campo profissional.

Dessa maneira, este material foi desenvolvido pelo Sistema de Ensino Poliedro e apresenta os conceitos da consrução da escrita e as estratégias de linguagem para que você se expresse por escrito de maneira clara, coerente e

Dividido em 2 volumes, o volume 1, composto de 15 capítulos, trala de temas como gênero textual, dissertação argumentativa, assunto x tema, contextualização, argumentação, desenvolvimento dissertativo; enquanto o volume 1, composto de 15 capítulos, trata de temas como gênero textual, disservação, com mais 15 capítulos, discute levias una para proposição, desenvolvimento dissertativo; enquanto o volume conclusar de composto 2, com mais 15 capítulos, discute textos verbovisuais, redações com temas polêmicos e com perguntas, tipos de polocidos, sofisticação textual, refino com discute textos verbovisuais, redações com temas polêmicos e com perguntas, tipos de polocidos de com temas polêmicos e com foco no Enem. renclusão, sofisileação textual, refino com a linguagem, dissertação clássica e redações com foco no Enem.

Para tanto, alguns recursos didásicos ma linguagem, dissertação clássica e redações com foco no Enem. Para tanto, alguns recursos didáticos no decorrer da teoria enriquecerão a leitura do material, entre eles:

Atenção!

Destaca um conteúdo que precisa ser retembrado ou que é relevante para a compreensão de teorias posteriores

Oierece, de forma breve e objetiva, os significados das mais variadas expressões e palavras que aparecem na teoria.

Saiba mais

Apresenta uma curiosidade do assunto tratado, além de fornecer informações breves sobre a vida de grandes cientistas, historiodores, escritores, artistas, descobridores, teóricos etc.



Quer saber mais?

Fornece uma sugestão de livro, filme ou site, para que o aluno possa consultar, no intuito de ampliar seus conhecimentos.

Sistema de Ensino Poliedro

Fundamentação

Redação é o nome dado à disciplina que contempla a produção de textos escritos, suas motivações e suas técnicas. No contexto escolar, organizar em gêneros textuais tudo o que está disponível de forma escrita é uma opção não apenas frequente, mas inteligente, dado que a partir dela é possível compreender a lógica que rege cada discurso e produção.

Um primeiro aspecto a ser considerado na produção de textos diz respeito à crescente percepção, pelos alunos, das condições em que essas unidades de sentido são produzidas. Diante de uma dada proposta de produção, o aluno deve ter clareza sobre:

- o que tem a dizer sobre o tema proposto, de acordo com suas intencionalidades;
- o lugar social de que ele fala;
- para quem seu texto se dirige;
- de quais mecanismos composicionais lançará mão;
- de que forma esse texto se tornará público.

(PCN+ Ensino Médio, p. 80.)

Tendo por objetivo abordar aspectos referentes à leitura e à escrita, o material de Redação não perde de vista a importância de tais habilidades não só no contexto educacional, como também no desenvolvimento de uma comunicação mais elaborada e efetiva socialmente. Assim, a disciplina é aqui tomada como parte de um todo mais complexo de relações que exige dos indivíduos perspicácia, observação e organização de discursos e opiniões, buscando como consequência auxiliar a formação de alunos mais bem preparados para o mundo contemporâneo em que se torna cada vez mais indispensável estar informado a respeito dos acontecimentos mais recentes, manter-se disponível para a percepção crítica dos acontecimentos e atuar por meio de mídias essencialmente escritas disponíveis ao cidadão comum.

Organizados para otimizar a construção de uma relação com textos que os observe dentro de uma linha lógica e sensível, os exercícios propostos aqui simulam situações reais de interlocução e de produção acadêmica do mais alto nível que visam à autonomia do estudante. Sendo assim, optamos por uma sequência didática que primeiro observa a escrita em seu contexto mais amplo, que observa seus objetivos e interlocutores para apenas depois pensar em textos essencialmente argumentativos e desencadear, de forma progressiva, na dissertação de vestibular, um gênero textual complexo e bastante exigido por provas de seleção. Dentro dessa ideia, optamos por caminhar seguindo a lógica demandada por esse gênero e a construção de um raciocínio que se estrutura de forma organizada e clara, sem ruídos.

Na produção, entretanto, é preciso que o aluno mobilize uma série de recursos, também relacionados às suas competências interativa e gramatical:



- utilizar relações várias, de acordo com seu projeto textual tese e argumentos; causa e consequência; fato ou opinião; anterioridade e posterioridade; problema ou solução; conflito e resolução; definição ou exemplo; tópico e divisão; comparação; oposição; progressão argumentativa;
- quanto ao texto dissertativo (expositivo ou argumentativo), relacionar adequadamente a seleção e a ordenação dos argumentos com a tese;
- quanto ao texto argumentativo, identificar o interlocutor e o assunto sobre o qual se posiciona para estabelecer interlocução;
- considerando as condições de produção, utilizar diferentes recursos resultantes de operações linguísticas – escolha, ordenação, expansão, transformação, encaixamento, inversão, apagamento.

(PCN+ Ensino Médio, p. 80.)

Na teoria, é abordada a ideia de interlocução sob a perspectiva do pensador Mikhail Bakhtin, que nos auxilia a entender o texto como um diálogo, um processo de construção interativa de significado. Para tratar propriamente da dissertação argumentativa, as categorizações propostas pelos professores universitários Wayne C. Booth, Gregory G. Colomb e Joseph M. Williams, principalmente, foram escolhidas por estarem em plena consonância com aquilo que se entende por estrutura dissertativa nas provas aplicadas hoje no Brasil. O respeito ao raciocínio lógico baseado em evidências é o principal eixo da proposta pedagógica deste material, que entende a linguagem, portanto, como uma área multidisciplinar integrada plenamente ao diálogo com outras disciplinas, dado que saber compreender, argumentar e manter-se em atitude de aprendizado contínuo possibilita um enfrentamento menos conflituoso com os problemas e com as tomadas de decisão futuros.

Assim, este livro possibilita que os alunos produzam textos mais seguros, capazes de traduzir com precisão aquilo que se planejou, problematizando fenômenos que ocorrem na sociedade atual e seus efeitos, de forma sugerir intervenções.

Bibliografia sugerida

ABREU, A. S. A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal.* Trad. Maria Ermantina Galvão; rev. trad. Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOOTH, W. C.; COLOMB, G. G.; WILLIAMS, J. M. A arte da pesquisa. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRASIL. MEC. PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Vol. 2. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf». Acesso em: 29 set. 2017.

DISCINI, N. O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia, literatura. São Paulo: Contexto, 2003.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Lições de texto*: leitura e redação. 4 ed. São Paulo: Ática, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1999.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. Ler e compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. 2008. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial.

MESQUITA, Roberto Melo. Gramática da Língua Portuguesa. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

PERELMAN, C., OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado de argumentação*: a nova retórica. Tradução de M. E. G. G. PEREIRA. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

POSSENTI, S. Discurso, estilo e subjetividade. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. Para entender o texto: leitura e redação. 16 ed. São Paulo: Ática, 2000.

Sumário

| • | Capítulo 1 - As peças que compõem o texto. O que forma um texto? Para praticar Proposta de redação Resumo teórico | .10 .16 .17 |
|---|---|---------------------------------|
| • | Capítulo 2 - Quando a prova pede um gênero textual Nossa memória O contexto Análise de uma proposta real Para praticar Proposta de redação Resumo teórico | .24 .25 .28 .31 |
| • | Capítulo 3 - A dissertação de vestibular. Do que é constituída a dissertação? | .36 .39 .41 |
| • | Capítulo 4 - Dissertação argumentativa Como se apresentam os comandos de uma dissertação argumentativa? A coletânea Assunto × Tema Tangenciamento do tema. Para praticar. Proposta de redação Resumo teórico | .46 .47 .48 .49 .50 |
| • | Capítulo 5 - Leitura da coletânea Afinal, qual é o tema? A análise Análise de redações Para praticar Proposta de redação Resumo teórico | .58 .58 .63 .66 |
| • | Capítulo 6 - A composição básica da dissertação. Ajustando as lentes: a estrutura da dissertação. Texto comentado: análise de dissertação. Para praticar. Proposta de redação. Resumo teórico. | .72 .74 .76 .78 |
| • | Capítulo 7 - Introdução I: o ponto de vista O ponto de vista e o que se vê. Para praticar. Proposta de redação Resumo teórico | .84 .88 .90 |
| • | Capítulo 8 - Introdução II: a contextualização. Contextualização. Para praticar. Proposta de redação. Resumo teórico. | .96 101 102 |

| • | Capítulo 9 - Contextualizar e se posicionar em uma proposta real | 108 110 116 117 |
|---|---|--------------------------|
| • | Capítulo 10 - A composição básica da dissertação Esboço. Tese Para praticar. Proposta de redação Resumo teórico | 120 120 124 126 |
| • | Capítulo 11 - O planejamento em foco: análise de textos Dissertação na prática Para praticar. Proposta de redação Resumo teórico | 130 137 139 |
| • | Capítulo 12 - Argumentação I: temas e cultura. As relações no texto. Para praticar Proposta de redação Resumo teórico | 144 147 149 |
| • | Capítulo 13 - Argumentação II: relações entre ideias O que começa e o que termina? Para praticar Proposta de redação Resumo teórico | 156 161 163 |
| • | Capítulo 14 - A estrutura interna dos parágrafos Parágrafos interconectados | 166 166 169 171 |
| • | Capítulo 15 - A reinvenção da estrutura. Outras mudanças. Para praticar. Proposta de redação Resumo teórico | 176 181 182 |
| | Gabaritos | 185 |



D Roman Milert | Dreamstime.com

O que forma um texto?

Para começarmos a pensar as noções de texto, é muito importante ter em mente que produzimos discursos a todo momento. Desde um "bom dia" no elevador até um e-mail mais detalhado, sempre que precisamos construir uma mensagem, usamos algumas ferramentas do nosso repertório linguístico. Sendo assim, se temos por objetivo convencer alguém de algo, por exemplo, mobilizaremos estruturas da Língua Portuguesa que nos permitam organizar as informações em torno dessa ideia. Da mesma forma, se o intuito for contar uma história, informar ou instruir, outras estruturas serão acionadas e assim por diante.

A partir daqui, serão apresentadas as principais **ferramentas de composição textual** que podem ser resgatadas da nossa memória linguística sempre que precisarmos. Assim, quase sem perceber, saberemos o que colocar em prática, dependendo da situação.

Vamos imaginar que nossa linguagem seja composta de uma série de peças coloridas, que se encaixam, formando novos objetos ou novas imagens. Se desejarmos montar uma casa inteiramente azul, buscaremos, então, apenas as peças azuis. No entanto, se quisermos montar uma edificação colorida, outras peças, de outras cores e, quem sabe, de outros formatos, serão as escolhidas, certo? Essa analogia é bastante válida quando pensamos em texto: peças diferentes se combinarão de formas distintas quando temos objetivos diferenciados.

Mas o que são, afinal, as peças que compõem os textos?

Os linguistas Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz propuseram uma categorização do nosso jogo de montar que nos pode ser bastante útil. As peças, que chamaremos de **tipos de texto**, são: narrar, relatar, argumentar, expor e descrever ações.

Assim, sempre que formos escrever, faremos a composição de um ou mais tipos de texto, conforme necessidade, fazendo nascer **gêneros textuais**.

Uma carta argumentativa pode ser constituída basicamente de argumentação, mas também é possível que contenha pequenos trechos de relato ou de exposição, por exemplo. Observamos, então, que são diversas as combinações realizáveis e, portanto, inúmeros os gêneros textuais possíveis.

Saiba mais

Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz são professores doutores da Universidade de Genebra, pesquisadores das áreas de Psicologia e Educação.



Atenção!

Os gêneros textuais sempre terão um tipo de texto mais evidente em sua base, sem necessariamente dispensar outros tipos.



A construção de um gênero textual

A escolha dos tipos de textos que comporão um gênero textual dependerá de alguns fatores, como:



Atenção!

Gêneros textuais são compostos de tipos de texto. Um gênero é, por definição, constituído socialmente, ou seja, na interação entre os indivíduos de uma sociedade.

O trecho destacado **expõe** alguns fatos a respeito da vida do criador da Rede Mundial de Computadores. Observe que essas informações dizem respeito a uma marcação temporal específica.

Aqui, narra-se uma passagem da vida de Berners-Lee, ou seja, há ações dispostas em uma sequência temporal Todos esses fatores compõem o que chamamos de **situação de interlocução**, que nada mais é do que uma situação real em que se comunica algo a alguém com determinada intenção. Por exemplo: o horóscopo de uma revista voltada a pré-adolescentes é diferente do horóscopo de um jornal de grande circulação – ainda que ambos os textos tenham a mesma intenção (fazer uma leitura do céu e associá-la a possíveis acontecimentos na Terra) –, pois adotam estruturas linguísticas diferentes **dependendo do público-alvo**. Um pequeno fator alterado, portanto, pode mudar muito o corpo de um texto.

O trecho do artigo "A inclusão digital no Brasil serve ao consumo, e não à cidadania", de Marina Pita, reproduzido a seguir, tem por objetivo discutir a inclusão digital no Brasil. Para isso, mobiliza algumas ferramentas – próprias da situação de comunicação em que o texto foi produzido.

Vamos observar a análise dos destaques:

A inclusão digital no Brasil serve ao consumo, e não à cidadania

As decisões políticas acerca da internet e a concentração econômica do setor têm matado o caráter livre originário da rede criada por Tim Berners-Lee

Uma das belezas de a Rede Mundial de Computadores (World Wide Web) ter se consolidado em tão poucos anos é que seu criador, Tim Berners-Lee, segue vivo e trabalhando para que a internet alcance seu potencial transformador.

Berners-Lee está vivo, tem 61 anos e tem deixado bem registrado o que pensa sobre as mudanças de orientação da rede. Uma das características que ele defende é que a Web deve permanecer aberta. Mas, infelizmente, essa é uma batalha que ele – e nós – estamos perdendo para interesses corporativos e ausência de um Estado eficaz em defender os interesses de grande parte da população.

O que Berners-Lee fez, em 1989, foi juntar a ideia de hipertexto com as ideias de Protocolo de Controle de Transmissão e Sistema de Domínios e Nomes e daí nasceu a Web, uma rede, uma teia, em que os assuntos vão se interligando, criando os mais diversos percursos de conhecimento possíveis. Infinitos.

Esta Web já não é realidade para muitas pessoas. Para boa parte do mundo "em desenvolvimento", a internet é o Facebook, conforme aponta pesquisa, e isso não está acontecendo simplesmente apenas porque as pessoas são tragadas para o "livro das caras", mas como resultado de uma escolha política e que deve se acentuar ainda mais no próximo período. [...]

Quando a navegação na Web se dá predominantemente por aplicativos – como é o caso dos sistemas operacionais móveis, até por conta da limitação de tela e do desconforto de teclar – a chance de o usuário fugir dos apps "vencedores" é muito menor. Perdem os produtores de conteúdo que não têm recursos para criar seus próprios apps. Perde a diversidade e perde a economia do Brasil: a expectativa era de que, em 2016, o mercado global de aplicativos móveis atingisse 51 bilhões de dólares em receita bruta, em todas as lojas de aplicativos, de acordo com pesquisa da App Annie. [...]

A concentração da navegação em umas poucas aplicações tem ainda razões de ser. Soma-se a essa narrativa de incentivo puro à internet móvel e à navegação por dispositivos o silêncio do governo brasileiro, da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) e mesmo do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) acerca da

liberação do tráfego de dados em determinados aplicativos – por acordos entre as plataformas digitais e operadoras, apesar de o Marco Civil da Internet (Lei 12.965/14) e sua posterior regulamentação estabelecerem a neutralidade de rede como um princípio e a obrigação de os responsáveis pela transmissão, comutação ou roteamento terem o dever de tratar de forma isonômica quaisquer pacotes de dados.

Não poderia haver distinção por conteúdo, origem e destino, serviço, terminal ou aplicação, exceto quando requisitos técnicos sejam indispensáveis à prestação adequada dos serviços e priorização de casos de emergência (por exemplo, melhorar o tráfego no site da Receita Federal às vésperas do prazo da declaração de imposto de renda). Ainda, diz a legislação, no caso de discriminação ou degradação do tráfego, o responsável deve abster-se de praticar condutas anticoncorrenciais e de causar danos aos usuários. [...]

Ao optarmos por incluir os brasileiros no universo digital e de navegação na Web majoritariamente por espertofones e banda larga móvel, com franquias de dados caras e extremamente limitadas, estamos escolhendo também um modelo de desenvolvimento econômico com baixo potencial de produção, programação e disseminação de conteúdo. É a inclusão digital para o consumo apenas, e não para a cidadania, para a economia e para o fortalecimento da democracia."

PITA, Marina. "A inclusão digital no Brasil serve ao consumo e não à cidadania". CartaCapital - Intervozes, 31 jan. 2017. Disponível em: <www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/a-inclusao-digital-no-brasil-serve-ao-consumo-e-nao-a-cidadania>. Acesso em: 26 maio 2017.

Podemos perceber que, embora o texto seja majoritariamente **argumentativo** e componha o gênero "artigo de opinião", ele utiliza diferentes peças disponíveis no arsenal linguístico a fim de chegar a um resultado o mais próximo possível do objetivo inicial.

Para continuarmos as análises, selecionamos três textos que abordam um tema comum: o uso de tecnologias no contexto escolar. Vale ressaltar que as plataformas de divulgação, os interlocutores e os objetivos gerais não são os mesmos. Devido a essa soma de fatores, os textos finais são, portanto, diferentes entre si.

Texto 1



A postagem feita na rede social tem um tom mais informal, aceita o uso da primeira pessoa do singular, tem extensão variável e pode mobilizar todos os tipos de texto, dependendo de seu objetivo.

Este trecho condensa o objetivo principal de todo o texto: ele tenta convencer o leitor a respeito de um ponto de vista adotado. Portanto, argumenta a partir de outros elementos

Texto 2

Em entrevista, especialista diz que tecnologia aproxima aluno e professor

Tablets, notebooks, redes sociais e softwares específicos para educação são, hoje, as principais formas de se aplicar as inovações tecnológicas em sala de aula

O uso da tecnologia em sala de aula é algo inevitável e o Brasil deve investir em um suporte tecnológico para a pedagogia. Isso é o que mostrou a pesquisa Intel Global Innovation Barometer, realizada pela Intel, com 12 mil pessoas em oito países. [...] Para entender um pouco mais sobre essa pesquisa, o uso da tecnologia em sala de aula e a relação com os alunos, o Correio entrevistou Edmilson Paoletti, gerente de Desenvolvimento de Negócios para Educação da Intel.

A tecnologia pode transformar a educação?

O brasileiro tende a ser mais aberto a novas tecnologias e acreditar nela como uma forma de evolução, assim como mostrou a pesquisa. Isso pode ser explicado pela rápida adesão da população a novas plataformas tecnológicas, como as redes sociais. E, por isso, acreditamos que aqui, sim, a educação pode ser transformada por meio da tecnologia, principalmente por alterar a forma como ocorre o processo de ensino e de aprendizagem. Ela sempre teve e ainda terá um papel fundamental daqui para a frente.

O senso comum é que a tecnologia afasta as pessoas – basta olhar WhatsApp e redes sociais. No entanto, na pesquisa, 65% dos brasileiros acreditam que ela vai aproximar o professor do aluno. Como isso ocorre?

Um dos grandes benefícios do uso da tecnologia é o desenvolvimento do trabalho em equipe e da colaboração. E isso ocorre não só entre alunos, mas também entre eles, os professores e os pais. As pessoas tendem a pensar em um afastamento, mas só porque o contato é feito de forma virtual. No entanto, isso é mais uma forma de se comunicar, uma opção. De forma alguma invalida algo pessoal e direto que, com certeza, deve acontecer no ambiente da sala de aula, é insubstituível.

Quais são as soluções tecnológicas que podem ajudar os estudantes e as escolas?

Hoje, o foco está tanto no hardware quanto no software. Juntos permitem o desenvolvimento de habilidades do século XXI, que seriam: a colaboração, o trabalho
em equipe, o pensamento crítico e as soluções de problemas. Para isso, há programas voltados para a administração que fazem a implementação e o gerenciamento do ambiente escolar, para comunicação entre os alunos, avaliação em sala,
simulação de laboratório. Quanto ao hardware, as plataformas foram evoluindo;
começou com os notebooks educacionais e recentemente começaram a surgir os
tablets. Hoje, há uma divisão entre as implementações em sala de aula das pranchetas. Algumas instituições vão preferir equipamentos que sejam mais lúdicos,
para séries do começo da escola. Em outras, faz sentido ter, por exemplo, um teclado físico, como no Ensino Médio, a fim de permitir a produção de conteúdo. [...]

PAOLETTI, Edmilson. "Em entrevista, especialista diz que tecnologia aproxima aluno e professor". Correio Braziliense, 30 out. 2014. Entrevista concedida a ALMEIDA JR., Ataide. CB/D.A. Press. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/escolhaaescola/2014/10/30/interna_escolhaescola,455245/ementrevista-especialista-diz-que-tecnologia-aproxima-aluno-e-professor.shtml». Acesso em: 29 maio 2017.

A entrevista é um texto na forma de perguntas e respostas. É um exemplo que nos faz perceber, com um pouco mais de clareza, que o **gênero textual** se constitui socialmente. Não há uma entrevista ideal ou perfeita, mas há um consenso sobre sua forma básica: ela deve ser composta de perguntas e respostas. Isso ocorre também com outros gêneros.

Texto 3

- 1. Dê ênfase aos principais problemas de aprendizagem diagnosticados.
- 2 Garanta que todos os setores da escola terão acesso às tecnologias.
- 3. Integre os responsáveis pelos alunos e a comunidade escolar.
- 4. Explore as plataformas de educação aberta.
- 5. Avalie os resultados de forma contínua.

Esse pequeno passo a passo para a implementação de novas tecnologias na sala de aula descreve ações, como um manual de instruções ou uma bula de remédios. É interessante observarmos que as formas verbais escolhidas são características desse tipo de texto.

Assim, entendemos que o conhecimento ou a percepção que acabamos de sistematizar são características que todo indivíduo tem de modo quase intuitivo: para cada situação de interlocução ou de comunicação, mobilizamos um repertório linguístico para produzir mensagens segundo o público para o qual nos dirigimos, o que pretendemos provocar nele, o objetivo que buscamos ao fazê-lo e o meio pelo qual o fazemos. Narrar, relatar, argumentar, expor e descrever são peças de características próprias com as quais construímos nosso discurso. Esse discurso, assim construído, resulta em gêneros textuais com mais ou menos elementos de cada peça, conforme exigir a situação comunicacional em que nos encontramos.



PARA PRATICAR

Observe o trecho a seguir, retirado do jornal Folha de S. Paulo, e identifique nele ao menos duas ferramentas básicas de construção textual (dois tipos textuais).

Cientistas encontram planeta similar à Terra capaz de abrigar vida

Cientistas da NASA anunciaram ontem a descoberta do primeiro planeta com o tamanho aproximado da Terra a orbitar a zona habitável de seu sistema planetário.

O achado é um passo fundamental na confirmação da desconfiança dos astrônomos de que mundos similares ao nosso sejam comuns no Universo.

O planeta orbita uma estrela com metade do diâmetro do Sol, localizada a cerca de 490 anos-luz de distância (um ano-luz é a distância que a luz percorre em um ano, cerca de 9,5 trilhões de quilômetros).

Chamada de Kepler-186, ela abriga cinco planetas identificados, o quinto dos quais com aproximadamente 1,1 vez o diâmetro terrestre, localizado na chamada zona habitável.

Essa região do sistema planetário é definida como a área em torno de uma estrela onde um planeta receberia a quantidade certa de radiação para abrigar água em estado líquido na superfície.

Como na Terra essa foi a condição básica para que o planeta desenvolvesse formas de vida, os cientistas esperam que ela seja um bom termômetro para a busca de outras biosferas no Cosmo.

O anúncio foi feito ontem pela NASA, simultaneamente à publicação de um artigo científico na revista Science. E os cientistas chegaram até a especular que tipo de vida poderia habitar o mundo.

NOGUEIRA, Salvador. "Cientistas encontram planeta similar à Terra capaz de abrigar vida". Folha de S.Paulo, 18 abr. 2014. Folhapress.
Disponível em: https://www.1folha.uol.com.br/ciencia/2014/04/1442461-cientistas-encontram-planeta-similar-a-terra-capaz-de-abrigar-vida-shtmls-Acesso em: 29 maio 2017.

Acesso em: 29 maio 2017.

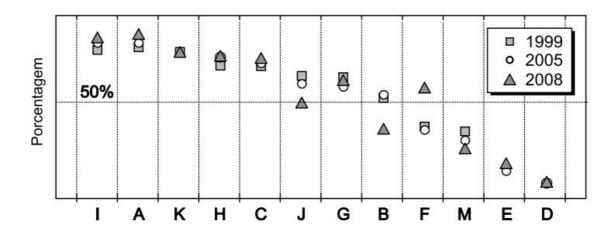
PROPOSTA DE REDAÇÃO

Unicamp 2011

Texto 1

Imagine-se como um **jovem** que, navegando pelo *site* da MTV, se depara com **o gráfico "Os valores de uma geração"**, da pesquisa Dossiê MTV Universo Jovem, e resolve comentar os dados apresentados por meio do "fale conosco" da **emissora**. Nesse **comentário**, você, necessariamente, deverá:

- a) comparar os três anos pesquisados, indicando dois (2) valores relativamente estáveis e duas (2) mudanças significativas de valores;
- b) manifestar-se no sentido de reconhecer-se ou não no perfil revelado pela pesquisa.



| I – Viver em uma sociedade mais segura, menos violenta. | G – Ter uma vida tranquila, sem correrias, sem estresse. |
|--|--|
| A – Ter união familiar, boa relação familiar. | B – Divertir-se, aproveitar a vida. |
| K – Ter uma carreira, uma profissão, um emprego. | F – Ter independência financeira/Ter mais dinheiro do que já tem. |
| H – Viver num país com menos desigualdade social/Viver numa sociedade mais justa. | M – Poder comprar o que quiser, poder comprar mais. |
| C – Ter fé/Crer em Deus. | E – Ter mais liberdade do que já tem. |
| J – Ter amigos. | D – Beleza física/Ser bonito. |

| |
|------|
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |

Texto 2

Coloque-se no lugar de um **líder de grêmio estudantil** que tem recebido reclamações dos colegas sobre o **ensino de ciências em sua escola** e que, depois de ler a entrevista com Tatiana Nahas na revista de divulgação científica Ciência Hoje, decide convidá-la a dar uma palestra para os **alunos e professores da escola**. Escreva um **discurso de apresentação do evento** adequado à modalidade oral formal. Você, necessariamente, deverá:

- a) apresentar um diagnóstico com três (3) problemas do ensino de ciências em sua escola;
- b) justificar a presença da convidada, mostrando em que medida as ideias por ela expressas na entrevista podem oferecer subsídios para a superação dos problemas diagnosticados.

Escola na mídia

Tatiana Nahas. Bióloga e professora de Ensino Médio, tuiteira e blogueira. Aos 34 anos, ela cuida da página Ciência na mídia que, nas suas palavras, "propõe um olhar analítico sobre como a ciência e o cientista são representados na mídia".

Ciência Hoje: É perceptível que seu blogue dá destaque, cada vez mais, à educação e ao ensino de Ciências.

Tatiana Nahas: Na verdade, é uma retormada dessa direção. Eu já tinha um histórico de trabalho em projetos educacionais diversos. Mas, mais que isso tudo, acho que antes ainda vem o fato de que não dissocio sobremaneira pesquisa de ensino. E nem de divulgação científica.

CH: Como você leva a sua experiência na rede e com novas tecnologias para os seus alunos?

TH: Eu não faço nenhuma separação que fique nítida entre o que está relacionado a novas tecnologias e o que não está. Simplesmente ora estamos usando um livro, ora os alunos estão criando objetos de aprendizagem relacionados a determinado conteúdo, como jogos. Um exemplo do que quero dizer: outro dia estávamos em uma aula de microscopia no laboratório de Biologia. Os alunos viram o microscópio, aprenderam a manipulá-lo, conheceram um pouco sobre a história dos estudos citológicos caminhando em paralelo com a história do desenvolvimento dos equipamentos ópticos, etc. Em dado ponto da aula, tinham que resolver o problema de como estimar o tamanho das células que observavam. Contas feitas, discussão encaminhada, passamos para a projeção de uma ferramenta desenvolvida para a internet por um grupo da Universidade de Utah. Foi um complemento perfeito para a aula. Os alunos não só adoraram, como tiveram a possibilidade de visualizar diferentes células, objetos, estruturas e átomos de forma comparativa, interativa, divertida e extremamente clara. Por melhor que fosse a aula, não teria conseguido o alcance que essa ferramenta propiciou. Veja, não estou competindo com esses recursos e nem os usando como muleta. Esses recursos são exatamente o que o nome diz: recursos. Têm que fazer parte da educação porque fazem parte do mundo, simples assim. Ah, mas e o monte de bobagens que encontramos na internet? Bom, mas há um monte de bobagens também nos jornais, nos livros e em outros meios 'mais consolidados'. Há um monte de bobagens mesmo nos livros didáticos. A questão está no que deve ser o foco da educação: o conteúdo puro e simples ou as habilidades de relacionar, de interpretar, de extrapolar, de criar etc.?

CH: Você acha que é necessário mudar muita coisa no ensino de Ciências, especificamente?

TN: Eu diria que há duas principais falhas no nosso ensino de Ciências. Uma reside no quase completo esquecimento da história da ciência na sala de aula, o que faz com que os alunos desenvolvam a noção de que ideias e teorias surgem repentinamente e prontas na mente dos cientistas. Outra falha que vejo está no fato de que pouco se exercita o método científico ao ensinar Ciências. Não dá para esperar que o aluno entenda o modus operandi da ciência sem mostrar o método científico e o processo de pesquisa, incluindo os percalços inerentes a uma investigação científica. Sem mostrar a construção coletiva da ciência. Sem mostrar que a controvérsia faz parte do processo de construção do conhecimento científico e que há muito desenvolvimento na ciência a partir dessas controvérsias. Caso contrário, teremos alunos que farão coro com a média da população que se queixa, ao ouvir notícias de jornal, que os cientistas não se resolvem e uma hora dizem que manteiga faz bem e outra hora dizem que manteiga faz mal. Ou seja, já temos alguns meios de divulgação que não compreendem o funcionamento da ciência e a divulgam de maneira equivocada. Vamos também formar leitores acríticos?

CARMELO, Thiago. Ciência Hoje On-line. Disponível em: https://enciahoje.com.br.
Acesso em: 04 mar. 2010. (Adapt.).

| To the state of th | |
|--|---|
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | - |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| , | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |

Texto complementar

"Falta amor no mundo, mas também falta interpretação de texto"

Lara Brenner Publicado originalmente na Revista Bula

Que me perdoem os analistas de funções, tabelas, números complexos e logaritmos, mas desenvolvi uma teoria baseada em nada além do que meus próprios olhos e ouvidos vêm testemunhando há tempos: considerável parte do desamor que paira hoje no mundo se deve à incapacidade de interpretação de texto. Sim, senhores. A incompreensão da Língua tem deixado as línguas (e os dedos frenéticos que navegam pelos teclados) mais intolerantes, emburrecidas e inacreditavelmente loucas.

Talvez esse bizarro fenômeno se deva à carência de ideologias e certezas, que fizeram Bauman (o sociólogo da moda, salve, salve!) enxergar a "liquidez" da modernidade e a fragilidade de referências. Talvez seja apenas falta do que fazer e uma intensa carência de reconhecimento nas mídias sociais. Ou quem sabe Umberto Eco estivesse certo ao afirmar que as redes sociais deram voz aos imbecis. "Normalmente, eles (os imbecis) eram imediatamente calados, mas agora têm o mesmo direito à palavra de um Prêmio Nobel". Viva a democracia virtual!

Fato é que a imbecilidade se tem traduzido em palavras vindas de mentes que não sabem compreender... palavras! Eros versus Pasquale, Afrodite versus Bilac e a falta de amor no mundo se reduziu a uma simples questão de semântica. Qualquer manifestação minimamente opinativa e já tiram — sabe-se lá de que cartola mágica — uma interpretação maliciosa, completamente descontextualizada e muitas vezes motivada pela leitura de mero título ou pela escolha de imagem ilustrativa.

Só que a falta de compreensão se estende além das redes virtuais. Basta que haja qualquer debate numa mesa de bar e "Calma lá, meu chapa, não foi isso que eu disse...", "Você entendeu errado...", "Não foi isso que eu quis dizer...". E, de repente, não se diferencia mais quem não sabe falar de quem não sabe entender. O quadro se torna insustentável quando se adicionam como ingredientes hipérbole, metáfora e principalmente ironia fina. Fina mesmo é a distância entre o soco e o infeliz nariz daquele que não se faz compreender.

É claro que o praticante da incompreensão textual jamais se entenderá como parte da porcentagem de analfabetos funcionais. Se as pesquisas apontam que apenas 8% dos brasileiros entre 15 e 64 anos são capazes de se expressar e de compreender plenamente, ele estará no meio. Se fossem 2%, ele estaria no meio. Se apenas um único brasileiro fosse capaz de interpretar texto, certamente seria ele. O drama da incompreensão é que ela distorce a análise de si. Somos textos ambulantes, afinal.

"Estou farto de todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo", disse Manuel Bandeira, sem saber que, tanto tempo depois, estaria nadando de braçada na (in)compreensão baseada em conteúdo distorcido ou jamais dito por aquele que toma porrada. Nunca se capitularam tantas frases fora de seu contexto, Manuel.

Está faltando amor no mundo, mas disso pelo menos todo mundo sabe. O que falta entender é que falta principalmente interpretação de texto. E quem sabe o mundo possa se amar mais quando todos realmente falarem a mesma língua.

Título tomado de empréstimo de Leonardo Sakamoto.

Disponível em: mas-tambem-falta-interpretacao-de-texto/>.

Acesso em: 19 fev. 2017.

Nesse texto, a articulista Lara Brenner apresenta algumas situações cotidianas nas quais precisamos de uma interpretação de textos comum aos interlocutores para que haja sucesso na comunicação da mensagem. Isso tem parecido cada vez mais difícil, segundo ela, dado que muitos brasileiros são analfabetos funcionais. A incompreensão do outro, porém, pode levar à intolerância e à violência, o que torna a falta de reflexão muito grave quando pensamos socialmente.

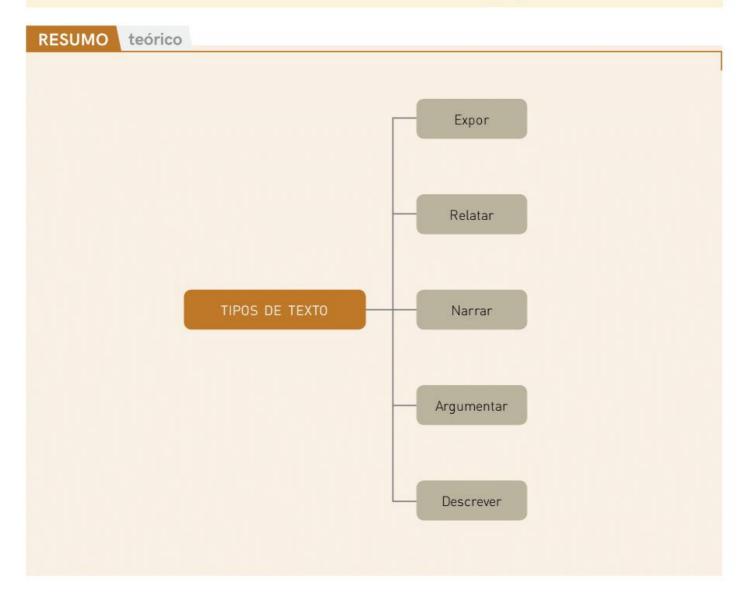
Quer saber mais?

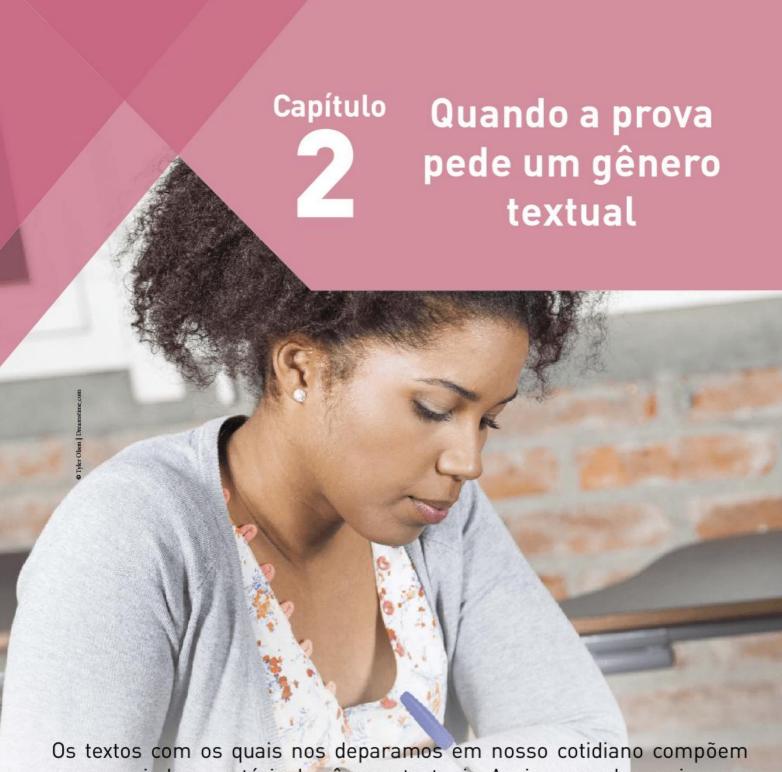


 Produção textual, análise de gêneros e compreensão, de Luiz Antônio Marcushi. Parábola Editorial, 2008. O livro trabalha com diversos gêneros textuais, exemplificando e detalhando o que constitui os gêneros mais cotidianos.



 Na canção "Consumado", de Arnaldo Antunes, o eu lírico diz que fará diversas outras canções para a pessoa amada. A cada novo estilo ou gênero musical evocado, percebemos que a composição seria diferente: ainda que fosse uma música de amor em qualquer gênero, um blues ou um samba precisariam de elementos diferentes para serem compostos, como um texto simples. Valem o som, a reflexão e a imaginação.





Os textos com os quais nos deparamos em nosso cotidiano compõem nosso variado repertório de gêneros textuais. Assim, quando precisamos elaborar um texto, é fundamental conhecermos a situação de comunicação em que será produzido. Entre outros critérios, devemos nos perguntar:

- · Para quem estamos escrevendo?
- · Com que finalidade?
- Onde divulgaremos esse texto?

Entender o contexto de produção e circulação dos textos é muito importante. É tempo de se organizar!

As provas de vestibular que abordam gêneros textuais costumam deixar claro, nos manuais e editais, que estão cobrando nada mais que leitura e escrita. Espera-se que o candidato seja capaz de ler e interpretar um texto-base de forma madura e autônoma e de reorganizar as informações colhidas durante a leitura em um outro formato. Quando existe essa exigência, então, temos de pensar sempre na **situação de comunicação**, ou seja, é necessário observarmos todos os elementos do processo comunicativo, como o emissor, a mensagem, o receptor, o meio, a linguagem empregada e o objetivo.

Nossa memória

Não há muitos motivos para temer uma proposta de redação sobre gênero. Normalmente, é o medo que nos faz optar por aquilo que treinamos mais e que se tornou conhecido e familiar, como é o caso da dissertação. O problema é que nem sempre o que aprendemos sobre dissertação será suficiente para cumprir as tarefas solicitadas, porque cada gênero textual será composto de peças diferentes que escolheremos conforme a situação.

Em breve, estudaremos a dissertação de vestibular e perceberemos que ela mobiliza uma composição de ideias específicas, as quais lhe dão um caráter próprio; é por isso que ela não apresentará as mesmas características de uma notícia, por exemplo. Nesse sentido, temos a nosso favor o fato de sermos seres sociais e de nos comunicarmos por meio do verbo; sendo assim, é pouco provável que uma prova de vestibular peça a construção de um texto com o qual nunca tivemos contato. Então, se o gênero é construído socialmente, tendemos a reconhecê-lo por sua frequência.

No vestibular de 2012, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) solicitou a construção de um **verbete**, o que assustou muitos candidatos. Porém, a proposta era clara: criar um texto destinado a leigos em informática para ser publicado em uma enciclopédia *on-line* Habituados ao ambiente virtual – principalmente as gerações mais jovens –, conhecemos ao menos uma enciclopédia *on-line* em que é possível encontrar explicações breves sobre determinado assunto. Sabemos seu formato interno, suas subdivisões, sua linguagem, entre outras de suas características. É com base em memórias desse tipo, portanto, que conseguiremos construir nossas redações. **Fazer texto não se aprende do zero!**

O contexto

Para produzir um texto em uma situação específica, é fundamental que nos percebamos como personagens. Uma das propostas de redação das aulas anteriores sugeria que você se colocasse na posição de um jovem, analisasse um gráfico disponível *on-line* e, depois, fizesse um comentário a respeito desse gráfico. Como jovem, você entraria no *site* de uma emissora de TV, refletiria a respeito do gráfico exposto e escreveria para a emissora comentando o assunto?

Já fez isso antes ou, ao menos, parece-lhe natural fazê-lo? Caso sua resposta seja negativa, note que, para redigir o texto, seria necessário fingir

> ser esse jovem. Perceba que, se você achar que é bobeira comentar gráficos em sites de emissoras e não se der conta da "máscara" exigida, seu humor para escrever pode levá-lo a uma escolha vocabular mais pobre e deixar o texto com um tom monótono demais. Isso mostra que a prova que pede gênero textual exige mobilidade situacional de sua parte, uma percepção de que todo contexto é teatral e que somos todos personagens interagindo, que selecionam traços de suas personalidades conforme a conveniência.



Essa representação não é exclusividade da produção textual. Observe suas relações cotidianas: você escreveria um bilhete para sua mãe da mesma forma que redigiria um *e-mail* para o professor? Você faria comentários no Facebook do seu colega de sala com o mesmo vocabulário e a mesma formalidade que usaria para mandar uma carta a um jornal? É sobre isto que estamos falando: a percepção do que utilizar na situação de produção garantirá a segurança de que seu texto é adequado ao que está sendo pedido.

Análise de uma proposta real

Observe a proposta a seguir, retirada do vestibular de 2012 da UEM.

Os textos desta Prova de Redação abordam a temática sobre a influência dos pais na escolha profissional dos filhos poder ser positiva ou negativa. Tendo-os como apoio, redija os gêneros textuais solicitados.

Texto 1

Influência dos pais na hora da escolha - Stefanie Archilli

Para a coordenadora do curso de Pedagogia do Isca Faculdades, Alessandra Pascotto, os adolescentes precisam de um direcionamento saudável, sem a imposição dos pais.

A influência deve ser vista como uma orientação, segundo Alessandra. A pedagoga explicou que o adolescente não tem condição de fazer essa escolha sozinho, por isso precisa da ajuda dos pais, familiares e amigos. "Eles são muito jovens e precisam de um direcionamento. Os pais podem levá-los para fazer um teste vocacional, para conhecer uma pessoa que é formada na área que escolheram e até visitar a faculdade e conversar com os professores". (...)

Tão naturalmente como foi a escolha de Vitória Pinatto, 18 anos, que está estudando para passar no curso de Administração de Empresas. "Meus pais me influenciaram de forma indireta. Minha mãe tem uma loja e meu pai trabalha em uma empresa. Vendo o contato deles com a área de administração, acabei optando por fazer uma faculdade nessa área. Me espelho muito neles".

Texto adaptado de <www.jlmais.com/index.php?option=com_content&view=article&id=97056&cat...>.
Acesso em: 4 set. 2012. Publicado em: 12 nov. 2011.

Texto 2

A 1ª escolha profissional do adolescente: quem influencia? – Anaí Auada

Quem tem um adolescente em casa sabe, sente na pele a pressão e a ansiedade do momento da primeira escolha profissional. (...)

Esse momento é inegavelmente tenso. (...)

Desafia cada membro da família a pensar alternativas, buscar seus próprios sonhos, tentar resgatar aquele desejo de realizar algo que não foi possível até então. Desde o clássico exemplo de pais sedentos por realizar seus anseios por meio do filho até o envolvimento de avós, tios, irmãos, primos e amigos de convivência próxima à família.

O jovem é visto como um papel em branco, pronto para receber qualquer história, seja para salvar aquele projeto que não teve sua chance no passado como para confirmar as próprias escolhas realizadas, devendo, portanto, ser repetidas. [...]

O risco de o jovem ser direcionado é ele decidir a partir de expectativas de outras pessoas (no caso, os pais), e não de seus próprios anseios. Por consequência, abre-se espaço à frustração, uma vez que as necessidades pessoais (do adolescente) não foram consideradas.

Texto adaptado de <www.mundovestibular.com.br/articles/1423/1/.../Paacutegina1.html>. Acesso em: 13 set. 2012. O primeiro texto é meramente expositivo: traz a visão da coordenadora do curso de Pedagogia e a de uma estudante sobre as escolhas de curso no vestibular.

O segundo texto tem traços de relato e de argumentação: há uma narrativa pessoal introduzindo o assunto, e é apresentado um ponto de vista sobre o tema.

GÊNERO TEXTUAL 1 - ARTIGO DE OPINIÃO

Na sua opinião, a influência dos pais pode ser positiva ou negativa na escolha profissional dos filhos? Tendo como apoio os textos 1 e 2, responda a essa questão polêmica, produzindo um ARTIGO DE OPINIÃO, com no mínimo 10 e no máximo 15 linhas. Você deverá dar um título ao seu artigo. Para orientar sua produção, considere que seu texto será publicado em um jornal de circulação local, cujos leitores podem ter uma opinião diversa da sua, ou podem não ter ainda uma opinião formada sobre a questão em pauta.

GÊNERO TEXTUAL 2 - TEXTO INSTRUCIONAL

Tendo como apoio os textos 1 e 2, redija um TEXTO INSTRUCIONAL aos leitores da Revista Pais & Adolescentes, com no mínimo 10 e no máximo 15 linhas, no qual sejam apresentadas instruções aos pais sobre como proceder com seus filhos no momento da escolha profissional deles. Você pode optar por dar ou não um título ao seu texto.

Disponível em: http://www.vestibular.uem.br/2012-V/uemV2012p2g1.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2017.

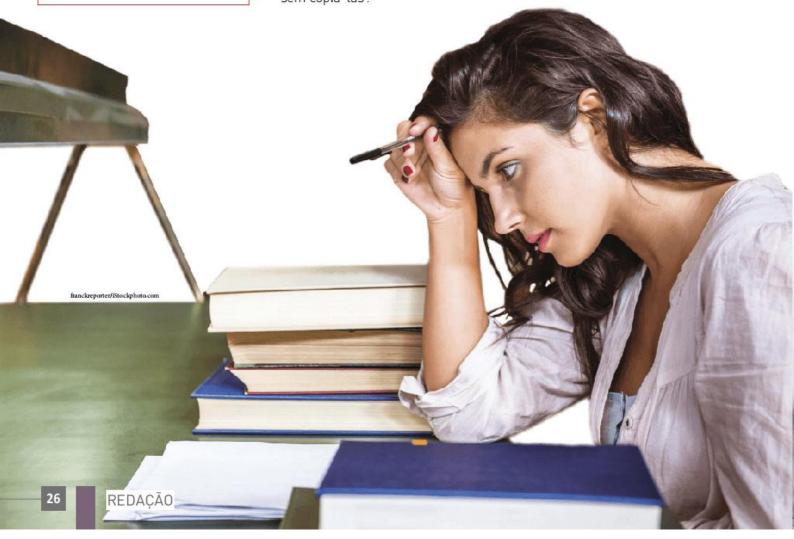
A coletânea ou os textos-fonte

Como você pôde notar, os mesmos textos funcionam como coletânea para os dois **gêneros** solicitados; isso mostra que as informações circulam das mais variadas formas e que qualquer tema pode ser base para a construção dos mais diversos discursos.

Uma questão, porém, que pode gerar dúvidas é o fato de a maior parte dos vestibulares anular uma redação que tenha cópia dos textos motivadores. O que fazemos, então, se precisamos usar as informações da coletânea, sem copiá-las?

Atenção!

Copiar um texto é reproduzir uma sequência sintática de forma idêntica à original. A reprodução de ideias com outras palavras é o que se costuma chamar de paráfrase.



Quando tratarmos da dissertação, será importante lembrar que muitos vestibulares não aceitam a paráfrase, que é a reprodução do conteúdo de um texto de maneira diferente.

No entanto, aqui, a paráfrase será nossa aliada para alguns gêneros (especialmente os que não abrem espaço para opinião), e a coleta de dados será fundamental, ou seja, a busca de referências na proposta para que possamos marcar a relação entre a produção e o que foi pedido.

O primeiro gênero solicitado pela prova é um **artigo de opinião**, que, como o próprio nome já diz, exige uma opinião, um posicionamento. Mais uma vez, vamos observar como o comando é redigido:

Tendo como apoio os textos 1 e 2, responda a essa questão polêmica produzindo um ARTIGO DE OPINIÃO.

Ou seja, os textos serão nosso apoio. E qual é a situação de comunicação?

[...] considere que seu texto será publicado em um jornal de circulação local, cujos leitores podem ter uma opinião diversa da sua, ou podem não ter ainda uma opinião formada sobre a questão em pauta.

Aqui temos o veículo em que o texto circulará e a interlocução colocada. Mobilizaríamos talvez RELATO, talvez NARRAÇÃO, mas principalmente a ARGUMENTACÃO.

O segundo gênero solicitado pela prova é um **texto instrucional**, também com base nos textos 1 e 2. O que muda é o comando principal, pois solicita um texto:

no qual sejam apresentadas instruções aos pais sobre como proceder com seus filhos no momento da escolha profissional deles.



PARA PRATICAR

Para cada uma das propostas a seguir, produza um parágrafo explicativo em que você detalhe para seu leitor o que está sendo pedido e quais são as "peças" (os **tipos de texto**) mais relevantes para a produção do texto em questão.

1 Uepa 2012 PROPOSTA 2 – NARRAÇÃO As palavras também são responsáveis pela violência simbólica. Palavras têm forma, cor e textura, palavras têm peso, têm cheiro e têm gosto. Palavras têm alma e têm rosto, palavras têm vida. Uma palavra maldita fere e causa

peso, têm cheiro e têm gosto. Palavras têm alma e têm rosto, palavras têm vida. Uma palavra maldita fere e causa uma dor que, às vezes, não sabemos definir, mas aperta nosso coração e nos deixa sem fôlego. Uma palavra bendita desabrocha nossa alegria, nossa resistência e nos causa um imenso prazer.

| | m texto narrativo : | sobre um fato acor | | AVRA REPRESEN | TOU UMA VIO- |
|------------|---------------------|--------------------|--|---------------|--------------|
| | | | | | |
| - | | | | | |
| 99 | | | | | |
| 223 203 | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| e: | | | | | |
| *** | | | | | |
| | | | | | |

2 UEM 2011 Os textos A e B desta prova de Redação abordam o tema morar em república. Tendo-os como apoio, redija os gêneros textuais solicitados.

Texto A

Morar em república pede divisão de tarefas - da Folha de S.Paulo

Conciliar festas e estudos e uma boa dose de liberdade com responsabilidade. Esses talvez sejam os maiores dilemas para quem mora em uma república. "A maior dificuldade de estudar em Ouro Preto é aquentar a quantidade de festas", afirma Enauê Paiva, 22, que cursa o sétimo período de Nutrição na Universidade Federal de Ouro Preto. Enauê divide o aluguel de R\$ 1.300 da república particular Snoopy, onde mora, com mais 13 mulheres, todas estudantes. E como será conviver com um grupo de 13, 20 moradores sob o mesmo teto? Para Enauê, "é preciso respeitar o outro". "Morar com 13 pessoas não é fácil, ainda mais sendo mulheres, mas vale a pena. A gente se sente como irmãs". Ouro Preto (MG) pode ser considerada a capital brasileira das repúblicas estudantis. A cidade, que tem cerca de 65 mil habitantes, possui 72 repúblicas públicas e mais de 200 particulares. Otávio Luiz Machado, 27, também mora em Ouro Preto, mas em uma república masculina e pública, com outros 24 moradores. Para ele, não há muitos problemas em morar com tantas pessoas, desde que as tarefas sejam divididas e cumpridas de forma justa. "Temos reuniões a cada 15 dias. Em cada mês, uma dupla fica responsável pelas questões administrativas da casa. Quanto à limpeza, além da diarista, cada um tem de zelar pelo seu espaço". Se você não encontrar vaga em uma república, outra opção é morar em uma pensão, onde qeralmente os custos também são baixos, mas com menor liberdade. Ou você mesmo pode fundar uma república. Foi o que fez Domingos Fortunato Netto, 22, estudante de Direito da Universidade Mackenzie de SP. Em 1997, ele alugou um apartamento na região central da capital paulista e começou a dividi-lo com outros estudantes. Hoje, ele mora com três alunos universitários. "É bom porque economizamos bastante dividindo as despesas. Mas o melhor é que aprendi muito, a cuidar de uma casa e a tolerar os outros", diz (Alessandro Tarso)

> Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u2641.shtml>. Acesso em: 9 de ago. 2011.

Texto B

Morar em república

Entre as maiores mudanças que entrar na faculdade pode proporcionar para alguns calouros, está a mudança de cidade. Em busca de melhores oportunidades de formação e profissionais, eles deixam o município em que vivem e encaram uma nova realidade que quase sempre inclui morar em uma república.(...) "Os alunos saem de cidades bem pequenas para uma cidade relativamente grande, em comparação com a de origem deles", afirma Sabrina Novãs, assessora para assuntos comunitários e culturais da Universidade de Franca (Unifran). Ela estima que cerca de 45% dos alunos da instituição venham de outras localidades. Acostumar-se ao cotidiano de uma cidade grande é, na opinião de Sabrina, a primeira dificuldade com que os estudantes se deparam. Encontrar uma pessoa com quem dividir o novo lar também é complicado. A assessora, que atende os alunos da Unifran, recomenda aos calouros que procurem conhecer melhor os colegas com quem pretendem formar a república antes de se mudarem. Quanto menos gente, melhor. "Difícil conciliar os interesses e necessidades de muitas pessoas. E, de uma forma geral, repúblicas de pessoas com cursos afins dão mais certo."(...)

Para a psicóloga Ana Maria Franco, essencial mesmo é definir bem as regras da república logo no início. "Decidam quem vai pagar as contas, quem vai tirar o lixo, como será feita a limpeza, se vão cozinhar juntos ou cada um vai fazer sua alimentação separado, se namorados e amigos podem frequentar a casa e em que horários. Quanto mais detalhada e conversada for essa divisão, menor a chance de aborrecimentos depois", afirma.

Apesar das dificuldades, morar fora é sempre uma experiência enriquecedora e até recomendável, dizem as especialistas. "O estudante aprende a respeitar o espaço dos outros", diz Sabrina. "Os jovens ganham maturidade e desenvolvem a responsabilidade. É uma grande oportunidade de crescimento pessoal e por isso deve ser aproveitada ao máximo", afirma Ana Maria.

Disponível em: http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2004/0322/morar-em-republica.html.

Acesso em: 9 de ago. 2011.

GÊNERO TEXTUAL 1 - TEXTO INSTRUCIONAL

| contém matérias dirigidas, geralmente, ao público jovem. Você assumirá a posição de um(a) estudante morad de uma república, que dará instruções de sobrevivência para quem deseja morar em uma república para esto evando em consideração as informações dos textos A e B, mas também ampliando-as. | lor(a |
|---|-------|
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |

3 UEPB 2013 PROPOSTA 01

Texto 1

Existe internet sem pirataria?

Da música ao cinema, passando pelo telefone, os correios, a televisão, a literatura e a fotografia, tudo se adaptou à rede mundial de computadores e à sua capacidade de replicar conteúdo. Mas será que quando postamos no Facebook uma foto ou vídeo que recebemos do amigo de um amigo, que, por sua vez, capturou no blog de outro amigo, estamos cometendo um ato de pirataria?

Até que ponto replicar conteúdo é crime? "A internet e a pirataria são inseparáveis", disse à INFO Joe Karaganis, diretor do instituto de pesquisas americano Social Science Research Council. "Há uma infraestrutura pequena para controlar quem é o dono dos arquivos que circulam na rede. Isso acabou com o controle sobre a propriedade e tem sido descrito como pirataria, mas é inerente à tecnologia", afirma Karaganis. [...]

Por Juliano Barreto e Maurício Moraes, da INFO - Quarta-feira, 18 de abril de 2012. Disponível em: http://info.abril.com.br/noticias/internet/existe-internet-sem-pirataria-8042012-32.shl.

Texto 2

O intelectual está morto. Viva o internectual!

[...] Para detectar intelectuais, pergunte o que é um "efeito viral". Dirão que se trata de uma epidemia (possivelmente de dengue). Vá mais adiante e procure saber o que é uma "campusparty". Respondem que são festas organizadas em campi de universidades americanas na formatura de alunos. Finalmente, para tirar qualquer dúvida, peçam que digam o que pensam dos livros eletrônicos. A resposta inevitável será: "gosto do cheiro de papel", como se odor interferisse na leitura ou nas ideias expostas no texto. [...]

No ano passado, uma livraria virtual na Austrália lançou Fifty shades of grey, que até janeiro de 2012, vendera 7 mil exemplares em livro eletrônico (o tal sem cheiro de papel). Em fevereiro, o número tinha saltado para 100 mil cópias (efeito viral), chamando a atenção das grandes editoras mundiais. No dia 21 de abril, depois que seus direitos foram comprados pela Random House, o número de exemplares vendidos em livro eletrônico estava em torno de 2,5 milhões. A imprensa só passou pelo fenômeno agora... Pela primeira vez na história, temos acesso irrestrito a bens culturais. Com o advento da internet, todos puderam expressar o que pensam a respeito de qualquer tema – incluindo aí as obras literárias. [...]

Paulo Coelho, Revista Época. São Paulo: Editora Globo, 4 de junho de 2012, p. 115.

| Com base na reflexão dos textos apresentados, escreva um ARTIGO DE OPINIÃO para ser publicado em uma revista pecializada de circulação nacional, argumentando sobre o tema "baixar conteúdos na internet: permitir ou proibir?" |
|--|
| peciatizada de circutação hacionat, argumentando sobre o tema "baixar conteddos na internet, permitir od proibir s |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |

PROPOSTA DE REDAÇÃO

| Entre as três propostas apresentadas na seção "PARA PRATICAR", escolha a que mais lhe interessa texto exigido. Independentemente da proposta escolhida, seu texto deve ter entre 15 e 25 linhas e respei-padrão da Língua Portuguesa. | |
|---|--|
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |

Texto complementar

"A 'representação do eu' e as políticas do cotidiano"

The presentation of self in everyday life foi o primeiro livro de Goffman, publicado a partir de sua tese de doutorado defendida na Universidade de Chicago (Communication conducts in an Island community, de 1953). O livro foi um sucesso de vendas desde sua primeira edição, vendeu mais de dois milhões de exemplares e foi traduzido em dezessete idiomas. No Brasil, é reeditado ininterruptamente desde 1975, sendo que em 2005 já alcançava sua 13ª edição. [...]

Deste livro, gostaria de destacar dois pontos para discussão. Em primeiro lugar, a noção de "definição da situação". Central no pensamento goffmaniano e de toda a Escola de Chicago, essa expressão é originária da obra de William Thomas, tendo aparecido pela primeira vez em um artigo de 1923. Trata-se do processo a partir do qual se atribui um sentido ao contexto vivido, da resposta que cada pessoa dá à seguinte pergunta: o que está acontecendo aqui, agora? Ela é central, portanto, para se compreender o modo como as pessoas orientam suas ações na vida cotidiana.

Por exemplo, se uma pessoa entra numa sala, vê um caixão com um corpo, velas, flores e gente chorando, certamente poderia pensar de que se tratava de um velório, e que seria melhor não contar alguma piada. Ou seja, as pessoas definem uma situação, e a partir disso orientam-se para agir de maneira adequada. Isso não significa necessariamente que a definição esteja correta. Poderia, seguindo o exemplo, não ser uma cena real de velório, e o sujeito dentro do caixão era um ator, não um defunto. Em outras palavras, uma definição equivocada da situação poderia causar constrangimento. Definir a situação, pois, é fundamental para a vida de qualquer indivíduo que vive em sociedade, no sentido de entender o que está acontecendo e se alinhar adequadamente às diferentes situações.

Deste ângulo, pode parecer que a noção de definição da situação seja uma prerrogativa individual, um processo mental. Cada um definiria a situação como melhor lhe aprouvesse. Mas existem diferentes maneiras de definir uma mesma situação, e elas estão permeadas por uma relação de poder. Quem tem o poder de definir mais legitimamente o que está acontecendo ou, numa dimensão mais individual ainda, o que alguém "é"? Tomemos um exemplo trazido por Howard Becker:

Consideremos o caso da maconha. As pessoas que a usam têm uma linguagem para se referir a ela. Elas falam em "viajar" e têm muitos sinônimos para maconha, referindo-se a ela, por exemplo, como "marofa". [...] Outras pessoas, cujos mundos também incluem a maconha – médicos, advogados, policiais – terão outras palavras para as mesmas coisas, talvez falando de "adição", "cannabis" e "traficantes". [...] O modo pelo qual as coisas são chamadas quase sempre reflete relações de poder. As pessoas no poder chamam as coisas do que quiserem, e as outras têm que se ajustar a isso, talvez usando suas próprias palavras em privado, mas aceitando aquilo de que não podem escapar (2004, p. 102).

A relação de poder existe na medida em que algumas definições da situação são mais legítimas do que outras, e essa legitimidade é a resultante de quem tem o poder de propor e sustentar a definição. A diferença, por exemplo, entre um "militante de esquerda" e um "subversivo" – para pensar em categorias típicas da ditadura militar – é uma questão de definição da situação.

Equívocos na definição da situação, por outro lado, podem se tornar questões de Estado. Goffman chama de "comunicação imprópria" a ação decorrente de uma definição equivocada da situação, quando alguém fala e faz coisas como se estivesse em um lugar apropriado. No início dos anos de 1990, por exemplo, o então todo-poderoso Ministro da Fazenda Rubens Ricupero conversava com um repórter, pouco antes de dar uma entrevista para a Rede Globo. Enquanto se ajustavam o foco e o microfone, as imagens iam sendo transmitidas por micro-ondas para a unidade móvel, que enviaria o sinal "oficial" com a entrevista para todo o país. O que disse literalmente e entre sorrisos o ministro nos "bastidores"? Uma frase goffmaniana até a medula: "Eu não tenho escrúpulos: o que é bom, a gente mostra; o que é ruim, a gente esconde". Aconteceu que algumas antenas parabólicas de residências próximas ao local da entrevista captaram o sinal de micro-ondas da câmera; algumas pessoas gravaram as imagens em videocassetes e as enviaram para emissoras de televisão. O estrago já estava feito. Não tem problema nenhum mostrar o que é bom e esconder o que é ruim, o problema é os outros ficarem sabendo que fazemos isso. Porque todos agem desta forma, "manejando a impressão", para usar uma expressão de Goffman. Mas se um ministro afirmar na frente de uma câmera para o país inteiro ouvir que ele "não tem escrúpulos", sua posição torna-se insustentável. Ou seja, uma simples questão de controle da informação, por conta de uma definição equivocada da situação, mudou os rumos da economia nacional. [...]

Essa forma de controle social perpassa todos os meandros de nossa vida cotidiana, apontando sobre cada pessoa uma "espada de Dâmocles" interacional. E, neste caso, qualquer pessoa indistintamente tem a possibilidade de, em algum momento, passar vergonha, seja por causa de uma gafe, seja por ser apanhada numa situação indevida. Esse tipo de coerção independe de uma força externa que nos obriga a agir de determinada maneira. Docilmente nos enquadramos, docilmente lemos os livros que todos leem, docilmente aceitamos um ordenamento social frequentemente injusto, desigual. Fazer frente a isso pode "pegar mal", pode "ficar chato", pode ser embaraçoso.

GASTALDO, Édison. "Goffman e as relações de poder na vida cotidiana". Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, v. 23, n. 68, out. 2008.

O texto de Édison Gestaldo faz uma breve introdução à obra de Erving Goffman, teórico que cruza Sociologia e Artes Cênicas. É interessante percebermos nossas interações cotidianas como cenas de um teatro um pouco maior, porque, ao final, notamos que não existe adjetivação fixa; o que existem são interações que, como um caleidoscópio, fazem com que olhemos para as mesmas pedrinhas ora compondo flores, ora compondo um polígono qualquer. A todo momento, utilizamos pontos de vista para interpretar o mundo e, com pequenas alterações, revisitamos o mesmo mundo, mas com outros sentimentos. É assim que produzimos texto.

Saiba mais

Erving Goffman foi um antropólogo, cientista social, sociólogo e escritor. Nascido no Canadá, foi considerado o sociólogo norte-americano mais influente do século XX por algumas publicações acadêmicas. Goffman focou seus estudos na sociologia da vida cotidiana, e sua contribuição mais conhecida para a teoria social é o seu estudo sobre interação simbólica.



Quer saber mais?



A representação do eu na vida cotidiana, de Erving Goffman.
 Editora Vozes, 2006. Nele, o autor apresenta sua teoria sobre as interações sociais de forma bastante acessível para leigos no assunto.

Artigo

 No artigo "Os personagens que somos. O teatro do eu.", disponível em: https://goo.gl/btqxKO, o filósofo contemporâneo Bruno Cava discute a ideia de criação de personagens no dia a dia. Confira!

PROPOSTA DE REDAÇÃO (VESTIBULAR) Gênero textual É PRECISO OBSERVAR 1. Para quem estamos escrevendo? 2. Com que finalidade? 3. Onde divulgaremos esse texto? Coletânea ou textos-fonte ATENÇÃO Verifique se é permitido usar a paráfrase. Nunca faça cópia dos textos da coletânea.

A dissertação de vestibular

Às vezes, o termo "dissertação" aparenta ser algo distante da nossa realidade. Como não é comum vê-lo em revistas ou jornais, o texto dissertativo pode até parecer inalcançável.

No entanto, pensá-lo como um dos gêneros textuais, com características

próprias, torna a composição mais fácil de ser compreendida e elaborada.



Atenção!

A dissertação é uma forma de apresentar argumentos e tem por base um ponto de vista a ser defendido.

Do que é constituída a dissertação?

Vamos imaginar uma grande metrópole, como São Paulo. Observando uma foto dessa cidade, identificaremos diversos prédios que, por mais distintos que sejam, são constituídos por elementos básicos que os caracterizam como prédios. Por sua vez, esses edifícios são construídos com os mesmos materiais essenciais (ferro, concreto etc.) utilizados em outros tipos de edificações, como em uma catedral, uma casa ou um parque. Assim, a proposta do projeto e as condições de construção determinam que o resultado do uso dos materiais seja diferente em cada uma dessas edificações. Mas o que isso tem a ver com a dissertação?

Da mesma forma, com a língua portuguesa, podemos elaborar os mais diversos textos. Variando o propósito, as condições de interlocução e os tipos, escrevemos de bilhetes a artigos, de contos a *slogans*, de bulas de remédio a teses de doutorado, entre tantas outras possibilidades textuais. De qualquer maneira, ainda que sejam distintas, por exemplo, as entrevistas que vemos na televisão daquelas que lemos em jornais, não temos problemas para percebê-las como entrevistas; mesmo que difiram as narrativas policiais dos contos fantásticos, é fácil percebê-las como algo diferente de um manual de instruções. É como se essas "construções textuais" nos oferecessem alguns traços básicos para que pudéssemos fazer a distinção entre elas. O que faremos, a partir deste capítulo, é identificar os elementos mais básicos que nos permitem reconhecer e construir o gênero **dissertação de vestibular**.

A "peça" principal à qual precisamos atentar para identificar uma dissertação é a **argumentação**, mas não é incomum que esses textos se valham também de **relato** e de **exposição**, em menor medida.

No entanto, como não podemos presumir que o leitor já conheça o assunto tratado na dissertação, é importante contextualizá-lo, como veremos adiante.

Subjetividade × objetividade

Um traço bastante característico dos textos que têm como base a **argumentação** é a busca pela objetividade. Mas o que seria isso? Vamos observar o exemplo a seguir:

Eu acho o Brad Pitt bonito.

Uma afirmação assim é de difícil comprovação. Como provaríamos para o nosso leitor que o Brad Pitt é realmente bonito? A afirmação pertence ao universo do gosto pessoal, do achismo, do sentimento. Mesmo que afirmássemos mil vezes, precisaríamos contar com a crença do interlocutor em relação a um sentimento para que ele se convencesse de que o Brad Pitt é bonito. Isso acontece porque fizemos uma interpretação do mundo utilizando exclusivamente o plano **subjetivo** de análise.

Dentro da mesma temática, vamos considerar outro exemplo:

Dado que temos um padrão de beleza frequentemente reiterado pelas propagandas e pelos discursos cotidianos que estabelecem como ideal estético os homens brancos, loiros e de olhos claros, é bem possível que boa parte da população mundial considere bonito um homem como o Brad Pitt.

A diferença é considerável. Parece que as informações foram mais bem explicadas, mas não é só isso: tudo o que foi afirmado é passível de comprovação no mundo externo. Não são mais apenas sentimentos, existe a possibilidade de colhermos provas. Podemos, por exemplo, mostrar a incidência de pessoas da cor branca em capas de revistas de moda, de pessoas de olhos claros em *outdoors* etc. É possível também debater o quanto um padrão repetido socialmente se naturaliza sem que percebamos. Estamos, portanto, no plano **objetivo** de análise, porque as afirmações podem ser discutidas e verificadas com evidências do mundo real.

Artigo de opinião × dissertação de vestibular

Na dissertação, teremos como base um **ponto de vista**, ou seja, uma afirmação que deverá ser passível de comprovação a partir de elementos da realidade sensível partilhados entre o redator e seus interlocutores. Será, então, um texto com tendências à objetividade (exceto quando a proposta se encaminhar explicitamente para o plano subjetivo, com perguntas relativas ao gosto pessoal, por exemplo).

No entanto, quando estamos redigindo a **dissertação de vestibular**, não temos total clareza de quem é o interlocutor: ele é o que costumamos chamar de **interlocutor universal** ou **leitor universal** É alguém por volta da nossa idade, com conhecimentos de mundo parecidos, que vive numa sociedade semelhante à nossa. Difícil, não é? Será mais fácil imaginar que estamos defendendo uma ideia para alguém próximo, sem deixar de considerar que todo o contexto da discussão deverá ser apresentado para que qualquer pessoa com informações mínimas sobre os pressupostos da produção desse texto seja capaz de compreender as ideias nele defendidas.

No entanto, se pendermos mais para a subjetividade, correremos o risco de configurar outro gênero: o artigo de opinião.

Ainda que sejam termos muito próximos, "opinião" e "ponto de vista", para efeitos didáticos, podem ser separados da seguinte forma:

OPINIÃO

É relativa ao campo do julgamento, do gosto pessoal.

PONTO DE VISTA

É científico e analítico, depende mais de provas concretas, de verificação na realidade.

É por isso que sentenças como as apresentadas a seguir têm efeitos diferentes na construção de um texto.

EXEMPLO 1

Investir em educação é importante.

EXEMPLO 2

Investir em educação é importante caso se deseje uma sociedade com maior participação política.

No exemplo 1, temos uma opinião.

- · Eu acho importante alguma coisa.
- Eu julgo importante.
- Não há finalidade nem relação com outras ideias.

Atenção!

Há propostas que permitem traços mais evidentes de subjetividade. Perceberemos isso quando houver um encaminhamento para o gosto pessoal. Caso nada seja perguntado diretamente sobre quem escreve, optar pela objetividade é uma saída mais segura.

Artigo de opinião é um gênero composto de forma muito semelhante à dissertação, mas, como o próprio nome já diz, trata da opinião do autor.



Um ponto de vista é defensável, inclusive com elementos da realidade externa, porém depende mais de um contrato de confiança com o leitor. Um artigo de opinião, quando publicado, vincula-se à publicação em questão. Para esse gênero, o **veículo** é muito importante, porque ele determina os **interlocutores** e, por conseguinte, as escolhas vocabulares, o grau de aprofundamento e os pressupostos. Por fim, o texto tem uma situação comunicacional construída de forma mais elaborada.

No exemplo 2, temos uma relação lógica sendo traçada: X (investir em educação) só será importante caso se deseje Y (uma sociedade com maior participação política). Caso não se deseje Y, teremos de rever X. O ato de investir em educação ser bom, nesse exemplo, não é um pressuposto; é pelo fato de traçar as relações de forma menos moral que uma afirmação assim ajuda a construir um texto mais objetivo e organizado. Essa é uma característica da dissertação de vestibular.

Editorial e texto de *blog* × dissertação de vestibular

O editorial, por sua vez, difere da dissertação porque seu contexto de producão também é distinto.

Mais uma vez, o público leitor é bem-definido: aqueles que costumam ler essa mídia específica. A diferença é justamente esta: se conhecemos o perfil dos leitores, podemos nos adequar a ele em termos linguísticos. Já na dissertação de vestibular, o leitor é universal, por isso não é possível ter pressupostos em excesso.

O mesmo acontece quando temos um texto que foi publicado em um *blog*. Ainda que se valha de algum grau de objetividade e de organização, estar em um veículo fixo deixa marcas na produção textual, que aparecem em menor medida quando dissertamos.

Editorial é um texto apresentado em nome de uma publicação, do veículo em que se encontra, e carrega em si o posicionamento da publicação em relação a um tema, geralmente uma pauta atual.

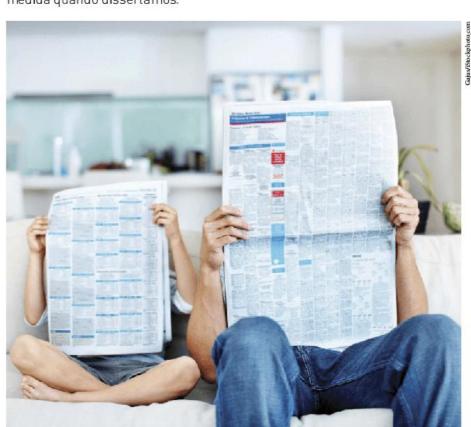
Saiba mais

Luiz Beltrão de Andrade Lima foi um teórico de comunicação brasileiro. Jornalista, escritor e pesquisador, é autor



do livro Jornalismo opinativo, em que trata, especialmente, dos editoriais. Por serem porta-vozes da opinião da publicação, acabam tendo um peso diferenciado e um espaço privilegiado na diagramação. Quem os escreve, segundo o autor, deve "estar perfeitamente a par do pensamento e objetivo do grupo empresarial".





PARA PRATICAR

O texto reproduzido a seguir é um artigo de opinião. Nele, estão destacados alguns trechos mais subjetivos. Sua tarefa será reescrevê-los de forma mais objetiva, ou seja, traçando relações passíveis de comprovação.

Política de uma nota só

Todos os males da vida nacional são creditados à corrupção. Não há mais debate político possível.

Há várias maneiras de despolitizar uma sociedade. A principal delas é impedir a circulação de informações e perspectivas distintas a respeito do modelo de funcionamento da vida social. Há, no entanto, uma forma mais insidiosa. Ela consiste em construir uma espécie de causa genérica capaz de responder por todos os males da sociedade. Qualquer problema que aparecer será sempre remetido à mesma causa, a ser repetida infinitamente como um mantra.

Isto é o que ocorre com o problema da corrupção no Brasil. Todos os males da vida nacional, da educação ao modelo de intervenção estatal, da saúde à escolha sobre a matriz energética, são creditados à corrupção. Dessa forma, não há mais debate político possível, pois o combate à corrupção é a senha para resolver tudo. Em consequência, a política brasileira ficou pobre.

Não se trata aqui de negar que a corrupção seja um problema grave na vida nacional. É, porém, impressionante como dessa discussão nunca se segue nada, nem sequer uma reflexão mais ampla sobre as disfuncionalidades estruturais do sistema político brasileiro, sobre as relações promíscuas entre os grandes conglomerados econômicos e o Estado ou sobre a inexistência da participação popular nas decisões sobre a configuração do poder Judiciário.

Por exemplo, se há algo próprio do Brasil é este espetáculo macabro onde os escândalos de corrupção conseguem, sempre, envolver oposição e governo. O que nos deixa como espectadores desse jogo ridículo no qual um lado tenta jogar o escândalo nas costas do outro, isso quando certos setores da mídia nacional tomam partido e divulgam apenas os males de um dos lados. O chamado mensalão demonstra claramente tal lógica. O esquema de financiamento de campanha que quase derrubou o governo havia sido gestado pelo presidente do principal partido de oposição. Situação e oposição se aproveitaram dos mesmos caminhos escusos, com os mesmos operadores. Não consigo lembrar de nenhum país onde algo parecido tenha ocorrido.

Uma verdadeira indignação teria nos levado a uma profunda reforma política, com financiamento público de campanha, mecanismos para o barateamento dos embates eleitorais, criação de um cadastro de empresas corruptoras que nunca poderão voltar a prestar serviços para o Estado, fim do sigilo fiscal de todos os integrantes de primeiro e segundo escalão das administrações públicas e proibição do governo contratar agências de publicidade (principalmente para fazer campanhas de autopromoção). Nada disso sequer entrou na pauta da opinião pública. Não é de se admirar que todo ano um novo escândalo apareca.

Nas condições atuais, o sistema político brasileiro só funciona sob corrupção. Um deputado não se elege com menos de 5 milhões de reais, o que lhe deixa completamente vulnerável – para lutar pelos interesses escusos de financiadores potenciais de campanha. Isso também ajuda a explicar porque 39% dos parlamentares da atual legislatura declaram-se milionários. Juntos eles têm um patrimônio declarado de 1,454 bilhão de reais. Ou seja, acabamos por ser governados por uma plutocracia, pois só mesmo uma plutocracia poderia financiar campanhas.

Mas como sabemos de antemão que nenhum escândalo de corrupção chegará a colocar em questão as distorções do sistema político brasileiro, ficamos sem a possibilidade de discutir política no sentido forte do termo. Não há mais discussões sobre aprofundamento da participação popular nos processos decisórios, constituição de uma democracia direta, o papel do Estado no desenvolvimento, sobre um modelo econômico realmente competitivo, não entregue aos oligopólios, ou sobre como queremos financiar um sistema de educação pública de qualidade e para todos. Em um momento no qual o Brasil ganha importância no cenário internacional, nossa contribuição para a reinvenção da política em uma era nebulosa no continente europeu e nos Estados Unidos é próxima de zero.

Tem-se a impressão de que a contribuição que poderíamos dar já foi dada (programas amplos de transferência de renda e reconstituição do mercado interno). Mesmo a luta contra a desigualdade nunca entrou realmente na pauta e, nesse sentido, nada temos a dizer, já que o Brasil continua a ser o paraíso das grandes fortunas e do consumo conspícuo. Sequer temos imposto sobre herança. Mas os próximos meses da política brasileira serão dominados pelo duodécimo escândalo no qual alguns políticos cairão para a imperfeição da nossa democracia continuar funcionando perfeitamente.

SAFATLE, Vladimir. "Política de uma nota só". Carta Capital, 2 maio 2012. Disponível em: <www.cartacapital.com.br/politica/politica-de-uma-nota-so>. Acesso em: 29 maio 2017.

| | |
|--------------|---|
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| ज | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| 87 | |
| | |
| | |
| 0 | |
| 10. | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | - |
| | |
| <u></u> | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| <u> </u> | |

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Fuvest 2014

Leia o seguinte extrato de uma reportagem do jornal inglês *The Guardian*, de 22 de janeiro de 2013, para em seguida responder ao que se pede:

O ministro de finanças do Japão, Taro Aso, disse na segunda-feira (dia 21) que os velhos deveriam "apressar-se a morrer", para aliviar a pressão que suas despesas médicas exercem sobre o Estado.

"Deus nos livre de uma situação em que você é forçado a viver quando você quer morrer. Eu acordaria me sentindo cada vez pior se soubesse que o tratamento é todo pago pelo governo", disse ele durante uma reunião do conselho nacional a respeito das reformas na seguridade social. "O problema não será resolvido, a menos que você permita que eles se apressem a morrer".

Os comentários de Aso são suscetíveis de causar ofensa no Japão, onde quase um quarto da população de 128 milhões tem mais de 60 anos. A proporção deve atingir 40% nos próximos 50 anos.

Aso, de 72 anos de idade, que tem funções de vice-primeiro-ministro, disse que iria recusar os cuidados de fim de vida. "Eu não preciso desse tipo de atendimento", declarou ele em comentários citados pela imprensa local, acrescentando que havia redigido uma nota instruindo sua família a negar-lhe tratamento médico para prolongar a vida.

Para maior agravo, ele chamou de "pessoas-tubo" os pacientes idosos que já não conseguem se alimentar sozinhos. O ministério da saúde e do bem-estar, acrescentou, está "bem consciente de que custa várias dezenas de milhões de ienes" por mês o tratamento de um único doente em fase final de vida.

Mais tarde, Aso tentou explicar seus comentários. Ele reconheceu que sua linguagem fora "inapropriada" em um fórum público e insistiu que expressara apenas sua preferência pessoal. "Eu disse o que eu, pessoalmente, penso, não o que o sistema de assistência médica a idosos deve ser", declarou ele a jornalistas.

Não foi a primeira vez que Aso, um dos mais ricos políticos do Japão, questionou o dever do Estado para com sua grande população idosa. Anteriormente, em um encontro de economistas, ele já dissera: "Por que eu deveria pagar por pessoas que apenas comem e bebem e não fazem nenhum esforço? Eu faço caminhadas todos os dias, além de muitas outras coisas, e estou pagando mais impostos".

theguardian.com, Tuesday, 22 January 2013. Traduzido e adaptado.

Considere as opiniões atribuídas ao referido político japonês, tendo em conta que elas têm implicações éticas, culturais, sociais e econômicas capazes de suscitar questões de várias ordens: essas opiniões são tão raras ou isoladas quanto podem parecer? O que as motiva? O que elas dizem sobre as sociedades contemporâneas? Opiniões desse teor seriam possíveis no contexto brasileiro? Como as jovens gerações encaram os idosos?

Escolhendo, entre os diversos aspectos do tema, os que você considerar mais relevantes, redija um texto em prosa, no qual você avalie as posições do citado ministro, supondo que esse texto se destine à publicação – seja em um jornal, uma revista ou em um *site* da internet.

Instruções:

- A redação deve ser uma dissertação, escrita de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível. Não ultrapasse o espaço de 34 linhas da folha de redação.
- Dê um título à sua redação.

Atenção!

Esta proposta de redação tem uma característica bastante própria, que pode ajudar a pensar todas as outras daqui para a frente: ela lança perguntas que estimulam a análise social. Toda afirmação, toda imagem ou todo texto que é produzido socialmente carrega implicações éticas, culturais, sociais e econômicas. Sendo assim, utilizar essas perguntas para pensar as notícias que lemos ou, até mesmo, outros temas de redação aguça o olhar sociológico.

| × | |
|-------------|--|
| <u>a</u> | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| D | |
| | |
| | |
| | |
| <u> </u> | |
| 8 | |
| | |
| <u> </u> | |
| | |
| | |
| - | |
| <u>u</u> | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |

Texto complementar

Em 2009, a professora Maria Thereza Fragga Rocco era vice-diretora-executiva da Fuvest. Questionada sobre as propostas de redação cobradas pelo vestibular que coordenava, concedeu à revista Época uma entrevista que permanece bastante atual. A seguir, selecionamos trechos da entrevista que podem ser esclarecedores quando pensamos em "dissertação":

ÉPOCA: Por que é tão importante selecionar alunos que escrevam bem?

Maria Thereza F. Rocco: Quem é capaz de produzir um bom texto demonstra operações mentais sofisticadas. Quando o candidato estabelece relações e utiliza um vocabulário próprio, revela maturidade para a vida, para as outras disciplinas e para o crescimento como cidadão. Nos anos 80, os estudantes que chegavam à universidade tinham grande dificuldade de escrever porque os vestibulares haviam abolido a redação. Os textos continham barbaridades e acreditava-se que os alunos não tinham condições de pensar. Não era nada disso. Eles pensavam e falavam muito bem, mas não dominavam o texto. Uma exigência feita no vestibular indica a necessidade de mudanças no ensino fundamental e no médio. Por isso, é tão importante atribuir um peso elevado à redação. O domínio da escrita eficiente é condição para a cidadania. A exigência da redação nos grandes exames é a salvação do Brasil.

ÉPOCA: O que os candidatos devem evitar nas provas de redação?

Maria Thereza: Os jovens acham que a banca é formada por senhores vetustos, que gostam de palavreado difícil e expressões rocambolescas. Os corretores são muito preparados e relativamente jovens. Não há, por exemplo, nenhum policiamento sobre as posições que o candidato assumir. O examinador não vai avaliar se o menino é politicamente correto ou ideologicamente bem orientado. Hoje em dia ninguém sabe o que é isso. Queremos apenas observar se ele sabe argumentar. Citações são bem-vindas, desde que sirvam de argumento para comprovar uma ideia. A citação vira uma inutilidade quando quer demonstrar erudição. [...]

ÉPOCA: Que obras literárias a senhora acha fundamentais para o vestibular e para a vida?

Maria Thereza: Acho imprescindível ler Guimarães Rosa. Poesia também é essencial. Ler os poetas contemporâneos de língua portuguesa, Fernando Pessoa e Drummond, é fundamental. Na prosa, fico especialmente impressionada com Guimarães Rosa e Machado de Assis. Já li Dom Casmurro 28 vezes e sempre descubro coisas em que não tinha reparado antes. Para mim, Machado é uma obsessão que ensina o tempo inteiro. Crônicas de jornal também valem a pena. São gostosas de ler e costumam ter boa qualidade literária. Adoro Danuza Leão, João Ubaldo Ribeiro e Ignácio de Loyola Brandão. Também gosto de Mário Prata, embora ele tenha elogiado Paulo Coelho, um escritor que considero menor. É importante lutar para ler. Desse embate com a palavra, que a gente sempre vence, é que vem o prazer.

ROCCO, Maria Thereza F. "Barrados no vestibular". Época, 9 set. 2002. Entrevista concedida a SEGATTO, Cristiane. Editora Globo. Disponível em: http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0.,EMI31185-15228,00-MARIA+THEREZA+F+ROCCO+BARRADOS+NO+VESTIBULAR.html. Acesso em: 30 maio 2017.

I Quer saber mais?



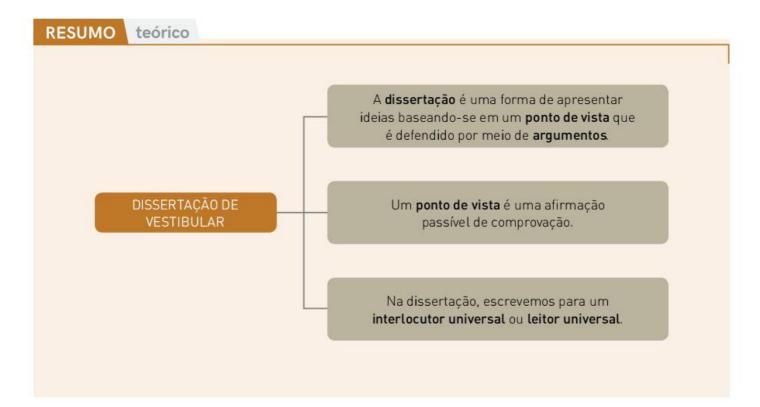
 Convite à Filosofia, de Marilena Chauí. Nele, a autora trabalha conceitos como moral e ética, fundamentais para que o olhar social fique mais preciso, maduro e respeitoso.



Filme

 No filme O que você faria? (El método), sete executivos disputam uma vaga em uma empresa e são deixados em uma sala sem saber que estão sendo observados. Ali, discussões éticas são travadas, e questões como gênero e idade são colocadas em pauta para a seleção de um funcionário adequado ao sistema.

Classificação: 14 anos. Direção: Marcelo Piñeyro.





A todo momento, estamos conectados aos mais diversos discursos e, muitas vezes, podemos sentir que não temos tanto a dizer. Então, como confiaremos em nossa própria opinião se parece existir tantas pessoas mais articuladas e informadas já opinando?

Para construir a si mesmo como ser pensante, é fundamental perceber-se parte dessa rede discursiva, o que exige nossa participação como cidadãos e como seres políticos. Vamos, portanto, **argumentar**!

Como se apresentam os comandos de uma dissertação argumentativa?

Cada prova tem um objetivo; esse objetivo vem expresso por meio da escolha de questões e de temas de redação. Até aqui, tratamos de **tipos de texto** e de **gêneros textuais** variados. Agora, então, podemos refletir sobre a natureza das provas, que têm como avaliação um texto qualquer alocado em uma situação comunicacional.

Por meio dos textos utilizados nas provas, o que se pretende avaliar são **as** capacidades de leitura e de escrita do candidato.

Mas, afinal, será que o candidato pode colher as ideias mais pertinentes de um conjunto de textos apresentado, a fim de construir sua redação apenas com essas informações?



Saiba mais

O tangram, que aparece nas imagens, é um quebra-cabeça chinês composto de sete peças. Segundo algumas lendas chinesas, o nome "tangram" teria vindo da palavra inglesa "tangan", que significa "misturas" ou "desconhecidos". Ainda que apenas imaginado por lendas, o nome remete a um mundo que pode ser constantemente criado e recriado.



Assim, se a prova pode solicitar qualquer gênero, isso significa que poderemos construir o texto com nosso "tangram linguístico". Ou seja, assim como no exemplo mostrado nas imagens, nosso trabalho também é o de organizar as peças.

No entanto, o raciocínio é diferente na dissertação, que surge neste cenário como uma figura fixa a ser construída, mas permitindo a associação de quantas peças precisarmos, de diferentes formatos e materiais.

Nas propostas de redação dos vestibulares, ainda que a exigência se limite à produção de uma dissertação, espera-se que o candidato se posicione frente a um fenômeno específico e que movimente seu conhecimento de mundo para adotar um ponto de vista.

A prova do Enem, por exemplo, deixa claro na proposta de redação que espera que o estudante atente às questões mais recentes do nosso país e se disponha a pensar em mudanças.

Em geral, os comandos para as dissertações não serão mais "leia" e "escreva", apenas. Verbos como "analise", "explique", "disserte", "argumente", "selecione", entre outros, farão parte das instruções que receberemos. E é com base nesses comandos que seremos capazes de identificar o que deveremos produzir.

A coletânea

Uma coletânea, em um mundo utópico, é um conjunto de textos que estaria circulando nos mais variados veículos que compõem o universo de leitura de quem escreve. É como se um dos textos tivesse sido ouvido no rádio, o outro lido em um *blog*, o outro em um jornal, e assim por diante... Da soma dessas leituras, surgiria a vontade de escrever e de se posicionar sobre o tema comum entre eles.

A coletânea é um **estímulo que delimita sobre o que deverá ser escrito** e **uma fonte de dados e informações**, mas o conteúdo da dissertação que será produzida **precisará ir além**.

Importante lembrar que, para construir argumentos, deveremos ser capazes de nos posicionar diante dos fenômenos. Por exemplo: se uma coletânea traz dados sobre o desperdício de alimentos no mundo (estatísticas, locais em que o desperdício é maior, tipos de alimento desperdiçados etc.), não nos caberá reproduzir esses dados, apenas, sendo fundamental problematizá-los. Vale questionar, portanto:



Que tipo de movimentação social pode fazer o lugar X desperdiçar mais alimentos do que o lugar Y?



Por que existe desperdício se há, ao mesmo tempo, pessoas passando fome?



Quem é favorecido com a manutenção dessa lógica?

Essas informações, muito provavelmente, não estarão na coletânea, cabendo a nós refletir sobre elas, reunindo conhecimentos das mais diversas áreas do saber para construir um **raciocínio lógico** que trace **relações** entre as informações. Caso haja mera reprodução, é bem possível que o texto se assemelhe mais a uma reportagem ou a algum outro gênero expositivo e, assim, seja penalizado na avaliação.

Atenção!

Vale lembrar que o leitor não necessariamente leu a coletânea e que ela deverá ser apresentada e contextualizada, caso se queira fazer referência a qualquer um dos textos. O leitor final de uma dissertação não é o avaliador da prova, mas, sim, o leitor universal; o avaliador estará ali apenas para considerar se o texto produzido poderá ser compreendido por qualquer pessoa.

Assunto × Tema

Perceberemos, ao longo do aprendizado da dissertação, que todos os temas de vestibular tratam de uma proposição central: a sociedade em que vivemos. O que muda, tema a tema, é o recorte adotado, o detalhe no qual vamos nos fixar. Quando relembramos as propostas que já apareceram nas mais variadas provas, é possível perceber que não há tema inteiramente novo, ou seja, que já passamos pelas mesmas discussões com enfoques diferentes ao longo das nossas leituras. Os enfoques são justamente o que diferencia **tema** de **assunto**.



Em 2012, a Fuvest, vestibular que seleciona para a Universidade de São Paulo, direcionou a prova de redação com a seguinte pergunta:

"Participação política: indispensável ou superada?"

Pensar no fazer político é pensar em uma sociedade que tem um elevado grau de desinteresse por questões de ordem pública e que se torna, dia após dia, mais individualista. Esse individualismo nos faz criar barreiras quando somos expostos a ideias e pessoas diferentes de nós e, portanto, criamos "camarotes".

A "camarotização" foi o foco da mesma prova em 2015. Fechados nos nossos espaços privados, alimentamos um processo de desigualdade social (frequentemente abordado também por outros vestibulares, como no ITA 2012 e Unesp 2017), de intolerância (Unifesp 2011, Enem 2016) e de violência contra minorias (Enem 2015). Portanto, se pensamos em um exemplo para explicar para o leitor um fenômeno, esse mesmo exemplo pode ser constantemente repensado, reciclado e reaproveitado porque, embora os temas sejam recortes específicos, podem abordar um mesmo assunto ou até assuntos diferentes.

Tangenciamento do tema

De acordo com o dicionário eletrônico Houaiss, **tangenciar** é um verbo que pode significar:

- traçar uma tangente a ou seguir a tangente de «no poente, a linha do horizonte parece tangenciar o Sol»;
- estar ou passar muito perto de; roçar, tocar «naquele ponto a estrada quase tangenciava o rio»;
- tocar como tangente «sua depressão tangenciava a loucura»;
- relacionar-se com, assemelhar-se a «trechos de prosa que tangenciavam a poesia».

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa.* 4. ed. rev. e aumentada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 743.

Ainda que estejamos bastante habituados à ideia de "tangente" na Geometria, como podemos notar na imagem, o conceito também é utilizado quando queremos dizer que algo passa muito perto de outra coisa. Tangenciar um tema na redação, portanto, é passar muito perto dele.

Reforcando:

Tema é aquilo que une todos os textos de uma coletânea e que marca sua especificidade.

Assunto é algo que engloba os textos da coletânea em questão, mas também vários outros, que não tratam exatamente da mesma questão, mas de um conceito mais amplo.

Para exemplificar: "intolerância", que pode englobar as mais diversas minorias, é um assunto. "Intolerância religiosa" apresenta-nos o tipo de intolerância sobre o qual se fala, por isso já pode ser um tema. "Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil" é, com certeza, um tema, porque encaminha um raciocínio bem-direcionado; além disso, traz o objetivo dessa produção textual, que é achar e enumerar caminhos.

No vestibular, se elaborarmos um texto relacionado ao assunto (mais abrangente) e não ao tema (mais específico), correremos um risco muito grande de receber desconto na nota. Isso acontece justamente porque todas as discussões se esbarram em alguma medida, mas temos, normalmente, apenas 30 linhas para nos posicionarmos; então, a escolha do que será parte constituinte da nossa redação é muito importante.

Em 2011, o Enem pediu que se escrevesse a respeito do "Viver em rede no século XXI: os limites entre o público e o privado". Quando há uma delimitação tão específica do que se quer, precisamos nos organizar para cumprir cada trechinho do limite do tema.

"Viver em rede" nada mais é do que viver conectado. "Rede" não faz referência apenas a redes sociais, mas também a tudo o que tem a ver com conexões, com internet; quem se concentrou em discutir apenas redes sociais fez um recorte muito pequeno em relação ao que era pedido e teve nota descontada por restringir a discussão. "Século XXI", por sua vez, delimita o espaço temporal que teremos para trabalhar, ou seja, ainda que tracemos um pequeno relato histórico sobre o surgimento da internet e do amplo processo de conexão, o que interessa é o que acontece hoje; perder-se na História, portanto, pode levar a um tangenciamento do tema.



PARA PRATICAR

A seguir, foram reproduzidas duas propostas de redação que tratam do mesmo ASSUNTO, mas não do mesmo TEMA. Faça a leitura atenta dos textos motivadores e sintetize, em uma frase, um TEMA possível para cada um deles:

PROPOSTA DE REDAÇÃO 1

Fuvest



 $Fonte: \verb|\http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Baarle-Nassau_fronti%C3\%A8re_caf\%C3\%A9.jpg, 30/06/2008>.$

fronteira

substantivo feminino

1. parte extrema de uma área, região etc., a parte limítrofe de um espaço em relação a outro.

Ex.: Havia patrulhas em toda a f.

2. o marco, a raia, a linha divisória entre duas áreas, regiões, estados, países etc.

Ex.: O rio servia de f. entre as duas fazendas.

3. Derivação: por extensão de sentido. O fim, o termo, o limite, especialmente do espaço.

Ex.: Para a ciência, o céu não tem f.

4. Derivação: sentido figurado. O limite, o fim de algo de cunho abstrato.

Ex.: Havia chegado à f. da decência.

Fonte: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. (Adapt.).

As fronteiras geográficas são passíveis de contínua mobilidade, dependendo dos movimentos sociais e políticos de um ou mais grupos de pessoas.

Além do significado geográfico, físico, o termo "fronteira" é utilizado também em sentido figurado, especialmente quando se refere a diferentes campos do conhecimento. Assim, existem fronteiras psicológicas, fronteiras do pensamento, da ciência, da linguagem etc.

Com base nessas ideias sugeridas, escolha uma ou até duas delas, como tema, e redija uma dissertação em prosa, utilizando informações e argumentos que deem consistência a seu ponto de vista.

PROPOSTA DE REDAÇÃO 2

ITA 2015

Leia os dois excertos a seguir e observe a reprodução da tela de Tarsila do Amaral, os quais devem servir de subsídio para a escrita de sua redação. Você não precisa citá-los nem mesmo mencioná-los.

Considerando a relação entre os dois excertos, a tela de Tarsila do Amaral e os textos da prova sobre o mesmo tema, redija uma dissertação em prosa, sustentando um ponto de vista.

Sem mão de obra, Santa Catarina importa haitianos

O haitiano O. P., de 30 anos, tem dois diplomas de nível superior – psicologia e serviço social – e fala três línguas – francês, espanhol e inglês. Seu conterrâneo, M. L., de 32 anos, tem uma carreira como engenheiro químico e já trabalhou em multinacionais. Há oito meses, eles decidiram trabalhar como operários da linha industrial de abate de suínos em um frigorífico na cidade de Chapecó, no oeste de Santa Catarina. O objetivo é tentar fugir da miséria que assola seu país desde o terremoto que matou 220.000 pessoas – o equivalente a uma Chapecó inteira – e deixou 1,5 milhão de desabrigados há quatro anos. M. L. trabalha oito horas por dia em uma câmara frigorífica em temperaturas negativas. Desacostumado ao frio, ele diz ter sofrido com dores de cabeça diárias quando chegou, mas não desistiu. Nos últimos meses, conseguiu poupar boa parte do salário de 1.500 reais e agora pretende trazer a noiva que vive no Haiti para o Brasil, como fez o colega O. P., que vai se casar até o final do ano. O. P. e M. L. fazem parte de um grupo de 800 haitianos que chegaram a Santa Catarina no ano passado atraídos pela oferta de trabalho, segundo dados da Polícia Federal.

Veja, online, 2 fev. 2014. (Adapt.).

Morar no Brasil é "sonho" internacional

O Brasil é um dos 12 países mais cobiçados para se morar, segundo uma série de pesquisas feitas em 65 nações pelo WIN – coletivo dos principais institutos de pesquisa do mundo – e tabulada pelo Estadão Dados. O crescimento econômico na última década, aliado à boa imagem cultural do País no exterior, fizeram com que o Brasil fosse citado como destino dos sonhos por moradores de dois em cada três países onde foi feito o estudo.

Na lista dos destinos mais cobiçados por quem não está feliz na terra natal, o Brasil é o único da América Latina, o único Bric (grupo formado por Brasil, Rússia, China e Índia) e a única nação ocidental em desenvolvimento. As pesquisas foram feitas no fim do ano passado e ouviram mais de 66 mil pessoas ao redor do globo. Elas foram questionadas se gostariam de morar no exterior se, hipoteticamente, não tivessem problemas como mudanças ou vistos e qual local elas escolheriam. Por isso, os resultados dizem mais sobre a imagem dos destinos mencionados do que com imigrantes em potencial

Se esse desejo virasse realidade, o Brasil receberia em torno de 78 milhões de imigrantes nesse cenário hipotético. [...]

O Estado de S. Paulo, online, 11 jan. 2014.



Operários, 1933, tela de Tarsila do Amaral (1886-1973).

PROPOSTA DE REDAÇÃO

FGV 2013

Texto 1

Um espectro ronda a Europa — o espectro do comunismo. Todas as potências da velha Europa aliaram-se em uma sagrada perseguição a esse espectro, o Papa e o Czar, Metternich e Guizot, radicais franceses e policiais alemães. [...]

Já é tempo de os comunistas exporem abertamente perante o mundo todo, sua maneira de pensar, os seus objetivos, as suas tendências, e de contraporem ao conto da carochinha sobre o espectro do comunismo um manifesto do próprio partido. [...]

Os comunistas recusam-se a dissimular suas visões e suas intenções. Declaram abertamente que os seus objetivos só podem ser alcançados pela derrubada violenta de toda a ordem social vigente até aqui. Que tremam as classes dominantes em face de uma revolução comunista. Nela os proletários nada têm a perder senão as suas cadeias. Eles têm um mundo a ganhar.

Proletários de todos os países, uni-vos!

Karl Marx e Friedrich Engels, Manifesto do Partido Comunista.

Texto 2









Laerte, Folha de S. Paulo, 2 jul. 2012.

Texto 3









Laerte, Folha de S. Paulo, 2 jul. 2012.

Texto 4









Laerte, Folha de S. Paulo, 2 jul. 2012.

Texto 5

Plebiscito Venceu o sistema de Babilônia E o garção de costeleta Copacabana, 15-4-1946

Oswald de Andrade, O escaravelho de ouro, 1946.

Texto 6

Vivemos num mundo conquistado, desenraizado e transformado pelo titânico processo econômico e tecnocientífico do desenvolvimento do capitalismo, que dominou os dois ou três últimos séculos. Sabemos, ou pelo menos é razoável supor, que ele não pode prosseguir ad infinitum. O futuro não pode ser uma continuação do passado, e há sinais, tanto externamente quanto internamente, de que chegamos a um ponto de crise histórica. (...)

Não sabemos para onde estamos indo. Só sabemos que a história nos trouxe até este ponto. (...)

Contudo, uma coisa é clara. Se a humanidade quer ter um futuro reconhecível, não pode ser pelo prolongamento do passado ou do presente. Se tentarmos construir o terceiro milênio nessa base, vamos fracassar. E o preço do fracasso, ou seja, a alternativa para uma mudança da sociedade, é a escuridão.

Eric Hobsbawm, Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991.

A presente coletânea alinha textos que se referem à investidura do proletariado como classe revolucionária (texto 1), à atual desinvestidura revolucionária dessa mesma classe (textos 2, 3 e 4) e às vitórias do capitalismo sobre as forças que o antagonizavam (textos 5 e 6).

Com base nas sugestões e reflexões neles apresentadas, redija uma dissertação argumentativa sobre o tema: **O atual triunfo do capitalismo: consequências e perspectivas**.

| Seu texto deve ter, no | | | |
|------------------------|--|--|--|
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |

Texto complementar

O texto a seguir foi considerado acima da média pela banca da FGV em 2013:

Política mundial num mundo globalizado: o que esperar

Zesde o final da Segunda Guerra Mundial até a década de 1990, a política internacional global foi dominada pela disputa ideológica, econômica e armamentista entre os blocos capitalista e socialista, liderados, respectivamente, pelos Estados Unidos e pela União Soviética: vivíamos a Guerra Iria (1945-1991). Os anos de 1989 e 1991 trouxeram, porém, a queda do Muro de Berlim e a desagregação da União Soviética, sepultando a Guerra Iria e introduzindo o planeta a uma nova fase de preponderância do capitalismo, com consequências que já começam a se manifestar e que permitem esboçar projeções políticas para o futuro.

Quanto aos países do antigo bloco socialista, eles se dividem hoje em dois grupos: o dos que insistem em adotar o sistema socialista e o dos que adotaram o capitalismo. Os primeiros vêm apresentando declínios em suas economias em função da perda do apoio que recebiam da URSS, como é o caso de Cuba e Coreia do Norte. Já os segundos têm testemunhado a penetração dos valores e da cultura norte-americanos em suas sociedades, como tem acontecido nos países do Leste Europeu.

Em uma perspectiva mais abrangente, o fim da Guerra Iria propiciou o surgimento do fenômeno da globalização. Avanços tecnológicos nas áreas de comunicação e transportes têm facilitado a integração entre as diversas áreas do globo e contemplado com o progresso e o desenvolvimento áreas outrora pouco valorizadas.

Essa relativa democratização do progresso colocou em destaque a ascensão dos chamados "países emergentes", que, pouco relevantes no cenário da Guerra Pria, têm aumentado seu peso e representatividade político-econômica e atraído cada vez mais investidores.

Outro aspecto importante que opõe o mundo atual àquele da Guerra Pria é o fim do mundo bipolar: não há mais a cisão entre os seguidores de um ou de outro modelo. O que prevalesce(sic) atualmente é a multipolaridade, pois existem alguns polos de poder econômico e político (Estados Unidos, Europa e Japão) que exercem influência sobre seus continentes.

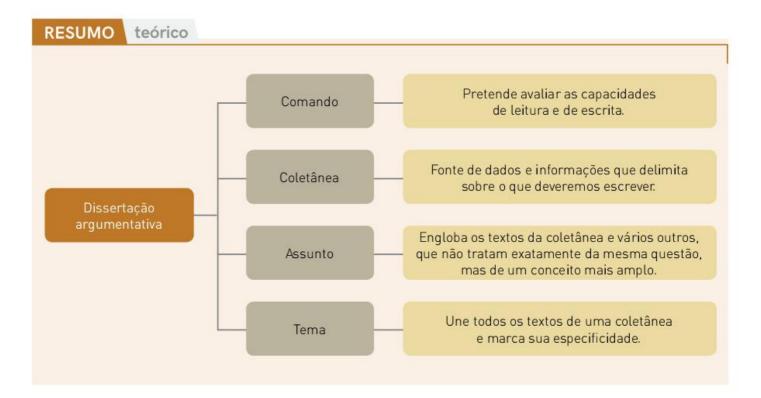
As previsões para o futuro apontam, assim, no sentido da dispersão do poder e da ascensão de novas áreas ricas e influentes. É da relação entre tais áreas e as tradicionais potências que serão moldados os contratos e os rumos que o planeta irá tomar.

Disponível em: http://cac.rfgw.br/sites/cac.rfgw.br/files/file/DIREITO_GV_REDACAO_grade_correcao_ingr_2013.pdf. Acesso em: 6 abr. 2017.

Quer saber mais?



 Na obra Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda, o autor discute a formação do Brasil como país miscigenado e as consequências culturais dessa miscigenação. Utilizado em diversas provas e discussões a respeito do tema, o livro faz parte do cânone sociológico de nosso país.





Será que é possível delimitar o tema mesmo quando ele não está explícito? Afinal, nem sempre as propostas de redação trazem perguntas claras ou temas em negrito.

Com base em uma coletânea mais complexa, somos desafiados a deduzir sobre o que dissertar, ainda que o foco não esteja tão evidente. Nesse momento, o exercício de leitura se torna ainda mais minucioso e, portanto, exigirá organização e atenção.

Afinal, qual é o tema?

Até agora, tivemos contato com uma sequência de coletâneas e de propostas de redação que podem ser consideradas bastante didáticas, seja deixando todas as instruções explícitas ou dando destaque à questão central do tema. Porém, o tema nem sempre virá sublinhado ou em negrito, como alguns vestibulares que optam por deixar o candidato encarar a relação entre os textos motivadores de forma mais livre. Portanto, é possível encontrar propostas de redação que apresentem coletâneas compostas apenas de uma imagem, de um texto ou, ainda, de uma coleção extensa e complexa, sendo esse último caso o nosso objeto de análise a seguir.



A análise

Coletânea ITA 2014

Texto 1, de Manuel Bandeira, publicado em 1937

Não há hoje no mundo, em qualquer domínio de atividade artística, um artista cuja arte contenha maior universalidade que a de Charles Chaplin. A razão vem de que o tipo de Carlito é uma dessas criações que, salvo idiossincrasias muito raras, interessam e agradam a toda a gente. Como os heróis das lendas populares ou as personagens das velhas farsas de mamulengo.

Carlito é popular no sentido mais alto da palavra. Não saiu completo e definitivo da cabeça de Chaplin: foi uma criação em que o artista procedeu por uma sucessão de tentativas erradas.

Chaplin observava sobre o público o efeito de cada detalhe.

Um dos traços mais característicos da pessoa física de Carlito foi um achado casual. Chaplin certa vez lembrou-se de arremedar a marcha desgovernada de um tabético. O público riu: estava fixado o andar habitual de Carlito.

O vestuário da personagem – fraquezinho humorístico, calças lambazonas, botinas escarrapachadas, cartolinha – também se fixou pelo consenso do público.

Certa vez que Carlito trocou por outras as botinas escarrapachadas e a clássica cartolinha, o público não achou graça: estava desapontado. Chaplin eliminou imediatamente a variante. Sentiu com o público que ela destruía a unidade física do tipo. Podia ser jocosa também, mas não era mais Carlito.

Note-se que essa indumentária, que vem dos primeiros filmes do artista, não contém nada de especialmente extravagante. Agrada por não sei quê de elegante que há no seu ridículo de miséria. Pode-se dizer que Carlito possui o dandismo do grotesco.

Idiossincrasia maneira de ser e de agir própria de cada pessoa.

Mamulengo fantoche, boneco usado à mão em peças de teatro popular ou infantil.

Tabético que tem andar desgovernado, sem muita firmeza

Dandismo relativo ao indivíduo que se veste e se comporta com elegância.

Não será exagero afirmar que toda a humanidade viva colaborou nas salas de cinema para a realização da personagem de Carlito, como ela aparece nessas estupendas obras-primas de humour que são "O Garoto", "Ombro Arma", "Em Busca do Ouro" e "O Circo".

Isto por si só atestaria em Chaplin um extraordinário dom de discernimento psicológico. Não obstante, se não houvesse nele profundidade de pensamento, lirismo, ternura, seria levado por esse processo de criação à vulgaridade dos artistas mediocres que condescendem com o fácil gosto do público.

Aqui é que começa a genialidade de Chaplin. Descendo até o público, não só não se vulgarizou, mas, ao contrário, ganhou maior força de emoção e de poesia. A sua originalidade extremou-se. Ele soube isolar em seus dados pessoais, em sua inteligência e em sua sensibilidade de exceção, os elementos de irredutível humanidade. Como se diz em linguagem matemática, pôs em evidência o fator comum de todas as expressões humanas. O olhar de Carlito, no filme "O Circo", para a brioche do menino faz rir a criançada como um gesto de gulodice engraçada. Para um adulto pode sugerir da maneira mais dramática todas as categorias do desejo. A sua arte simplificou-se ao mesmo tempo em que se aprofundou e alargou. Cada espectador pode encontrar nela o que procura: o riso, a crítica, o lirismo ou ainda o contrário de tudo isso.

Essas reflexões me acudiram ao espírito ao ler umas linhas da entrevista fornecida a Florent Fels pelo pintor Pascin, búlgaro naturalizado americano. Pascin não gosta de Carlito e explicou que uma fita de Carlito nos Estados Unidos tem uma significação muito diversa da que lhe dão fora de lá. Nos Estados Unidos, Carlito é o sujeito que não sabe fazer as coisas como todo mundo, que não sabe viver como os outros, não se acomoda em meio algum – em suma, um inadaptável. O espectador americano ri satisfeito de se sentir tão diferente daquele sonhador ridículo. É isto que faz o sucesso de Chaplin nos Estados Unidos. Carlito com as suas lamentáveis aventuras constitui ali uma lição de moral para educação da mocidade no sentido de preparar uma geração de homens hábeis, práticos e bem quaisquer!

Por mais ao par que se esteja do caráter prático do americano, do seu critério de sucesso para julgamento das ações humanas, do seu gosto pela estandardização, não deixa de surpreender aquela interpretação moralista dos filmes de Chaplin. Bem examinadas as coisas, não havia motivo para surpresa. A interpretação cabe perfeitamente dentro do tipo e mais: o americano bem verdadeiramente americano, o que veda a entrada do seu território a doentes e estropiados, o que propõe o pacto contra a guerra e ao mesmo tempo assalta a Nicarágua, não poderia sentir de outro modo.

Não importa, não será menos legítima a concepção contrária, tanto é verdade que tudo cabe na humanidade vasta de Carlito. Em vez de um fraco, de um pulha, de um inadaptável, posso eu interpretar Carlito como um herói. Carlito passa por todas as misérias sem lágrimas nem queixas. Não é força isto? Não perde a bondade apesar de todas as experiências, e no meio das maiores privações acha um jeito de amparar a outras criaturas em aperto. Isso é pulhice?

Aceita com estoicismo as piores situações, dorme onde é possível ou não dorme, come sola de sapato cozida como se se tratasse de alguma língua do Rio Grande. É um inadaptável?

Sem dúvida, não sabe se adaptar às condições de sucesso na vida. Mas haverá sucesso que valha a força de ânimo do sujeito sem nada neste mundo, sem dinheiro, sem amores, sem teto, quando ele pode agitar a bengalinha como Carlito com um gesto de quem vai tirar a felicidade do nada? Quando um ajuntamento se forma nos filmes, os transeuntes vão parando e acercando-se do grupo com um ar de curiosidade interesseira. Todos têm uma fisionomia preocupada. Carlito é o único que está certo do prazer ingênuo de olhar.

Pulhice safadeza, canalhice. Estoicismo resignação com dignidade diante do sofrimento, da adversidade, do infortúnio. **Molinete** movimento giratório que se faz com a espada ou outro objeto semelhante.

Atenção!

Ao final de cada texto da coletânea, é importante uma coleta de ideias para formular o raciocínio posteriormente. Selecionar os pensamentos é essencial, pois mesmo algo que, aparentemente, não tenha relevância, pode vir a servir como um desencadeador de reflexões mais interessantes. Além disso, grifar e parafrasear os textos motivadores é um bom caminho para começar a se apropriar do assunto.

Saiba mais

Charles Spencer Chaplin ficou conhecido como Charlie Chaplin. Nascido em Londres, foi ator, diretor, produtor,



humorista, empresário, escritor, comediante, dançarino, roteirista e músico. Foi ator da era do cinema mudo e seus filmes mais famosos são: O imigrante, O garoto, Em busca do ouro, O circo, Luzes da cidade, Tempos modernos, O grande ditador, Luzes da ribalta, Um rei em Nova York e A condessa de Hong Kong.



Neste sentido Carlito é um verdadeiro professor de heroísmo. Quem vive na solidão das grandes cidades não pode deixar de sentir intensamente o influxo da sua lição, e uma simpatia enorme nos prende ao boêmio nos seus gestos de aceitação tão simples.

Nada mais heroico, mais comovente do que a saída de Carlito no fim de "O Circo". Partida a companhia, em cuja trupe seguia a menina que ele ajudara a casar com outro, Carlito por alguns momentos se senta no círculo que ficou como último vestígio do picadeiro, refletindo sobre os dias de barriga cheia e relativa felicidade sentimental que acabava de desfrutar. Agora está de novo sem nada e inteiramente só. Mas os minutos de fraqueza duram pouco. Carlito levanta-se, dá um puxão na casaquinha para recuperar a linha, faz um molinete com a bengalinha e sai campo afora sem olhar para trás. Não tem um vintém, não tem uma afeição, não tem onde dormir nem o que comer. No entanto vai como um conquistador pisando em terra nova. Parece que o Universo é dele. E não tenham dúvida: o Universo é dele.

Com efeito, Carlito é poeta.

Crônicas da Província do Brasil, 1937.

ITA 2014 Considerando que o título pode antecipar para o leitor o tema central do texto, assinale a opção que apresenta o título mais adequado.

- a) A representatividade de Carlito em O Circo.
- (b) O heroísmo de Carlito.
- c) As representações da vida real por Chaplin.
- d) A recepção dos filmes de Chaplin.
- e) A dualidade no personagem Carlito.

A questão exige a resposta com o título mais adequado dentre as opções apresentadas, sendo correto o da alternativa B: O heroísmo de Carlito. Desde o início do texto, Manuel Bandeira ressalta o caráter heroico da personagem criada por Chaplin, comparando-a aos heróis das lendas populares. Mas é avaliando o surgimento de Carlito e sua evolução que Bandeira chega finalmente ao ponto central do texto, que é o de mostrar como Carlito é um herói no sentido mais amplo da palavra. Assim, a partir do trecho "Em vez de um fraco, de um pulha, de um inadaptável, posso eu interpretar Carlito como um herói", o autor refere-se ao heroísmo, chegando a denominar Carlito como "professor de heroísmo", como observamos em "Neste sentido Carlito é um verdadeiro professor de heroísmo." Portanto, é possível identificar o tema central do texto ao responder a questão.

Comentário sobre o Texto 1

A apresentação de uma mesma cena de Carlito a pessoas diferentes recebeu mais de uma interpretação e, no caso citado no texto, até opostas: para uns, um inadaptável; para outros, um herói. O que pode explicar isso senão as construções culturais de cada espectador ou os desejos de representação? Além do humor, a intenção de Chaplin não fica clara, mas sabemos que a mesma cena que aparece em *Tempos modernos* (aquela em que ele gira o parafuso) reaparece em vários outros filmes de maneira entristecida. Ou seja, Chaplin "desenhou" a realidade para contá-la ao público em tom de piada.

Ainda não sabemos exatamente qual é o tema da redação, embora já seja possível ter uma ideia sobre o assunto, que pode ser cinema ou um tipo específico de filme... Há alguns grifos nossos que podem ajudar a resumir o texto caso seja necessário, mas o que nos dará mais certezas a respeito da leitura e mais precisão sobre o tema são os demais textos da coletânea, como veremos a seguir.

TEXTO 2, de Ruy Castro

Ritos

Nos filmes americanos do passado, quando alguém estava falando ao telefone e a linha de repente era cortada, a pessoa batia repetidamente no gancho, dizendo "Alô? Alô?", para ver se o outro voltava. Nunca vi uma linha voltar por esse processo, nem no cinema, nem na vida real, mas era assim que os atores faziam.

Assim como acontecia também com o ato de o sujeito enfiar a carta dentro do envelope e lamber este envelope para fechá-lo. Era formidável a "nonchalance" com que os atores lambiam envelopes no cinema americano – a cola devia ser de primeira. Nos nossos envelopes, se não aplicássemos a possante goma arábica, as cartas chegariam abertas ao destino.

Outra coisa que sempre me intrigou nos velhos filmes era: o sujeito recebia um telegrama ou mensagem de um boy, enfiava a mão no bolso lateral da calça e já saía com uma moeda no valor certo da gorjeta, que ele atirava ao ar e o garoto pegava com notável facilidade. Ninguém tirava a moeda do bolsinho caça-níqueis, que é onde os homens costumam guardar moedas.

E ninguém tirava também um cigarro do maço e o levava à boca. Tirava-o da cigarreira ou de dentro do bolso mesmo, da calça ou do paletó. Ou seja, nos velhos filmes americanos, as pessoas andavam com os cigarros soltos pelos bolsos. Acho que era para não mostrar de graça, para milhões, a marca impressa no maço.

Já uma coisa que nunca entendi era por que todo mundo só entrava no carro pelo lado do carona e tinha de vencer aquele banco imenso, passando por cima das marchas, para chegar ao volante. Não seria mais prático, já que iriam dirigir, entrar pelo lado do motorista? Seria. Mas Hollywood, como tantas instituições, em Roma, Tegucigalpa ou Brasília, tinha seus ritos. E vá você entender os ritos, sacros ou profanos.

Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2707200905.htm.

Acesso em: 27 jul. 2009.

Nonchalance indiferença, desinteresse.

Tegucigalpa capital de Honduras.

ITA 2014 O texto 2 é uma crítica

- (a)) à artificialidade dos ritos no cinema e na vida real.
- a) às produções hollywoodianas.
- c) à ausência de publicidade nos filmes.
- d) à qualidade dos produtos americanos.
- e) ao funcionamento de aparelhos tecnológicos.

Comentário sobre o Texto 2

Em diálogo constante com a realidade, os filmes recontam o cotidiano. No entanto, fazem isso modificando ações rotineiras para agilizar a cena e para garantir (ou "desgarantir") a propaganda, de acordo com o que é conveniente. A realidade, então, é recriada conforme a conveniência, tornando-a ágil, mais bonita e apaixonada ou mais lenta, feia e menos apaixonada.

Agora, o tema já começa a ficar mais claro, pois os dois textos tratam de cinema, mas especificam ainda mais esse olhar: tratam do cinema que modifica e recria a realidade. Mais uma vez, os grifos facilitam a localização dessas ideias no texto. Com essa hipótese em mãos, convém verificar o que os outros textos da coletânea trazem para confirmá-la ou refutá-la.



REDAÇÃO ITA 2014

A seguir, há considerações de alguns cineastas sobre cinema.

- Em um filme, o que importa não é a realidade, mas o que dela possa extrair a imaginação.
 - Charles Chaplin, 1889-1977, cineasta britânico.
- O cinema não tem fronteiras nem limites. É um fluxo constante de sonho.
 Orson Welles, 1915-1985, cineasta americano.
- O cinema é um modo divino de contar a vida.

Federico Fellini, 1920-1993, cineasta italiano.

- 4. Cinema é a fraude mais bonita do mundo.
- Jean Luc Godard, 1930, cineasta francês.
- 5. Muitas vezes, se usa a palavra "cinematográfico" como sinônimo de uma coisa excepcional: "Não sei o quê é cinematográfico!" Muitas vezes, o cinema é um acúmulo de momentos escolhidos, a dedo: a paisagem mais linda, com a luz mais incrível, com o momento mais emocionante, enfim... Só que eu estava interessada em uma coisa muito mais simples. E, às vezes, as pessoas me perguntam: "Você trabalhou de um jeito até mais documental, às vezes. Por quê? Você queria que fosse mais verdadeiro?" Aí, eu falo: "Não! Não é isso!" Eu acho que qualquer coisa é uma construção. O documentário também é uma construção. Nada é mais ou menos verdadeiro. O que existe é a verdade de um filme. Interna

Transcrição de parte da entrevista com a cineasta brasileira Sandra Kogut, constante do DVD do filme Mutum, 2007. Sandra Kogut é diretora e coautora do roteiro do filme, que foi inspirado na obra Pequenas histórias, de Guimarães Rosa.

Instruções:

Considerando a relação entre as declarações dos cineastas e os textos da prova sobre o mesmo tema, redija uma **dissertação** em prosa, sustentando um ponto de vista sobre o assunto.

Comentário sobre a redação

Cada uma das considerações destacadas nos remete a uma forma de olhar para o cinema. Mas há algo nelas que é convergente: o cinema nunca é a realidade em si, mas sim sonho, representação, teatro, encenação, fingimento, construção etc. Nesse momento, vale a pena tentarmos listar exemplos para colocar na redação depois.

Há algum filme que conheço que mostre o cinema como "um modo divino de contar a vida" (referente à consideração 3) ou como uma "fraude bonita" (referente à consideração 4)?

A soma dos textos, portanto, leva-nos a enxergar que a coletânea não trata de diversos aspectos do cinema, mas de um principal: **o cinema recriando a realidade**. É essa direção que tomaremos como **tema principal**.

Análise de redações

Exemplo 1

O mundo como representação Pabiano Rocha A realidade, por não ser fruto de uma experimentação autoevidente, mas sim, não raro, interpretativa, é passível de diversas representações. Consoante Arthur Schopenhauer, em O trecho se aproxima bastante do tema "O mundo como vontade e representação", que depreendemos a partir da coletânea, e isso é muito bom. Seria importante que essa ideia fosse a tônica de são os anseios pessoais e as representações toda a redação. do macrocosmo que conferem sentido aos fenômenos. Nessa lógica, o cinema é apenas tação, o trecho final de um parágrafo um veículo de interpretação, cujo propósito introdutório é constituído preferencialmente do que chamamos de "tese" não se restringe ao entretenimento, mas que e, nesse caso, acaba se afastando do tema porque aborda o cinema em oualcança plenitude enquanto instrumento de tra chave. reflexão, de denúncia e de acesso à cultura. Charles Chaplin pôs em voga críticas comportamentais e sociais, de modo cômico e lúdico, por meio do personagem "Carlito". Tal personagem abordou situações desde a idealigação dos sonhos (no filme "O Circo") ao processo de reificação do homem (no curta-metragem "Tempos modernos") de modo a despertar a reflexão do público sobre a cultura e os artificios de segregação sociais vigentes. Além de provocações filosóficas, a sétima arte não se exime do caráter de denúncia. É o caso do documentário "Ilha das flores", dirigido por Jorge Furtado, no qual era exposta a condição de miséria dos moradores da ilha: o alimento disponível era apenas restos de comida rejeitados pelos porcos de um criadouro local. Desde a então produção do filme na década de 90, houve transformações positivas no espaço retratado por intermédio da iniciativa privada, de anônimos

solidários e do Estado, o que demonstra o poder do cinema em prol de uma sociedade melhor. Também com esse objetivo, adaptações cinematográficas, bem como roteiros originais, garantem o acesso à cultura haja vista o considerável poder de alcance das telas. Versões adaptadas dos clássicos universais, como "Os miseráveis", "O conde de Monte Cristo" e "Guerra e paz", facilitaram o contato do valor humanizante dessas obras em formato prático e dinâmico. Com efeito, o cinema funciona como veículo de cultura, além de possivelmente estimular a leitura em ração da curiosidade pelo enredo original. A arte cinematográfica engloba ritos Na conclusão, o tema é retomado, mas restritos ao universo do cinema, isto é, não isso não é suficiente para avaliar a redação como dentro da abordagem estem compromisso de retratação do cotidiano; perada. não obstante, é ferramenta para redução das desigualdades. Entre os diferentes aspectos, o cinema também é produto da interação popular. É o público, portanto, o responsável por outorgar os limites e os poderes conferidos à telinha como representação do mundo.

Essa redação foi avaliada como abaixo da média porque tangenciou o tema. Ainda que exponha referências eruditas e não apresente graves problemas gramaticais, o fato de não ter atentado à questão central prejudicou a avaliação. Estar dentro do tema é, pois, condição essencial para a produção de uma boa dissertação.

Compare agora a redação anterior com a que segue, observando como ela se apresenta dentro do tema.

Exemplo 2

| | O cinema é arte |
|------------|---|
| O que é | í o cinema? A resposta para essa pergunta parece simples, afinal, |
| a sucessão | o de cenas gravadas e editadas, de imagens superpostas e sequen- |
| ciais, com | ou sem som faz parte do nosso cotidiano. A definição, no entanto, |

é tão válida quanto incompleta, pois não leva em conta um ponto funda-

mental: cinema é arte. Assim como toda arte, depende de um alto grau de subjetividade e apresenta inúmeras interpretações. Ele, portanto, não simplesmente reproduz a realidade, mas a recria.

Aqui, a tese, parte final da introdução, está tratando do tema, e, desde o começo, temos a sensação de que é realmente a questão da construção da realidade que direcionará o restante das ideias.

Para começar, sabe-se pelo senso comum que tal arte não reproduz o real. O simples fato de gravar uma cena, como afirmou Kant, retira parte do que é a situação de fato; mas também adiciona a visão do autor. Desse modo, seja com a história ou com um simples corte, quem faz o filme molda, como quiser e automaticamente, o mundo que está nele. Portanto, buscando ou não a verossimilhança, nenhum filme é real, é fantasia.

Essa fantasia, no entanto, não está completa. Não antes de ser assimilada pelo espectador, que faz de novo a criação.

Dessa vez, no entanto, ela é momentânea e individual, de ainda maior densidade.

Podemos observar que os parágrafos de desenvolvimento agora tratam do cinema como uma forma de registrar fragmentos da realidade, e não como a realidade em si, o que aproxima a discussão do tema proposto.

O cineasta sueco Ingmar Bergman, a partir desse tema, criou a obra-prima metalinguística "Persona". Nesse filme surrealista, é mostrado o quanto o cinema está atrelado à própria identidade da pessoa, tornando espectador inseparável de personagem. É possível inferir, portanto, que mesmo uma fantasia tem grande força no real, porque afeta pessoas de forma direta, instantânea e muitas veges duradoura.

A partir dessa percepção, é possível perceber por que Orson Welles, renomado cineasta, afirmou que cinema é sonho. O que é cinema? Um plural. Paces por cima de faces dentro da arte.

Esse último texto (exemplo 2) foi mais bem avaliado do que o anterior (exemplo 1) porque não foge em nenhum parágrafo do tema proposto. Embora tenha problemas de argumentação e de coesão, a relação com a questão principal foi preservada, fazendo dessa redação um texto acima da média.



PARA PRATICAR

O roteiro de leitura a seguir tem por objetivo auxiliar a interpretação dos textos da coletânea e a organização das ideias que comporão a redação. Leia as perguntas e responda ao que se pede.

a) Por que Carlito é interpretado de formas diferentes ao redor do mundo? Isso acontece com outros personagens também? Justifique.

b) Por que a realidade não importa em um filme, segundo Chaplin, mas o que dela possa se extrair a imaginação?

c) Federico Fellini diz que o cinema é um "modo divino de contar a vida". Quais são as semelhanças entre um cineasta e um deus na criação de suas obras? Por que se dá essa comparação?

d) Um documentário está necessariamente mais próximo da realidade do que uma ficção?

PROPOSTA DE REDAÇÃO

| A proposta de redação deste capítulo é a mesma trabalhada na teoria, retirada da prova do ITA de 2014. Procur organizar as ideias de forma a se manter no tema ao longo de todos os parágrafos, tentando guiar-se pelas resposta construídas na seção PARA PRATICAR. A redação deve ser uma dissertação, escrita de acordo com a norma-padrã da língua portuguesa. Não ultrapasse o espaço de 30 linhas e dê um título à sua redação. | | | | |
|--|--|--|--|--|
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |

Texto complementar

O texto a seguir apresenta reflexões a respeito do filme *Django*, do afamado diretor Quentin Tarantino. O longa-metragem dialoga diretamente com a realidade, discutindo e problematizando um tema muito presente em nosso cotidiano: o racismo. Como obra cinematográfica, porém, traz o tema sob um olhar específico e sob um determinado recorte, o que pode nos ajudar a pensar a função do próprio cinema como ferramenta de expansão de olhares e pensamentos.

"Django", de Tarantino: entre o ordinário e o extraordinário

O recente filme de Quentin Tarantino, Django Unchained, é provocativo e controverso o suficiente para atrair incontáveis e apaixonadas opiniões, tanto extremamente positivas como excessivamente negativas. Muitos dos críticos têm se concentrado no estilo violento e irônico muito característico de Tarantino.

Não é possível deixar de se observar que Tarantino tem, de fato, circundado a temática de vinganças históricas de grupos diversos em seus últimos filmes. Com Django, contudo, muitos acreditaram que Tarantino talvez tenha ido longe demais. O tema da escravidão, da abolição e, principalmente, da convivência inter-racial nos Estados Unidos é um território cheio de armadilhas carregadas de preconceitos, resistências e lutas que colocam à flor da pele uma imensidão de setores sociais e políticos.

O objetivo do presente texto não é, contudo, problematizar a recepção de Tarantino e seu último filme nos Estados Unidos. O que se quer aqui é refletir um pouco sobre alguns aspectos do filme que nos permitem fazer paralelos com o Brasil que, no fim da década de 1850, quando se passa o filme, era uma sociedade profundamente escravista e que só viria emancipar seus cativos quase quatro décadas depois.

Na adaptação brasileira, o título "Django Unchained" se tornou "Django Livre". Uma tradução mais literal, como "Django Desacorrentado", não soaria bem, talvez. Entretanto, serve como mote para a discussão sobre o que é ser livre e o que o filme conseguiu captar do significado histórico da liberdade para ex-escravos não apenas nos Estados Unidos pré-Guerra da Secessão (1861-1865).

Nesse sentido, a ironia da convivência e das violentas dinâmicas entre os personagens conseguiu retratar bem algumas mediações pessoais, sociais e culturais que transcendem os carismáticos sociopatas e psicopatas tradicionalmente criados por Tarantino. A convivência entre senhores e escravos, livres e cativos, brancos e negros é de tão extrema brutalidade que demanda mediações afetivas e discursos dos mais diversos que tornem essa violência transitável.

Eu não gostaria de aqui me deter na reflexão sobre a densidade histórica da ideia de um homem universal pós--Revolução Francesa ou mesmo de como noções e conceitos – como o de liberdade ou o de individualidade – das grandes escolas modernas de pensamento se adaptam (ou não se adaptam) às sociedades escravistas nas Américas. Interessa-me aqui algo mais palpável, mais cotidiano. Interessam-me a vida e a interação íntima entre indivíduos que são propriedade de outros indivíduos.

Interessa-me a banalização dos comportamentos agressivos e, principalmente, do corpo dos escravos e escravas como um território alheio a eles, completamente disponível para os outros. Nesse contexto, o título em inglês pode trazer uma interpretação da resistência de Django (Jamie Foxx) como a conquista – ou reconquista – daquilo que é o mais imediato em sua construção pessoal como um homem livre, que é dispor de seu próprio corpo.

Em contraposição à situação do corpo de Django, o filme mostra escravos obrigados a lutar entre si, até a morte, para entretenimento de seus senhores (Mandingo Fights). Ou mesmo o caso de Hilde que, depois de ter fugido pela primeira vez, ainda junto a Django, teve um "r" (de "runnaway", escrava fugida) marcado com ferro quente em seu rosto, além das chibatadas nas costas. [...]

Se a liberdade para um ex-escravo pode significar incontáveis limitações sociais, econômicas e legais, Django se vê, ao final, citando o filme, como "um em dez mil". Ele vai sendo percebido e vai se percebendo como uma exceção, como "um negro extraordinário". O roteiro de seus feitos, de fato, mostra que não só ele, mas também sua esposa (Hilde, interpretada por Kerry Washington) e outros personagens são extraordinários. [...]

As palavras "extraordinário" e "ordinário", aqui, não agregam maior juízo de valor. Significam apenas o que é ser incomum ou ser comum dentro da lógica na qual a escravidão africana é uma realidade estabelecida. Assim, acredito ser quase impossível agradar a gregos e troianos – ou brancos e negros – quando se pretende mostrar

aspectos da realidade escravista. É desafiador tentar recriar para o cinema a escravidão moderna sem cair num óbvio jogo de clichês de culpados e vítimas. E o jogo da culpa e da reparação, nos Estados Unidos, é algo que se leva a sério.

Django e uns tantos outros mártires da resistência (não só a escrava) são, por definição, incomuns, extraordinários. Porque a realidade da escravidão e da opressão racial é a regra, o comum. E ela consegue debilitar a grande maioria das pessoas comuns. O significado do ordinário, do mediano, do comum é justamente pertencer a uma experiência vivida pela maioria. A experiência pessoal da maioria dos escravos e escravas é a luta pela sobrevivência em um cotidiano violento em que o excesso desumano de trabalho e a comida insuficiente resumem a sobrevivência a uma luta instintiva e animalizada.

E se pensarmos no caso do Brasil, no final da década 1850, podemos ainda incluir na experiência de grande parte de nossos escravos e escravas outros traumas profundos, como a experiência de passar semanas ou meses acorrentados a desconhecidos em porões imundos e superlotados dos navios negreiros. Será que saberemos algum dia o impacto psicológico real que uma experiência como essa pode causar não só em uma pessoa, mas principalmente em todo um grupo social? [...]

Django, como a maioria de escravos e escravas, nasceu e foi criado em inúmeras experiências degradantes. Conviveu e forjou laços afetivos com outros escravos e escravas humilhados e imersos em discursos que pregavam cotidianamente a inferioridade "natural" dos negros e negras. Discursos estes que relegavam aos próprios cativos a "culpa" pela sua falta de liberdade. [...]

O que se quer dizer aqui é que, mesmo com toda a violência e opressão racial, sempre se abriram espaços para resistir.

Trata-se de espaços pequenos, afinal a vida escrava é vigiada, controlada e violada a todo instante. Ainda assim, resiste-se como for possível. Porque a resistência é toda ação que envolve um risco e um custo físico ou psicológico. O antípoda de Django, portanto, não é tanto Candie que é o proprietário de sua esposa a quem ele pretende resgatar, mas principalmente o escravo Stephen, magnificamente interpretado por Sammuel L. Jackson. Stephen é um escravo doméstico que não só administra a Casa Grande, mas também participa da decisão de punir os outros escravos e escravas que, por exemplo, fogem. Esse é justamente o caso de Hilde, rapidamente recapturada.

Stephen é, ao mesmo tempo, receptor e criador dos discursos que transformam a violência óbvia da escravidão em uma zona pessoal e íntima de trocas interessadas entre senhores e escravos. Nesse sentido, ele impõe temor aos outros escravos devido ao seu poder e acesso à Casa Grande. Em contrapartida, é visto com desprezo pelos outros negros, como um "negro de alma branca". Stephen acredita e replica obviedades do sistema escravista do qual ele também tira proveito de liberdades e falsas seguranças relegadas a ele como escravo doméstico e de máxima confiança de Candie.

Dessa forma, o filme traz para a discussão não apenas a resistência extraordinária de Django, ou a mais comum resistência de fugir utilizada por Hilde, mas traz também algumas outras das restritas possibilidades de negociação que vão sendo forjadas pelos escravos com os senhores dentro da lógica da escravidão.

Django é antissistêmico em muitos sentidos. Ele poderia ter tentado criar oportunidades paralelas, de certa forma mais marginais ao escravismo, como faziam os quilombolas brasileiros. Ainda que os quilombos sobrevivessem em parte da comunicação e trocas com pessoas livres pobres e mesmo senhores de escravos. Django não se afasta dos espaços da escravidão, dos mercados de escravos, das plantations.

Em circunstâncias específicas proporcionadas por Shultz, um caçador de recompensas, Django permanece próximo a tudo que define e alimenta a escravidão. Ele, como homem livre, abre seus espaços de resistência de forma catártica atacando o escravismo de dentro do centro nervoso. Nesse sentido, mais uma vez, ele é extraordinário e, talvez, um pouco improvável.

A brutalidade da experiência da escravidão debilita física e psicologicamente a grande maioria de homens e mulheres que, mesmo que comuns, também oferecem resistência. E essas lutas mais comuns, ordinárias e cotidianas, ainda que não deem em bons filmes, não podem deixar de ser reconhecidas frente às daqueles indivíduos extraordinários cujos nomes muitas vezes chegarão às páginas dos livros de história.

SAMPAIO, Maria Clara S. Carneiro. "'Django', de Tarantino: entre o ordinário e o extraordinário". *Carta Maior*, 6 fev. 2013. Disponível em: <www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/-Django-de-Tarantino-entre-o-ordinario-e-o-extraordinario/12/27355>.

Acesso em: 9 jun. 2017.

Quer saber mais?



 "Chimamanda Adichie: o perigo de uma história única", disponível em: https://goo.gl/jDQG8L. No vídeo, a autora nigeriana trata da construção de realidades e de visões de mundo, a partir de relatos pessoais bastante envolventes, reforçando que não há verdades, e sim versões.



 No filme Django livre, de Quentin Tarantino (classificação: 16 anos), Django é um escravo liberto que encontra o caçador de recompensas alemão Dr. King Schultz e, em meio a acordos, ambos seguem em busca de vinganças, recompensas e identidades perdidas.

RESUMO

teórico

LEITURA DA COLETÂNEA

Momento de buscar o tema!

A busca do tema se dará por meio de:

- · coleta de ideias;
- seleção de pensamentos;
- reflexões.



Dissertar é se posicionar, analisar e argumentar sobre determinado tema; algumas vezes como um cientista, que observa e interpreta, outras como um agente político, que propõe soluções, defende um ponto de vista e resolve problemas. Assim, de alguma forma, dissertar é criar.



Ajustando as lentes: a estrutura da dissertação

Até aqui, já começamos a trabalhar com o gênero textual dissertação de vestibular. A partir de suas diferenças em relação a outros gêneros, aprendemos a identificá-lo em meio à vasta gama de construções textuais. Neste capítulo, vamos fazer uma análise minuciosa da dissertação, conhecendo sua estrutura básica para, assim, construí-la com nossas próprias mãos.

Porém, parte desse conhecimento não é totalmente nova, afinal a estrutura "introdução, desenvolvimento e conclusão" comumente nos fornece o esqueleto para a elaboração desse gênero textual, assim como o "parágrafo".

Vale lembrar que os arranjos dissertativos podem variar bastante, por isso o objetivo deste capítulo é indicar aquilo que nos permite construir, a despeito das várias formas finais, o texto dissertativo.

Parágrafo: a unidade básica

Por enquanto, o parágrafo será a unidade básica dos nossos estudos de dissertação, e, de maneira geral, podemos dizer que é uma unidade de sentido com uma função específica dentro do texto. Por exemplo, um parágrafo cuja função é apresentar o tema é diferente daquele que tem como objetivo refutar uma ideia contrária ao ponto de vista do autor; o parágrafo que finaliza o raciocínio desenvolvido ao longo da redação, por outro lado, não é igual ao que induz um raciocínio argumentativo. Dessa forma, precisamos identificar a função de cada parágrafo e reconhecer os seus limites para sabermos quando mudar de um para outro.

A estrutura da dissertação



Introdução

A primeira parte das estruturas mais clássicas da dissertação é a introdução. Nela, o tema e o posicionamento são apresentados ao leitor de forma a compartilhar com ele tanto a questão que será tratada ao longo do texto quanto os direcionamentos que serão dados a essa questão. É como se a introdução trouxesse respostas às perguntas sobre qual tema vamos escrever e o que pensamos a respeito dele? Em outras palavras, podemos encontrar a contextualização e a tese da dissertação na introdução, que normalmente se apresenta em um único parágrafo.

Atenção!

O que vimos sobre a estrutura não é uma obrigação para o texto dissertativo, mas serve como um guia pedagógico, como uma base. Conhecer bem a estrutura do texto dissertativo é importante para criar variações com mais segurança na dissertação.



Desenvolvimento

O que chamamos usualmente de "desenvolvimento dissertativo" é o trecho do texto cuja função geral é desdobrar a tese apresentada na introdução. É nessa parte da redação que construímos a argumentação, isto é, a explicação, as justificativas de nossa tese. Durante o desenvolvimento, a preocupação central é fornecer respostas a perguntas como: por que nos posicionamos da maneira como o fizemos? Quais são as evidências de que dispomos para verificar, na realidade, aquilo que afirmamos "em teoria"?



Conclusão

Por fim, a última parte do modelo clássico de um texto dissertativo é a conclusão que, normalmente, utiliza um único parágrafo. Ainda que ela venha no final, construímos toda a redação para chegar até ela. Por um lado, em propostas que não nos peçam intervenções em relação aos problemas detectados a partir do tema, a conclusão serve para confirmarmos a hipótese lançada como ponto de vista na introdução. Por outro lado, em propostas como a do Enem, a conclusão tem por função apresentar soluções para os aspectos problemáticos relativos ao que foi abordado.

Texto comentado: análise de dissertação

Agora que, em teoria, já sabemos de que se trata cada uma das partes da dissertação, vamos analisar uma redação real para vê-las em funcionamento. O texto a seguir foi produzido a partir do tema: **As possibilidades do fazer político na sociedade contemporânea**.

Soginhos

Primeiro foram levados os negros, depois os operários, os miseráveis e, por fim,
os desempregados. O eu lírico do poema
"Intertexto", de Brecht, não se importou
- ele, afinal, era branco, não era operário
nem miserável, e tinha emprego - aquilo
que afeta o "outro", portanto, não lhe é
relevante. Apesar de o poeta alemão ter

No primeiro parágrafo, o autor nos introduz ao tema e ao posicionamento por meio de um poema, apresentando a abordagem que fará a respeito do fazer político na contemporaneidade. Assim como no texto do poeta e dramaturgo alemão Bertolt Brecht, os dias de hoje seriam marcados por um ensimesmamento, o qual, na visão do autor, afasta os indivíduos do espaço público, lugar por excelência da participação política, tornando-a cada vez mais inviável É essa, aliás, a tese proposta.

morrido em 1956, sua obra parece bastante atual. Ensimesmados, fechamo-nos contemporaneamente sobre nossas vidas privadas e abandonamos, em grande medida, o interesse pelo fazer político. Afastados do que o torna possível, isto é, do espaço público, porém, realimentamos a precarização de seu lugar por excelência, tornando a política ainda mais inviável.

Quando o "eu" se torna o centro do mundo, tudo aquilo que remete ao "outro" é apagado. A sociedade do "self-made-man" seduz por meio da ideia do homem que se fez soginho e que a si mesmo basta. Cada vez mais convocado a fechar-se em si, então, o indivíduo contemporâneo, alimentando-se em porções individuais enquanto ouve sua própria playlist com os fones de ouvido, distancia-se da vida coletiva. Aquilo que a constitui passa para segundo plano, e o sujeito contemporâneo, senhor de seu

Nos dois parágrafos seguintes, o autor começa a justificar esse posicionamento. No segundo parágrafo do texto, busca mostrar como nossa sociedade é individualista e quais os efeitos disso, recorrendo a algumas evidências cotidianas a fim de concretizar esse retraimento das pessoas em si mesmas, o que as levaria ao distanciamento daquilo que é coletivo. No terceiro parágrafo, a consequência desse processo: cada vez mais à procura de uma vida privada, particular, o homem contemporâneo deixaria de se reconhecer em seus pares e, ao não se sentir tocado por aquilo que o afeta, perderia os laços necessários para o fazer político. Embora cada um desses parágrafos tenha funções particulares, eles têm o mesmo objetivo no interior do texto, que é o de desdobrar o ponto de vista apresentado.

próprio castelo particular, vê a coletividade como coisa distante demais para o perturbar.

Quanto mais encastelado, então, mais esse indivíduo legitima o fim do que o entorna. Se já se recolheu no interior da educação particular, as manifestações contrárias às reorganizações das escolas públicas, por exemplo, só são sentidas caso atrapalhem o trânsito; se anda de carro, aliás, a deterioração do transporte público não lhe toca; seguro, por fim, pelo plano de saúde, a precariedade do SUS tampouco é sentida como problema dele. Em seu mundo particular, não se percebe mais tocado por nada daquilo que ocorre do lado de fora. Se percebido, aliás, esse lado de fora, não raro, é classificado como ameaça. Protegido pela privatização de sua existência, esse sujeito vai perdendo a habilidade de reconhecer-se no outro, no diferente, inviabilizando, assim, sua participação política: ele quer sua liberdade, mas não concebe que esta possa ter qualquer coisa a ver com aquela liberdade que querem as mulheres para abortar; ele quer respeito, mas não admite que o respeito exigido por negros e homossexuais possa, de alguma maneira, ter a ver com o que ele mesmo quer.

Brecht, na última estrofe do poema, alerta: aquilo que levou o "outro" vem, em algum momento, bater também à nossa porta. Nesse momento, por fim, o indivíduo ensimesmado já não tem a quem gritar: ele se esgoela soginho e ninguém mais o pode ouvir.

Ensimesmado aquele que tem a atenção voltada para o interior ou para os pensamentos.

O último parágrafo, enfim, traz a conclusão inferida desse cenário. Aquilo que toca o outro, em algum momento, toca o "eu" também. Sozinho, no entanto, esse sujeito já não teria a quem se aliar. É como se, apresentado ao cenário descrito na introdução e no desenvolvimento, o autor pudesse, enfim, apresentar a respeito dele alguma consideração.

Autoria de LACC

Saiba mais

Bertolt Brecht foi um poeta e dramaturgo alemão do século XX. Sua obra, com forte cunho político, dedicou-se, em grande medida, a problematizar as relações humanas diante do sistema de produção. Dentre suas peças, destacam-se A vida de Galileu, A alma boa de Setzuan e A Santa Joana dos matadouros.



•

Como podemos notar, a dissertação apresentada é bastante didática quanto ao uso das estruturas mais básicas do gênero, pois as partes são bem nítidas e os parágrafos têm funções específicas. Que tal, agora, identificar esses elementos na prática?

PARA PRATICAR

A seguir, vamos conferir duas dissertações feitas a partir do mesmo tema do exemplo de redação dado na teoria. Os parágrafos, entretanto, foram embaralhados, e sua tarefa é recolocá-los em ordem de maneira a reconstruir os dois textos.

TEXTO 1

- A) Quando é o consumo a tônica, é-se consumidor antes de ser cidadão. Trabalhando o dia todo para, em seu descanso, poder curtir as promessas do mundo das compras, o indivíduo consumista tende a ter poucas experiências com o que não é consumo, passando, portanto, a aplicar a lógica deste ao mundo que o cerca. Acostumado a pagar por beleza, por sensualidade, por segurança, na agenda política vê-se, primordialmente, como "pagador de impostos"; como tal, aliás, é cliente e, se o cliente sempre tem a razão, vai também perdendo a habilidade de lidar com o outro em debates em que a razão é coisa a se construir coletivamente. Para esse tipo, os direitos à infraestrutura social pública cedem espaço para os "direitos do consumidor".
- B) Os debates recentes a respeito do financiamento privado de campanhas políticas lançam luz sobre um tema espinhoso: as relações entre os políticos e suas ações durante os mandatos e a prestação de contas com aqueles que lhes garantiram o suporte financeiro para que fossem eleitos. Em que medida, nesse contexto, seria possível que os interesses do mercado não se sobrepusessem aos públicos? Esses debates, no entanto, talvez deixem passar um aspecto que se entranha de maneira mais sorrateira e definitiva na dinâmica política atual: imerso nos valores consumistas, o indivíduo contemporâneo talvez pinte o seu entendimento acerca da participação política com as cores desse consumo. De tal forma, afasta-se cada vez mais acentuadamente do espaço público e coletivo.
- C) Debater o financiamento privado, se é importante para que os interesses públicos não fiquem à mercê do mercado, é também quase inviável em um cenário como o que vivemos. Quando a vida pública representa algo de que se quer fugir, talvez já não sejam tão necessários subterfúgios para colonizá-la. Os valores mercadológicos instalam-se, por fim, confortavelmente à medida que não é mais de cidadãos que tiram o espaço, mas de consumidores vorazes para assumi-los como seus.
- D) É nesse contexto que se coloca em risco a vida pública. Àquele para quem o caro é mais desejado que o barato, a gratuidade do espaço público é aterrorizante se se quer o melhor, o bom, há de se pagar. Obedecendo ao imperativo, ele paga seus impostos por obrigação, mas a mensalidade da escola, a parcela do carro, a fatura do plano de saúde, a prestação da casa própria lhe são garantidoras de que ele também é melhor. Aos poucos, intensifica-se a monetarização se o pago é melhor que o gratuito, quanto mais caro, maior a valorização, mais exclusivos são os lugares e serviços de desejo. Vencer na vida passa a ser sinônimo de se distanciar dos serviços públicos, do "outro". Vencer, assim, por seu reverso, é a perda do senso coletivo: perde-se de vista a ideia de público como responsabilidade e direito de todos. Gratuito que é, portanto, não faz mais parte dos planos daquele que pretende alcançar a plenitude.

| | | Autoria de LACC |
|---|--|-----------------|
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| 6 | | |
| | | |
| | | |

TEXTO 2

- A) Ressignificar "política", portanto, é percebê-la na nossa existência mais imediata, na superfície de nosso corpo, na formação de nossos valores. Ela, assim, deixa de ser um "trabalho" executado por profissionais eleitos – ela passa a ser a própria realidade de cada cidadão que a constrói.
- B) Não havendo como o cidadão decidir sobre tudo que o afeta, ele elege representantes; naturalizando o processo, ele descola de si a política. Conforme crescem os contingentes populacionais, a representação é a saída para que as decisões organizacionais possam ser tomadas por definição, então, a representação política ocorre quando o eleitor não pode fazer essa política. Nesse sentido, ainda que não seja desvirtuada ou imoral, ela depende de um afastamento entre sujeito e agir político. À medida que se acostuma com isso, esse cidadão começa a limitar seu agir político à escolha desse representante ou aos rituais envolvidos na política institucional, como o pagamento de impostos. A atual crise brasileira é bem indicativa a esse respeito: manifestantes contrários e favoráveis ao governo tratam sempre de quem vai governar, isto é, de quem vai representá-los. Fora daí, não parecem contemplados outros entendimentos sobre o fazer político. A existência diária, então, não produz política, ela é apenas afetada por decisões vindas de outro lugar.
- C) Nos jornais, nas revistas, na televisão, na internet: quando nos deparamos com o termo "política", não é raro que pensemos, antes de mais nada, nas instituições, em Brasília, em eleições. Nesse sentido, acostumados à ideia de que ela é algo alheio a nós mesmos, resumimos a participação política à escolha de representantes. Fazendo-o, no entanto, fechamos os olhos para a política que executamos em nossas existências cotidianas e que mantém, de forma decisiva, os problemas sociais que criticamos.
- D) Quando internalizada, essa concepção cria a sensação de que só há mudança social possível se os representantes forem eficazes. Assim, se há desigualdade social, a responsabilidade cabe ao governo, e as vidas que levamos nada têm a ver com isso. Perde-se de vista, por exemplo, que, se há um político que desvia verbas da saúde pública de forma a torná-la precária por um lado, por outro, o sujeito que opta por um plano de saúde, está, no mínimo, sendo conivente com uma realidade social em que quem tem dinheiro tem acesso a serviços ditos melhores do que aqueles destinados a quem não o tem. Fazê-lo, todavia, já não é visto como uma ação que diz respeito à coletividade. Acostumados à ideia de que política é o que acontece em Brasília, despolitizamos nossas vidas: não nos envolvemos com o espaço público, não nos sentimos responsáveis por ele, não concebemos nossas escolhas mais banais, tal qual sair de carro ou tomar o transporte público, como ato político. Se se pagam os impostos e se cumpre com o voto, qualquer outra ação é, confortavelmente, de foro pessoal, indiferente à convivência pública.

| <u> </u> | | | | |
|----------|---|---|---|---|
| 8 | | | | |
| | | | | |
| <u> </u> | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| 2 | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | · | · | · | · |

Autoria de LACC

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Fuvest 2012

Texto 1

A ciência mais imperativa e predominante sobre tudo é a ciência política, pois esta determina quais são as demais ciências que devem ser estudadas na pólis. Nessa medida, a ciência política inclui a finalidade das demais, e, então, essa finalidade deve ser o bem do homem.

Aristóteles. (Adapt.).

Texto 2

O termo "idiota" aparece em comentários indignados, cada vez mais frequentes no Brasil, como "política é coisa de idiota". O que podemos constatar é que acabou se invertendo o conceito original de idiota, pois a palavra idiótes, em grego, significa aquele que só vive a vida privada, que recusa a política, que diz não à política.

Talvez devêssemos retomar esse conceito de idiota como aquele que vive fechado dentro de si e só se interessa pela vida no âmbito pessoal. Sua expressão generalizada é: "não me meto em política".

M. S. Cortella e R. J. Ribeiro, Política - para não ser idiota. (Adapt.).

Texto 3

FILHOS DA ÉPOCA

Somos filhos da época e a época é política.

Todas as tuas, nossas, vossas coisas diurnas e noturnas, são coisas políticas.

Querendo ou não querendo, teus genes têm um passado político, tua pele, um matiz político, teus olhos, um aspecto político.

O que você diz tem ressonância, o que silencia tem um eco de um jeito ou de outro, político [...]

Wislawa Szymborska. Poemas.

Texto 4

As instituições políticas vigentes (por exemplo, partidos políticos, parlamentos, governos) vivem hoje um processo de abandono ou diminuição do seu papel de criadoras de agenda de questões e opções relevantes e, também, do seu papel de propositoras de doutrinas. O que não significa que se amplia a liberdade de opção individual. Significa apenas que essas funções estão sendo decididamente transferidas das instituições políticas (isto é, eleitas e, em princípio, controladas) para forças essencialmente não políticas – primordialmente as do mercado financeiro e do consumo. A agenda de opções mais importantes dificilmente pode ser construída politicamente nas atuais condições. Assim esvaziada, a política perde interesse.

Zygmunt Bauman. Em busca da política. (Adapt.).

Texto 5



Folha de S. Paulo, 05 outubro 2011.

Proposta de redação

Dê um título à sua redação.

Os textos aqui reproduzidos falam de política, seja para enfatizar sua necessidade, seja para indicar suas limitações e impasses no mundo atual. Reflita sobre esses textos e redija uma dissertação em prosa, na qual você discuta as ideias neles apresentadas, argumentando de modo a deixar claro o seu ponto de vista sobre o tema: participação política: indispensável ou superada?.

Instrucões:

- A redação deve obedecer à norma-padrão da língua portuguesa.
- · Escreva, no mínimo, 20 e, no máximo, 30 linhas, com letra legível.

| | - |
|---------|---|
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | - |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | 3 |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| <u></u> | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |

Texto complementar

[...] Mesmo se tudo funcionasse como deveria, e a representação política fosse caracterizada pela transparência e perfeição, a representação é em si mesma, por definição, um mecanismo que separa a população do poder, os comandados daqueles que comandam. [...] Como Schmitt afirma: representar significa tornar presente uma ausência, ou, em realidade, um ninguém.

[...] Como os sistemas de representação foram construídos principalmente sobre o nível nacional, a emergência de uma estrutura de poder global solapa-os de maneira dramática. As instituições globais emergentes mal fingem que representam a vontade das populações. Os acordos políticos são fechados e os contratos comerciais são firmados e garantidos no interior das estruturas de governança global, fora de qualquer capacidade representativa dos Estados-nação. Se existem "constituições sem Estados", a função da representação que, de maneira mistificada, fingia pôr o povo no poder, certamente não é mais eficaz nesse terreno global.

E o representado? O que permanece de suas qualidades como cidadão nesse contexto global? Ao deixar de ser um participante ativo da vida política, o representado se descobre o pobre entre os pobres, lutando sozinho na selva dessa vida social. Se não estimular seus sentidos vitais e despertar seu apetite pela democracia, o representado se tornará um produto puro do poder, a casca vazia de um mecanismo de governança que não faz mais referência ao cidadão-trabalhador.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Declaração: isto não é um manifesto. SZLAK, Carlos (Trad.). São Paulo: N-1 edições, 2014. p. 43-5.

O trecho anterior nos ajuda a pensar o fazer político na contemporaneidade. Por conta das grandes decisões econômicas globais, as políticas nacionais seriam cada vez mais fajutas – no limite, elas seriam sobrepostas pelos interesses de uma economia global. Mais do que isso, os autores apontam para o fato de que a própria ideia de representação demanda um afastamento: o eleitor, com seu voto, transfere o fazer político para que alguém, de fato, execute-o.

Essas percepções, junto ao texto 3 da coletânea da Fuvest de 2012, dão uma outra dimensão para a participação política. Não se trata mais apenas dos rituais democráticos, mas de perceber que cada ação, cada escolha individual, no interior de um contexto coletivo, tem reverberações políticas. Percebê-lo, como concluem os autores, é condição essencial para não nos tornarmos "a casca vazia" de um mecanismo que não nos toca mais.

Solapar destruir as bases, demolir, encobrir.

Quer saber mais?



 Poemas 1913-1956, de Bertolt Brecht. O livro traz uma antologia bem vasta do poeta e dramaturgo, na qual se contempla, de uma forma bastante completa, as visões do autor a respeito da política.



 Neste vídeo, o escritor português José Saramago problematiza a democracia. Para ele, nós a defendemos quase que em um movimento automático e, por isso, deixamos de nos questionar a respeito do que ela representa hoje. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=m1nePkQAM4w>.

RESUMO

teórico

Parágrafo

O parágrafo é uma unidade de sentido com uma função específica dentro do texto.

Introdução

O tema e o posicionamento são apresentados ao leitor, como resposta à pergunta "o quê?"

A COMPOSIÇÃO BÁSICA DA DISSERTAÇÃO

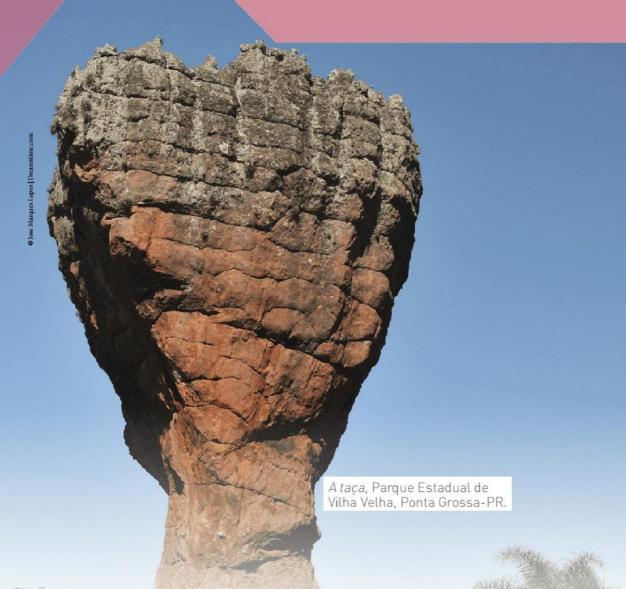
Desenvolvimento

É o trecho do texto que tem a função de desdobrar a tese apresentada na introdução. A preocupação central é responder à questão "por quê?"

Conclusão

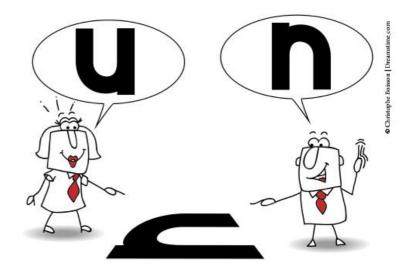
Serve para confirmarmos a hipótese da introdução. No Enem, também é o momento de propor soluções para os problemas abordados.

Capítulo Introdução I: o ponto de vista



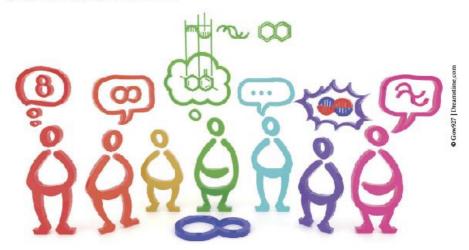
A foto, símbolo do Parque Estadual de Vila Velha, no Paraná, mostra uma rocha cujo nome é "A taça", e o motivo disso não é difícil depreender. No entanto, onde está, efetivamente, a taça? Possivelmente, somos nós que classificamos aquilo que compreendemos com base na observação, como já diria o linguista suíço Ferdinand de Saussure: "O ponto de vista cria o objeto".

O ponto de vista e o que se vê



Você já viu essa charge ou alguma outra similar? Em imagens como essa, a ideia de ponto de vista fica em evidência, ou seja, dependendo do ponto a partir do qual vemos um determinado objeto, varia-se aquilo que se vê. O mais interessante, no entanto, é perceber que nenhum dos dois personagens está errado ou certo a respeito do que afirma ver, até porque não seria ideal aplicar erro ou acerto à figura, pois parece ser intenção do desenhista demonstrar que há sempre duas formas de se ver uma mesma questão. Mas seriam mesmo só duas formas?

Olhando para essa imagem da posição em que estamos, o desenho central não é nem um "u" nem um "n", mas talvez algo mais próximo de um "c". Caso o observássemos do fundo da imagem, provavelmente veríamos um "j", portanto, temos aí, pelo menos, mais duas maneiras de olhar para o mesmo objeto. Mas como seria se não tivéssemos familiaridade com o alfabeto para associarmos cada uma dessas visões a uma letra? E se o nosso nome começasse com uma dessas letras? Será que perceberíamos o que é observado da mesma forma?



Essa segunda imagem talvez seja mais fiel ao que nos cerca diariamente. Somos sujeitos diferentes, com histórias de vida, referências e afetos distintos observando o mundo de lugares variados. Em última análise, as possibilidades de cada um interpretar a realidade se diferencia na mesma proporção das nossas particularidades.

Assim, é justamente a questão do ponto de vista que nos interessa discutir. A definição do que interpretamos a respeito de um tema qualquer é fundamental para a elaboração do texto dissertativo, pois construir um ponto de vista ou uma tese, não raras vezes, vai muito além de se posicionar "a favor" de algum aspecto do tema ou "contra" ele.

O ponto de vista na dissertação

A fim de concretizarmos as explicações a seguir, trabalharemos com um possível tema de dissertação: **A privacidade na era das redes sociais**.

Para compreendermos melhor como elaborar a tese de nossa dissertação, vamos observar com cuidado a expressão "ponto de vista", pois, se a tomarmos literalmente, ela nos indicará um ponto a partir do qual lançaremos nossa visão sobre o tema. Assim, uma tese é um recorte, uma interpretação a respeito do tema tratado, e não um retrato exato desse tema. Em outras palavras, o ponto de vista não revela a realidade em si, mas uma forma de se posicionar diante dela.

Além disso, é importante diferenciarmos uma tese de uma opinião. Basicamente enquanto a opinião pode se basear em vivências particulares, em intuições íntimas ou em gostos, a tese buscará se alicerçar sobre uma reflexão mais ampla e objetiva.

Desse modo, a tese orienta o restante da dissertação, uma vez que deverá ser explicada ao longo do texto, fazendo com que o conteúdo e o andamento dos parágrafos argumentativos sejam selecionados de forma coerente ao teor dela.

Levando em conta esses aspectos e o tema indicado, proporemos a seguir uma série de sentenças, com pretensas teses e de pontos de vista efetivamente bem construídos. Cada uma delas traz um comentário a respeito de sua qualidade.

- a) "Não existe uma discussão a respeito da privacidade nas redes sociais."
 - Fácil demais de provar que é falso, invalidando todo o texto. Não pode ser considerado tese.
- b) "Existe uma discussão a respeito da privacidade nas redes sociais."
 - Fácil demais de provar que é verdadeiro, portanto é constatação, o que também não configura tese. Em outras palavras, trata-se mais de uma descrição do mundo do que, de fato, de um posicionamento a respeito dele.
- c) "A invasão da privacidade nas redes sociais é absurda."
 - O trecho marca um posicionamento, afinal afirmar que algo é absurdo não é descrevê-lo objetivamente, mas posicionar-se acerca dele. No entanto, trata-se de uma tese excessivamente subjetiva porque depende do que cada um considera absurdo, não sendo possível comprová-la objetivamente. Portanto, não é uma tese que caiba em nossa dissertação.
- d) "A invasão da privacidade nas redes sociais é absurda porque traz muitos malefícios."
 - Ainda que esse seja um posicionamento, o texto dissertativo exige análise objetiva e argumentação. Será necessário construir essa ideia de forma menos apaixonada para que seu leitor acompanhe um raciocínio e, ao final, chegue sozinho à conclusão de que é um absurdo e que traz malefícios. O excesso de adjetivação sensacionalista tende a atrapalhar.

- e) "A questão da privacidade nas redes sociais é muito séria."
 - A sentença é subjetiva (séria para quem?), mas com um tom mais sóbrio, comum em reportagem. O texto tende à descrição, portanto é importante provocando mais discussão, provocando o leitor para garantir argumentação.
- f) "É importante que o ser humano se conscientize a respeito da perda de privacidade provocada pelas redes sociais."
 - A tese que carrega em si o "dever ser" sem que seja exigência da proposta vai moralizar a questão e tende a não analisar coisa alguma.
 O desenvolvimento será de normatização, e não de argumentação. É ideal colocar elementos em relação (causa, comparação, condição, finalidade, consequência, soma, oposição, entre outros).
- g) "As redes sociais provocam a diminuição da privacidade do indivíduo."
 - Se a relação é fácil de comprovar, voltamos ao problema da afirmação "b". Então, convém inserir características sociais presentes no mesmo tempo histórico o agora (exceto se a proposta pedir para caminhar historicamente).
- h) "O uso frequente das redes sociais leva o indivíduo a 'abrir mão' de sua privacidade para garantir a conexão virtual."
 - A sentença já está mais bem elaborada, mas sem uma marca que faça o leitor entender que é uma tendência desse tempo histórico, e não uma certeza, culminando em uma generalização. Assim, seria melhor pensar em termos como "tendência", "possibilidade", "geralmente", "leva muitas pessoas a", "boa parte" etc.
- i) "O uso frequente das redes sociais tende a levar o indivíduo a 'abrir mão' de seu universo privado para garantir a conectividade."
 - Já é uma boa tese. O cuidado aqui é com seu planejamento de texto.
 Pode ser mais fácil fazer a tese de forma a dela saírem seus dois parágrafos argumentativos, mas, da forma como está, a construção de um dos dois parágrafos no desenvolvimento pode ser dificultada, pois é como se ela demandasse um único parágrafo argumentativo para se explicar. Assim, convém elaborá-la ainda mais.
- j) "O uso frequente das redes sociais como forma principal de comunicação com o meio externo tende a levar o indivíduo a deixar acessível boa parte de seu universo privado para garantir a conectividade, fator importante para seu pertencimento social atualmente."
 - Continua sendo uma tese boa, mas agora com uma vantagem, pois, a partir dela, podemos prever dois parágrafos argumentativos. No primeiro, desenvolveríamos a troca do universo privado pela conectividade e, no segundo, o porquê de isso ser importante para o pertencimento social.

Com essa lista de exemplos, talvez fique mais fácil compreender o que significam os comentários que aparecem nas correções de seus textos a respeito da tese (ou da falta dela). Identificar em qual desses níveis estamos e adequar nossa escrita às exigências da dissertação é um ponto importante para nos aproximarmos do que é esperado desse gênero textual, melhorando nosso desempenho.



A tese e a proposta

Vale a pena notar que a tese é uma resposta ao que é indicado no enunciado da proposta. No tema que tomamos como exemplo, o que se esperava era uma análise acerca da intimidade no contexto das redes sociais, o que nos permite caminhar por pontos de observação bastante diversos. Além da tese "j", poderíamos propor sentenças como:

- a) "Em um contexto social em que cada vez mais as pessoas são reduzidas às suas funções no mundo do trabalho, não é estranho que elas enxerguem na exposição de suas particularidades no mundo virtual talvez a única possibilidade de dar vazão à subjetividade. Paradoxalmente, então, a intimidade no mundo contemporâneo talvez dependa da exteriorização para existir."
- b) "Quando o consumismo é a tônica, até mesmo a intimidade passa a ter um preço. Nesse sentido, cada vez mais se estimula a sua exposição nas redes sociais, tornando os indivíduos os principais marqueteiros de si mesmos."
 - Note que cada uma dessas três últimas teses (j, a e b) nos leva a textos bastante diversos. No entanto, em propostas anteriores, há certa limitação nos contornos desse ponto de vista: quando a banca lança uma pergunta e antecipa respostas possíveis ("Participação política: indispensável ou superada?"), é preciso optar por um desses caminhos na própria elaboração da tese. Poderíamos, nesse sentido, propor algo como:
- c) "À medida que pessoas comuns deixam de se reconhecer no fazer político, ele tende a espelhar os interesses apenas da classe política "profissional" e daqueles que a financiam. Por isso, a fim de que a política se volte para os interesses coletivos e não de uma pequena parcela, é indispensável a participação."
 - Nesse exemplo, ainda que tenhamos buscado as estratégias estudadas anteriormente para formular o ponto de vista, não pudemos deixar de responder à questão que havia sido proposta. Ao final da tese, fica claro que, para o autor em questão, a participação política é indispensável. Há ainda propostas, como a do Enem, que se configuram de maneira um pouco diferente. Como elas demandam uma proposta de intervenção

para o problema abordado, aquilo que apareceu como um defeito na tese

d) "Para garantir a sua conectividade, o indivíduo contemporâneo muitas vezes abre mão de sua privacidade nas redes sociais. Essa postura, no entanto, pode trazer diversos problemas, os quais devem ser enfrentados." Novamente, há um olhar interpretativo a respeito da proposta, mas, desta vez, não se perde de vista que, para ela, o tema traz entraves que devem

Atenção!

ser combatidos.

"f", agora, não o será mais.

Pode acontecer de os termos tema e tese serem confundidos na elaboração de uma dissertação, principalmente na introdução. Então, fique atento:

Tema será sempre a ideia núcleo, o conceito central da redação.

Tese é o ponto de vista do autor sobre o tema, trazendo o que ele pensa, defende e acredita sobre o assunto, que poderá ser uma tese positiva (favorável) ou negativa (desfavorável) à ideia núcleo.

PARA PRATICAR

Leia com atenção o excerto a seguir.

[...] Depois de selfie (2013) e emoji (2015), a palavra do ano, segundo o dicionário Oxford, foi "pós-verdade". O termo, que "denota circunstâncias em que fatos objetivos têm menos peso do que crenças pessoais", esteve presente no debate político na internet e na divulgação de notícias falsas. A palavra ganhou peso após o resultado das eleições estadunidenses e o referendo que culminou na saída do Reino Unido da União Europeia.

Alguns analistas políticos atribuíram a vitória de Trump e o resultado do Brexit a boatos que circularam na internet. Após escolha da "pós-verdade" como palavra do ano, gigantes da tecnologia, como o Facebook e o Google, declararam "guerra aos boatos". Na prática, nada foi feito ainda, mas a promessa é desenvolver ferramentas de checagem que possam diminuir a disseminação de notícias falsas na web.

No Brasil, também foi possível perceber o impacto dos boatos. Na semana em que o impeachment de Dilma foi votado no Congresso, uma pesquisa da Universidade de São Paulo (USP) apontou que três das cinco notícias mais compartilhadas na internet eram falsas. [...]

MATSUKI, Edgard; CIEGLINSKI, Amanda (Ed.). "Aumento do acesso via celular, games e 'pós-verdade' marcaram a internet em 2016". Agência Brasil, 25 dez. 2016.

Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/acesso-celular-games-e-pos-verdade-marcaram-internet-em-2016.

Acesso em: 18 maio 2017.

Saiba mais

Todos os anos, o *Dicionário Oxford* escolhe uma palavra como a mais importante do ano. A publicação britânica mantém um site para que você possa acessar e conhecer os termos escolhidos em outros anos. Confira: https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>.



- 1 Com base no conteúdo do capítulo, avalie as sentenças a seguir quanto a serem ou não teses e, quando forem, quanto à força delas.
- a) Posto que, nas redes sociais, as pessoas têm ferramentas para se cercarem apenas daquilo em que já acreditam, não estranha a emergência da "pós-verdade".
- b) O Dicionário Oxford escolheu, em 2016, o termo "pós-verdade" como a palavra do ano. Segundo a publicação, a expressão tem a ver com a opção por boatos alinhados a crenças pessoais à verdade.
- c) Cada vez mais imersos em si mesmos, os indivíduos contemporâneos vão, aos poucos, desacostumando-se a qualquer coisa que os contrarie – a verdade, então, dá lugar à "pós-verdade" e proliferam-se os boatos.
- d) É um absurdo que as pessoas, atualmente, não verifiquem exatamente as fontes das informações antes de acreditar nelas ou de compartilhá-las em suas redes sociais. Posturas como essas são responsáveis pela "pós-verdade" e por todos os efeitos negativos da proliferação das mentiras.
- 2 Ainda considerando o texto sobre "pós-verdade", elabore duas teses diferentes e fortes para o tema: O mundo e as relações na era da "pós-verdade".

| | |
|-------------|--|

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein 2017

Texto 1

As pessoas não estão prontas para opiniões nas redes sociais

André Lopes. Blasting News, 30/06/2016.



A "liberdade" das redes sociais é algo interessante de discutir. Conversando com um colega de profissão, por meio de um aplicativo de uma rede social, é claro, falávamos sobre as pessoas expressarem suas opiniões nas redes sociais. Que fique claro que, em minha #Opinião, isso é bom! Mas claro que estou sendo "educado" em dizer "expressar suas opiniões", pois, muitas vezes, elas impõem suas opiniões e mais, transformam a liberdade de expressão em "discurso de ódio". Grande número de participantes das discussões perde, rapidamente, a capacidade de "argumentação" e passa para a grosseria. [...]

A democracia tem sido posta em prática nas redes sociais todos os dias. O grande problema, na minha opinião, não é a liberdade democrática expressa em postagens curtas, longas, imagens ou textos, como este texto, publicado em redes sociais, mas sim a falta de prática democrática nos discursos/textos. [...]

Lendo algumas postagens e suas discussões, chego à seguinte conclusão: a prática da argumentação inteligente é uma importante maneira de expressar a liberdade de opinião e entender que a liberdade começa na capacidade de interpretar e respeitar a opinião do outro, até porque isso tudo que escrevi é a minha opinião.

Disponível em: http://br.blastingnews.com/sociedade-opiniao/2016/06/as-pessoas-nao-estao-prontas-para-opinioes-nas-redes-sociais-00993347.html.

Acesso em: 6 set. 2016. (Adapt.).

Texto 2 A arte de convencer

Especialistas garantem que estudar a arte de convencer os outros virou necessidade não só para quem quer persuadir, mas também não ser enrolado pela conversa alheia.

Uma boa argumentação abre portas. É no que se acredita desde a Antiguidade, quando as primeiras técnicas retóricas foram criadas para convencer e persuadir o público de uma ideia que, independentemente de ser verdadeira, é eloquente.

Numa era de informação global, no entanto, em que comunicar está na base das relações pessoais e profissionais, estar familiarizado com as principais formas de convencimento virou um trunfo de mão dupla: quem sabe a importância de convencer alguém saberá também não cair tão fácil na primeira lábia de um interlocutor.



"Num mercado altamente competitivo e em acelerada mudança, a habilidade de comunicar ideias e convencer as pessoas da necessidade de mudanças é essencial. Nestas circunstâncias, o domínio das técnicas de persuasão cria um diferencial valioso", diz Jairo Siqueira, consultor em criatividade e negociação. [...]

Mestre em estudos literários pela Unesp, o linguista Victor Hugo Caparica lembra que mesmo as relações interpessoais são, em última análise, relações interdiscursivas. Ou seja: na maior parte do tempo, estamos argumentando em maior ou menor grau com as pessoas que nos cercam, influenciando e sendo por elas influenciados.

In: Revista Língua – por Carmen Guerreiro. Disponível em: <www.methodus.com.br/artigo/604/a-arte-de-convencer.html>.

Acesso em: 16 set. 2016.

Texto 3

A arte de argumentar

Todos nós teríamos muito mais êxito em nossas vidas, produziríamos muito mais e seríamos muito mais felizes, se nos preocupássemos em gerenciar nossas relações com as pessoas que nos rodeiam, desde o campo profissional até o pessoal. Mas para isso é necessário saber conversar com elas, argumentar, para que exponham seus pontos de vista, seus motivos e para que nós também possamos fazer o mesmo.

Segundo o senso comum, argumentar é vencer alguém, forçá-lo a submeter-se à nossa vontade. Definição errada! [...] Seja em família, no trabalho, no esporte ou na política, saber argumentar é, em primeiro lugar, saber integrar-se ao universo do outro. É também obter aquilo que queremos, mas de modo cooperativo e construtivo, traduzindo nossa verdade dentro da verdade do outro.

> In: ABREU, A. S. A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 1999, p. 10.

Ao fazer um
discurso é
necessário estudar três
pontos:
primeiro, o meio de
produzir persuasão;
em segundo lugar,
a linguagem; em
terceiro, o arranjo
adequado das
várias partes do
discurso.

Aristóteles
(384 a.C - 322 a.C.),
filósofo grego

CAPÍTULO 7

Introdução I: o ponto de vista

Diante da inquestionável necessidade de domínio da argumentação na vida em sociedade – seja nas redes sociais, seja em outras situações de interlocução –, construa um texto dissertativo-argumentativo que apresente seu ponto de vista sobre o papel da argumentação nas redes sociais, em tempos em que a exposição intensa na web é uma constante.

Sustente seu posicionamento com argumentos relevantes e convincentes, articulados de forma coesa e coerente. Dê um título ao seu texto.

| Seu trabalho será avaliado de acordo com os seguintes critérios: espírito crítico; adequação do texto ao desen volvimento do tema; estrutura textual compatível com o texto dissertativo-argumentativo; e emprego da modalidade escrita formal da língua portuguesa. |
|--|
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |

Texto complementar

[...] Os homens inumeráveis que se sacrificaram por suas convicções acreditavam fazê-lo pela verdade absoluta. Nisso estavam todos errados: provavelmente nenhum homem se sacrificou jamais pela verdade [...]. Mas realmente queriam ter razão, porque achavam que deviam ter razão [...]. Não foi o conflito de opiniões que tornou a história tão violenta, mas o conflito da fé nas opiniões, ou seja, das convicções. Se todos aqueles que tiveram em tão alta conta a sua convicção, que lhe fizeram sacrifícios de toda espécie e não pouparam honra, corpo e vida para servi-la, tivessem dedicado apenas metade de sua energia a investigar com que direito se apegavam a esta ou àquela convicção, por que caminho tinham a ela chegado: como se mostraria pacífica a história da humanidade! Quanto mais conhecimento não haveria! Todas as cruéis cenas, na perseguição aos hereges de toda espécie, nos teriam sido poupadas. [...]

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. SOUZA, Paulo César de (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Apesar de ter sido escrito no século XIX, esse texto do filósofo alemão Friedrich Nietzsche ainda nos parece bastante atual. A vontade de ter razão nisso que aborda o pensador é algo bastante observável nas redes sociais de nossa época, e os fanatismos decorrentes desse cenário ainda se mantêm. Nesse sentido, o que leva as pessoas à necessidade de ter razão, mesmo que essa razão não seja condizente com a realidade? Há medo do debate? Quais os efeitos disso?

Todas essas questões podem ajudá-lo a pensar acerca da proposta de redação, mas, sobretudo, sobre a própria questão do ponto de vista que estudamos. Será que no dia a dia reconhecemos nossos posicionamentos como bons ou os vemos como a própria verdade absoluta?

Quer saber mais?



 Redação inquieta, de Gustavo Bernardo. No livro, o autor faz uma abordagem do texto baseado na ideia de que a escrita é fruto de uma vontade de mudar aquilo que se observa. É bastante interessante por trazer uma visão mais ampla a respeito do fazer textual.



Obrigado por fumar, de Jason Reitman. A comédia faz um trabalho primoroso com a argumentação e com a ideia de que o
ponto de vista, de alguma maneira, constrói a realidade que observamos.





A porta de entrada de uma casa é um limite, tendo de um lado o interior e do outro o exterior, porém a porta em si é tanto interior quanto exterior. Da mesma forma, a **contextualização dissertativa** é esse limiar que primeiro conecta o leitor ao pensamento de quem escreve o texto ao mesmo tempo que liga esse pensamento ao mundo externo, contornando-o e integrando-se a ele.

Contextualização

Conta a história que, em Siracusa, uma cidade-Estado na Grécia Antiga, um rei, desconfiado do trabalho do ourives a quem encomendara uma coroa feita totalmente de ouro, recorreu aos serviços do sábio Arquimedes.

O que o monarca gostaria de saber era se, de fato, o objeto era feito usando-se unicamente o metal precioso ou se havia sido enganado.

Imerso na busca por alguma forma de solucionar a questão, Arquimedes, ao tomar um banho de banheira, teve a resposta que tanto procurava: a densidade. Se a coroa fosse feita apenas de ouro, um bloco da mesma massa do material deveria deslocar a mesma quantidade de água deslocada pela coroa caso ambas fossem submergidas em uma banheira como aquela. Segundo a anedota, o sábio teria

ficado tão animado com a solução que saiu correndo pelas ruas, nu, gritando "Eureka!", que, em grego, significa "Descobri".

Podemos supor o quão esquisita a cena pareceu para aqueles que cruzaram com o homem sem roupas, correndo, feliz a gritar...

Mas o que essa história tem a ver com a contextualização?

Imagine que, antes de escrever sua redação sobre "o papel da argumentação nas redes sociais", você tenha passado um tempo pensando no assunto, refletindo a respeito de como se dá (ou não) essa argumentação, indagando-se acerca de seu ponto de vista sobre o tema; em meio a esse processo, até que um colega se aproxima e, ainda imerso nos próprios pensamentos, você diz:

 Cara, eu acho que a gente n\u00e3o sabe argumentar, porque s\u00f3 temos contato com coisas que a gente j\u00e1 conhece.

Essa frase, vinda assim, de supetão, fica descontextualizada, certo? Você não está nu, correndo pelos corredores do colégio, gritando seu ponto de vista, porém, tal qual a reação dos transeuntes de Siracusa, talvez seu interlocutor também sinta falta de algo ou se sinta confuso. Provavelmente, ele ficaria sem entender corretamente qual é o assunto, afinal não está dentro da sua mente para acompanhar seu raciocínio. Para que ele pudesse participar de um diálogo a respeito do assunto, você deveria ter contextualizado melhor o tema:

— E aí, tudo bem? Cara, eu estava aqui tentando resolver a proposta de redação do Einstein de 2016. O tema era sobre o papel da argumentação nas redes sociais. Aí eu estava pensando que, para mim, nessas redes, a gente só vê opinião e informação que dizem respeito à gente mesmo e, por isso, vamos perdendo a habilidade de argumentar.



Com a dissertação, ocorre o mesmo processo. Por mais que o texto inteiro gire em torno da tese, é importante que ela não venha sozinha, por isso, ainda na introdução, antes mesmo de apresentarmos nosso ponto de vista, é fundamental contextualizar o leitor a respeito da discussão que travaremos. Por meio da contextualização, começamos a compartilhar com nosso interlocutor os elementos básicos para que ele possa localizar o debate e se situar a respeito de quais aspectos nos parece pertinente dissertar.

Assim, a função da contextualização em um texto é apresentar o **tema** ao leitor.

E quanto melhor for a contextualização, mais natural é a chegada do leitor à tese.

Tipos de contextualização

A seguir, estudaremos estratégias utilizadas para dar um contexto e para ligar a contextualização à tese. O tema abordado será:

O papel da argumentação nas redes sociais

a) Contextualização por acontecimentos recentes

Segundo uma notícia divulgada pela "Agência Brasil", uma pesquisa da USP teria revelado que, na semana anterior à votação do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, três das cinco notícias mais compartilhadas na internet no Brasil eram falsas. O resultado do estudo revela que, talvez, o critério para o compartilhamento não seja uma vinculação da notícia ao fato, mas, sim, à crença pessoal de quem compartilha. Esse fenômeno, porém, não é isolado e parece afetar também a argumentação nas redes sociais. Cada vez mais cercados por versões da realidade que mais nos espelham do que, de fato, dizem algo a respeito do mundo, tendemos a ir perdendo a habilidade de argumentar, de colocar em confronto ideias diferentes, porque, justamente, não vemos mais essas ideias diferentes. O efeito disso é o enfraquecimento do papel da argumentação nessas redes. (Autoria de LACC)

Para introduzir a questão da argumentação nas redes sociais, essa contextualização se apoia em uma notícia. Entre ela e o posicionamento propriamente dito há uma passagem, uma transição, essencial para que se mantenha a fluidez do texto. O autor começa com um fato específico (algo ocorrido na semana anterior ao impeachment) e quer chegar a uma tese mais ampla, portanto é importante que ele escreva: "esse fenômeno, porém, não é isolado e parece afetar também a argumentação nas redes sociais".



b) Contextualização histórica

Na Grécia Antiga, "sofista" era o nome dado a um mestre da retórica, alguém que ensinava a seus alunos a argumentação e a oratória a fim de que criassem discursos de convencimento. Uma das críticas que faziam a esse tipo de professor era a de que seus discursos seriam muito mais voltados à verossimilhança do que, de fato, à verdade; em outras palavras, seria como se pudesse provar qualquer coisa, independentemente de o raciocínio utilizado para tanto ser ou não baseado na realidade – a preocupação central, portanto, não é o mundo, mas a forma de dizê-lo. O mundo contemporâneo, por sua vez, principalmente nas redes sociais, parece sofrer de um mal contrário: há tanta certeza de que as crenças pessoais são a própria realidade, que a argumentação se torna desnecessária. Nesse sentido, quanto mais crentes em nossas convicções, menos nos preocupamos em mostrar aos outros o que as fundamenta – elas são, afinal, para nós, a verdade. O efeito disso é que, aos poucos, nós mesmos perdemos as bases de sustentação de nossas ideias. (Autoria de LACC)

Nessa introdução, em vez de buscarmos algo atual, voltamos alguns séculos para estabelecer uma comparação entre o "antes" e o "agora". Aqui também aparece a frase de transição – "o mundo contemporâneo, por sua vez, principalmente nas redes sociais, parece sofrer de um mal contrário: há tanta certeza de que as crenças pessoais são a própria realidade que a argumentação se torna desnecessária" –, que é importante para não darmos a entender que nosso texto se assenta no passado.



c) Contextualização por narrativa

Em "Obrigado por fumar", filme de Jason Reitman, Nick Naylor é um sujeito cuja profissão é defender os interesses da indústria tabagista em meio a um mundo que condena o cigarro. Para tanto, a personagem se vale dos mais diversos malabarismos retóricos, de pesquisas científicas financiadas pelas corporações do tabaco provando aspectos benéficos de seu consumo, de estratégias argumentativas que desviam o foco das doenças causadas pelo cigarro para a liberdade de escolha entre fumar ou não. O filme destaca que, por caminhos diferentes, chega-se a verdades diferentes e, nesse sentido, mais vale conhecer esses caminhos do que, de fato, assegurar uma ou outra verdade como absoluta. O que é trabalhado na ficção talvez encontre reverberação na realidade no que diz respeito ao papel da argumentação nas redes sociais: quanto mais acreditamos como absolutas nossas crenças, menos espaço damos para as estratégias argumentativas que as construíram, o que desencadeia intolerância e, em um ciclo vicioso, o reforço do caráter absoluto dessas crencas. (Autoria de LACC)

Nesse exemplo, a tese é introduzida por um filme. Com uma breve descrição dos aspectos do enredo relevantes para o ponto de vista construído, o autor chega à tese. Novamente, é essencial a frase de transição para que não se dê a impressão de que o filme "prova" a realidade: "o que é trabalhado na ficção talvez encontre reverberação na realidade no que diz respeito ao papel da argumentação nas redes sociais".



d) Contextualização por definição

Segundo o dicionário Michaelis, "argumento" é um raciocínio utilizado para provar a veracidade de uma afirmação, uma demonstração, um indício, uma prova. Fora das páginas do dicionário e dentro das páginas virtuais, porém, o sentido do termo parece sofrer transformações. Cada vez mais imersos em um único tipo de informações e de opiniões, argumentar não é mais buscar uma demonstração ou um raciocínio, mas sim uma confirmação de nós mesmos. Nesse cenário, o papel da argumentação se enfraquece e dá lugar à doutrinação, à imposição de verdades. (Autoria de LACC)

A estratégia desse exemplo foi introduzir o texto pela definição dicionarizada de um termo caro ao tema: "argumento". É possível tecer uma comparação entre o que é definido de maneira mais objetiva pelo dicionário e aquilo que vivemos diariamente. Mais uma vez, é importante ligar a contextualização com a tese de uma forma orgânica, e, desta vez, a frase de transição utilizada foi "fora das páginas do dicionário e dentro das páginas virtuais, porém, o sentido do termo parece sofrer transformações".

e) Contextualização por citação

Em "Fragmentos póstumos", o filósofo alemão Friedrich Nietzsche afirma que não há, efetivamente, fatos, "somente interpretações". A frase, vinda de um pensador do século XIX, embora choque uma plateia acostumada a buscar a verdade inquestionável das coisas, talvez seja de grande relevância para se compreender o papel da argumentação nas redes sociais contemporâneas. Tão crentes estamos em nossas opiniões que acabamos por percebê-las como fatos absolutos, certezas indiscutíveis, ou seja, não parece haver necessidade de argumentar em relação a elas. Nesse sentido, restabelecê-las enquanto interpretações pode ser a única maneira de ainda haver algum "papel da argumentação" nos dias atuais. (Autoria de LACC)

Aqui, a contextualização se dá por meio de uma citação. Nesse momento do texto, recorrer à frase de Nietzsche não serve para conferir autoridade à dissertação, mas para apontar uma reflexão que nos parece dialogar com o tema abordado. É importante salientar que Nietzsche não falou sobre argumentação nas redes sociais, logo é necessário, mais uma vez, pensar bem na frase de transição para chegar à tese. Nesse caso, temos: "A frase, vinda de um pensador do século XIX, embora choque uma plateia acostumada a buscar a verdade inquestionável das coisas, talvez seja de grande relevância para se compreender o papel da argumentação nas redes sociais contemporâneas".

Como podemos perceber, há diversas maneiras de iniciar uma dissertação – e repare que trabalhamos com uma pequena lista do que se poderia fazer para isso. De forma geral, o que há em comum entre elas é a função de situar o leitor na discussão a que nos propomos. Nesse sentido, é extremamente interessante contextualizar o debate antes de se posicionar em relação a ele.

Atenção!

É importante levar em consideração a estrutura da proposta para pensar na contextualização mais adequada ao seu texto. Quando há um limite curto de linhas, por exemplo, começar por uma narrativa ficcional pode ser prejudicial. No entanto, quando o tema demanda comentários a respeito de um fato específico, talvez seja uma estratégia interessante começar apresentando o próprio fato.

PARA PRATICAR

A seguir, há duas teses cuja proposta é:

"Participação política: indispensável ou superada?"

Escolha uma delas e elabore, com base no que estudamos, duas introduções diferentes, apresentando uma contextualização pertinente e uma frase de transição entre ela e o ponto de vista.

a) Quanto mais ensimesmados estamos, mais deixamos de reconhecer as questões públicas como algo que nos afeta intimamente. Nesse sentido, ainda que o cenário atual pareça, muitas vezes, levar à superação da participação política, ela ainda segue indispensável para que possamos interferir naquilo que, da coletividade, toca-nos. (Autoria de LACC)

b) Em um contexto em que nos habituamos a transferir o fazer político aos representantes eleitos, tendemos a nos afastar

da percepção cotidiana da política. Nesse sentido, talvez seja importante, de fato, superar a concepção de participação política que vigora hoje para que possamos, enfim, chegar à política realmente indispensável para nossa organização coletiva.

[Autoria de LACC]

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Uema 2017

Texto 1

[...] As autoridades não agiram contra o padre, mas se queixaram ao arcebispado. E o padre José Paulo foi chamado à presença do cônego secretário do arcebispado. O padre ficou amedrontado. [...] O cônego entrou com um passo manso. Os lábios tinham uma linha dura. Não havia nenhuma simpatia humana na sua figura, nos seus traços duros. O padre o viu, levantou-se, beijou humildemente sua mão:

- Cônego...
- Sente-se padre, temos que conversar.

Olhava com os olhos sem expressão o padre. Sentou-se, cruzou as mãos com grande cuidado, afastou sua reluzente batina da batina suja do padre José Pedro.

- Este arcebispado tem graves queixas contra o senhor, padre. Creio que o senhor já sabe do que se trata...
- Só se é as crianças...
- Tem nos chegado bastantes queixas, padre José Pedro.

Olhou o padre com olhos duros. José Pedro baixou a cabeca.

- A viúva Santos, continuou o cônego, queixou-se. O senhor ajudou uma corja de molegues numa praça a vaiá-la.
- Não é verdade, cônego.
- O senhor quer dizer que a viúva mentiu?
- O que ela disse não é verdade. Eu posso lhe narrar o fato...
- Não me interrompa. Porém agora há uma coisa muito mais grave. O senhor sabe o que fez, sabe?
- O senhor sabe o que é o leprosário?

O cônego não respondeu.

- As vezes tenho que fazer...
- Compactua com os roubos, com os crimes desses perversos.
- Que culpa eles têm... Que culpa...
- Cale-se. A voz do cônego era cheia de autoridade.

O padre o olhou horrorizado. O cônego virou as costas e foi saindo.

A entrevista está terminada, padre José Pedro. Pode se retirar.

Mas o padre ainda ficou parado uns minutos, querendo dizer alguma coisa. Mas não dizia nada, estava como que apatetado...

AMADO, Jorge. Capitães da areia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Adapt.).

Texto 2

CARTA DO SECRETÁRIO DO CHEFE DE POLÍCIA À REDAÇÃO DO JORNAL DA TARDE

Sr. diretor do Jornal da Tarde

[...] Pelo exposto ficou claramente provado que a polícia não merece nenhuma crítica pela sua atividade em face desse problema. A polícia não tem agido com maior eficiência porque não foi solicitada pelo juiz de menores.

Cordiais saudações. Secretário do chefe de polícia

AMADO, Jorge. Capitães da areia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Adapt.).

Texto 3

CARTA DO JUIZ DE MENORES À REDAÇÃO DO JORNAL DA TARDE

Exmo, sr. diretor do Jornal da Tarde

[...] Não cabe ao juizado de menores capturar os pequenos delinquentes. Cabe velar pelo seu destino posterior. E o sr. dr. chefe de polícia sempre há de me encontrar onde o dever me chama. Não tenho culpa, porém, de que fujam [...] Por quê? Isso é um problema que aos psicólogos cabe resolver e não a mim, simples curioso da filosofia.

De v. exc., admirador e patrício grato, Juiz de menores

AMADO, Jorge. Capitães da areia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Adapt.).

Texto 4

Vivemos uma guerra civil verbal. Enquanto o surto da gripe HINI preocupa os brasileiros, o psicanalista e psiquiatra Jorge Forbes chama a atenção para outro tema, uma crise social do país que, a seu ver, é tão importante ou mais que a gripe: a falta de diálogo entre as pessoas que estão aferradas a verdades estanques. [...] "Mas não temos vacina para isso", comenta.

MESQUITA, Renata Valéria. In: Revista PLANETA. Maio 2016, ano 43, ed. 520.

Texto 5

Você precisa escolher um lado? "É importante lembrar que o nosso bem-estar depende também do bem-estar comum. Sinto falta disso na nossa sociedade", comenta a psicóloga Bel Cesar. [...] Conversas sobre temas controversos devem envolver uma intenção verdadeira das partes de ampliar suas visões, recomenda a psicóloga. Se não, será pura discussão, ou seja, uma disputa contaminada pela raiva e pela luta de poder para ver quem se impõe melhor e convencer o outro de que é ele que está errado.

MESQUITA, Renata Valéria. In: Revista PLANETA. Maio 2016, ano 43, ed. 520.

Recorte temático

Como vemos nos textos apresentados, a fala do cônego, um discurso autoritário, se sobrepõe e tenta apagar a fala do padre, um discurso sem prestígio, o que impossibilita um diálogo entre os dois para a resolução de um problema social (texto 1, *Capitães de areia*). Já os trechos das cartas (textos 2 e 3), da referida obra, evidenciam justificativas frágeis de seus emissores, calcadas no desinteresse de ambos em dialogarem sobre importante assunto.

Por outro lado, os textos da Revista PLANETA (textos 4 e 5) tratam da necessidade do diálogo entre as pessoas. A falta de comunicação entre as pessoas, em qualquer grupo social, permite refletir sobre o que afirma o psiquiatra citado na reportagem: vivemos uma guerra civil verbal.

* dialogar – trocar opiniões, comentários etc., alternando papéis de ouvintes e de falantes. (Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa)

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Com um olhar atento para os fatos, escreva um texto dissertativo-argumentativo, em prosa, em que você apresente

| argumentação fundamentada sobre o tema: |
|---|
| DIÁLOGO: ALICERCE PARA AMPLIAR A CONVIVÊNCIA ENTRE AS PESSOAS E O CONHECIMENTO NA SOCIEDADE. |
| Instruções: O texto deve ser escrito na modalidade formal da Língua Portuguesa. A redação deve ter, no mínimo, 25 linhas. |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |

Texto complementar

Em Cloé, cidade grande, as pessoas que passam pelas ruas não se reconhecem. Quando se veem, imaginam mil coisas a respeito umas das outras, os encontros que poderiam ocorrer entre elas, as conversas, as surpresas, as carícias, as mordidas. Mas ninguém se cumprimenta, os olhares se cruzam por um segundo e depois se desviam, procuram outros olhares, não se fixam.

Passa uma moça balançando uma sombrinha apoiada no ombro, e um pouco das ancas, também. Passa uma mulher vestida de preto que demonstra toda sua idade, com os olhos inquietos debaixo do véu e os lábios tremulantes. Passa um gigante tatuado, um homem jovem com cabelos brancos; um anão, duas gêmeas vestidas de coral. Corre alguma coisa entre eles, uma troca de olhares como se fossem linhas que ligam uma figura à outra e desenham flechas, estrelas, triângulos, até esgotar num instante todas as combinações possíveis, e outras personagens entram em cena: um cego com um guepardo na coleira, uma cortesã com um leque de penas de avestruz, um efebo, uma mulher canhão. Assim, entre aqueles que por acaso procuram abrigo da chuva sob o pórtico, ou aglomeram-se sob uma tenda do bazar, ou param para ouvir a banda na praça, consumam-se encontros, seduções, abraços, orgias, sem que se troque uma palavra, sem que se toque um dedo, quase sem levantar os olhos.

Existe uma contínua vibração luxuriosa em Cloé, a mais casta das cidades. Se os homens e as mulheres começassem a viver os seus sonhos efêmeros, todos os fantasmas se tornariam reais e começaria uma história de perseguições, de ficções, de desentendimentos, de choques, de opressões, e o carrossel das fantasias teria fim.

CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. MAINARDI, Diogo (Trad.). [s.l.]: Companhia das Letras, 1990. p. 53-4.

Essa descrição é de uma das 55 cidades invisíveis do autor Italo Calvino. Em Cloé, como podemos perceber, há uma restrição ao diálogo, à convivência que permite um contato aberto com o outro. Ainda que seja uma ficção, não é difícil notarmos que se trata de um comportamento comum em nossas grandes cidades da realidade também. Nelas, o que causa esse distanciamento? Por que nos afastamos uns dos outros? Que fantasias criamos sobre aqueles que não somos nós mesmos e quais os efeitos delas?

Levar essas perguntas em consideração pode ser útil para compreendermos melhor o ensimesmamento contemporâneo e os seus efeitos.

Além disso, que tal tentar contextualizar a redação da seção "Proposta de redação" com essa descrição de Calvino? De maneira metafórica, ela trata de elementos que nos são bastante próximos e, de seu uso, pode resultar uma introdução bastante sofisticada.

efebo jovem, homem na puberdade.

Saiba mais

O livro As cidades invisíveis, do qual foi retirada a descrição de Cloé, conta com outras 54 descrições de cidades imaginárias.

O autor Italo Calvino, cubano e radicado na Itália, a partir de sua mente, descreve as cidades irreais que, de certa forma, nos trazem uma série de aspectos de nossos centros urbanos reais.



Quer saber mais?

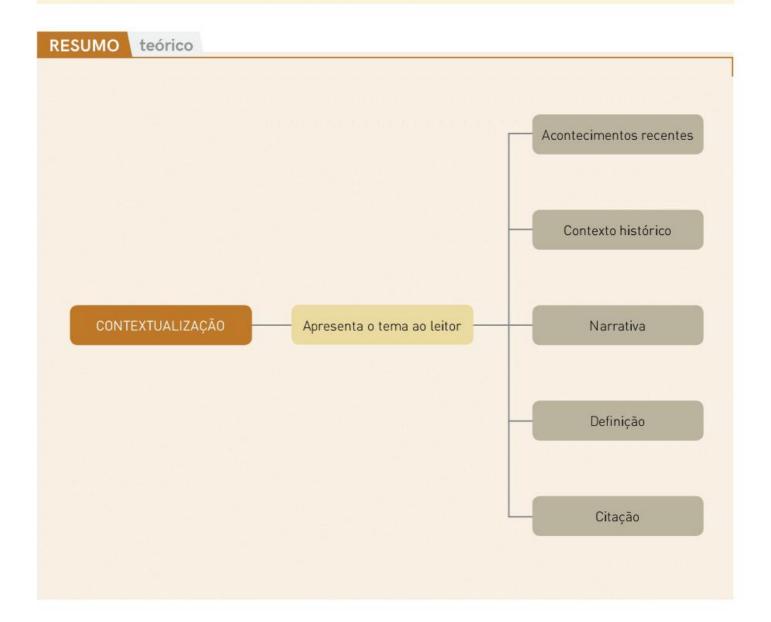


Livro

 Na obra Emoções e linguagem na educação e na política, do biólogo chileno Humberto Maturana, o autor aborda as relações humanas e a discussão a respeito da comunicação e, de certa forma, do diálogo; é interessante para se pensar sobre a contemporaneidade.

Vídeos

- "John Cleese extremismo". No vídeo, o comediante inglês John Cleese trata, de maneira divertida, sobre os extremismos.
 Embora seja uma produção antiga, a atualidade é impressionante. As dificuldades de ouvir o outro e de construir um entendimento em conjunto com ele chamam a atenção. Disponível em: https://goo.gl/kfywZ4.
- Obrigado por fumar, de Jason Reitman. Trata-se de uma comédia que conta a história de um porta-voz das grandes empresas de cigarro que ganha a vida defendendo os direitos dos fumantes.





A violência contra a mulher não se manifesta só na agressão física, e podemos perceber essa subjugação também na cultura, na linguagem, na maneira de pensar e na organização político-social. Embora seja uma tarefa difícil, é indispensável a busca por um cenário mais justo e igualitário, o que implica em mudanças nas formas mais básicas e cotidianas de nossa existência.

As propostas de redação do Enem

Nosso propósito é colocar em prática o que vimos nos capítulos anteriores. Com base em uma proposta de redação real, a do Enem de 2015, buscaremos elaborar **um ponto de vista** e **contextualizá-lo**, criando introduções diferentes.

Enem 2015

PROPOSTA DE REDAÇÃO

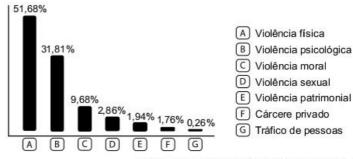
A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema "A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira", apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Texto 1

Nos 30 anos decorridos entre 1980 e 2010, foram assassinadas no país acima de 92 mil mulheres, 43,7 mil só na última década. O número de mortes nesse período passou de 1.353 para 4.465, que representa um aumento de 230%, mais que triplicando o quantitativo de mulheres vítimas de assassinato no país.

WALSELFISZ, J. J. Mapa da Violência 2012. Atualização: Homicídio de mulheres no Brasil. Disponível em: www.mapadaviolencia.org.br. Acesso em: 8 jun. 2015.

Texto 2
TIPO DE VIOLÊNCIA RELATADA



BRASIL. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Balanço 2014. Central do Atendimento à Mulher: Disque 180. Brasília, 2015. Disponível em: <www.spm.gov.br>. Acesso em: 24 jun. 2015. (Adapt.).



Disponível em: <www.comprimissoatitude.org.br>. Acesso em: 24 jun. 2015. [Adapt.].

Texto 4

O IMPACTO EM NÚMEROS

Com base na Lei Maria da Penha, mais de 330 mil processos foram instaurados apenas nos juizados e varas especializados

332.216 processos que envolvem a Lei Maria da Penha chegaram, entre setembro de 2006 e março de 2011, aos **52** juizados e varas especializados em Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher existentes no País. O que resultou em:



33,4% de processos julgados



9.715 prisões em flagrante



1.577 prisões preventivas decretadas



58 mulheres e 2.777
homens enquadrados na
Lei Maria da Penha estavam
presos no País em dezembro
de 2010. Ceará, Rio de Janeiro
e Rio Grande do Sul não
constam desse levantamento
feito pelo Departamento
Penitenciário Nacional



237 mil

relatos de violência foram feitos ao Ligue 180, serviço telefônico da Secretaria de Políticas para as Mulheres



Sete de cada **dez** vítimas que telefonaram para o Ligue 180 afirmaram ter sido agredidas pelos companheiros

Fontes: Conselho Nacional de Justiça, Departamento Penitenciário Nacional e Secretaria de Políticas para as Mulheres

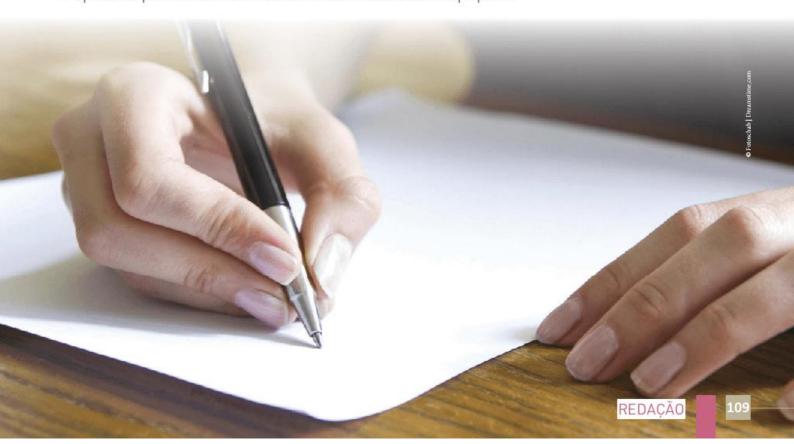
Disponível em: <www.istoe.com br>. Acesso em: 24 jun. 2015. (Adapt.).

Instruções:

- O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
- O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
- A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.

Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:

- tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo considerada "texto insuficiente".
- fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
- apresentar proposta de intervenção que desrespeite os direitos humanos.
- apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.



Análise da proposta e da coletânea

Em primeiro lugar, para que possamos começar a definir nosso **ponto** de vista, é importante observar com atenção o recorte do tema exigido pela proposta. A prova com que estamos trabalhando pede que nos posicionemos a respeito da **persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira** e que apresentemos uma **proposta de intervenção que respeite os direitos humanos**. Dito isso, temos:

- A proposta não está perguntando se há ou não violência contra a mulher. Isso é tomado como ponto de partida; logo, não há espaço para uma tese que questione essa violência.
- O texto da proposta não especifica o tipo de violência, portanto não devemos restringi-la à violência física, por exemplo.



- Além disso, a banca valeu-se do termo **persistência**, ou seja, parece insistir no fato de que a violência continua mesmo com o decorrer do tempo e os mecanismos de inibição.
- O recorte elaborado é acerca da sociedade brasileira.
- A exigência de uma proposta de intervenção nos interpela quanto a um posicionamento e a um desenvolvimento que a antecipem.

Além das orientações apresentadas na proposta, a coletânea nos ajuda a compreender melhor o **tema** a respeito do qual dissertaremos. Veja:

Texto 1

Traz alguns dados sobre o aumento do número de assassinatos de mulheres entre os anos 1980 e 2010: a elevação em 230%, como antecipamos em "a", evidencia a existência desse cenário violento.

Texto 2

Por meio de um gráfico, a coletânea analisa os tipos de violência relatados segundo a Secretaria de Políticas para as Mulheres. Nesse detalhamento, fica claro que a violência não se resume à agressão, mas compreende também aspectos simbólicos responsáveis pela construção identitária dessas vítimas.

Texto 3

A coletânea começa a nos encaminhar para as intervenções: mostrando a imagem de uma publicidade que pede o fim do feminicídio.

Texto 4

Há alguns dados a respeito do que vem sendo feito após a Lei Maria da Penha e, também, informações sobre o canal de denúncia (180) e do que se tem registrado por meio dele.

O ponto de vista

Como podemos notar, a parte final da coletânea parece nos sugerir que, institucionalmente, isto é, no âmbito das leis, das punições, já existem medidas sendo tomadas. Podemos pensar, então, que por mais que elas sejam intensificadas, com mais fiscalização e diversos meios de denúncia, tudo isso talvez ainda seja insuficiente, pois a violência contra a mulher tem raízes profundas, culturais. Basta pensarmos nos processos históricos da sociedade brasileira, nos quais a imagem da mulher é construída como alguém "do lar", a quem não couberam as decisões sobre a coletividade durante muito tempo; nas músicas, que objetificam o corpo feminino; nas propagandas, que associam a mulher com a sexualidade ou com o espaço doméstico; nas expressões cotidianas como "sexo frágil", "mulherzinha", "vira homem". Em uma cultura como essa, não parece estranho que o sujeito feminino seja, sistematicamente, subjugado, tanto no plano simbólico quanto na literalidade, e disso decorre toda uma sorte de agressões.

Explorar esses aspectos pode ser um bom caminho para a construção do ponto de vista. Nesse sentido, e levando em conta que em uma proposta como a do Enem nos são pedidas as intervenções, poderíamos pensar em teses como as seguintes:

- Tese 1 Em um cenário em que vigora o machismo, a mulher é persistentemente vítima da violência, o que demanda enfrentamentos não apenas no âmbito das leis e das punições, mas, sobretudo, no da cultura.
- Tese 2 A forma como se constrói na cultura brasileira a identidade feminina é responsável, em grande medida, pela persistência da violência contra a mulher; assim, para enfrentar esse problema social, é necessário agir, primordialmente, na cultura.

Nas duas teses, destacamos uma construção cultural que, de certa maneira, torna frequente a inferiorização da mulher, o que faz a violência contra ela persistir. Seguindo esses pontos de vista, podemos começar a pensar em contextualizações e, como exemplo, colocamos algumas feitas por alunos reais para essa mesma proposta:



Introdução com contextualização a partir da coletânea

| Decretada em 2006, a Lei Maria da Penha foi um avanço significativo |
|---|
| no combate à violência contra a mulher. No entanto, desde aquele ano, as |
| estatísticas permanecem altas e os abusos contra o sexo feminino persistem. |
| Isso se deve, principalmente, à mudança do papel da mulher na sociedade |
| brasileira, a qual não foi acompanhada por uma transformação na mentalidade |
| machista da população. Ademais, as mulheres que sofrem violência ainda não |
| encontram amparo adequado antes e depois de efetuar uma denúncia. |
| Marina Barrionuevo |

Nesse exemplo, os elementos básicos utilizados para construir a introdução decorrem de uma leitura atenta da coletânea disponibilizada. Com base em uma breve análise do texto 4, a autora constata a persistência da violência como algo causado pela manutenção da "mentalidade machista da população". Além disso, um tópico que se pretende abordar, segundo o que ela pontua, é a falta de "amparo adequado antes e depois de efetuar uma denúncia".

Introdução com contextualização a partir da história

O patriarcalismo histórico somado à cultura de objetificação da mulher refletiu-se na legislação do Brasil colonial, por exemplo, que dava aos maridos o direito de assassinar suas esposas. Apesar da emancipação progressiva do gênero feminino, como a relativa ascensão da mulher no mercado de trabalho e a criação de leis que visam proteger a integridade feminina - exemplificadas pela Lei Maria da Penha, os paradigmas de um modelo patriarcal conservador não foram superados, visto que a violência contra a mulher persiste no Brasil.

Como o problema é oriundo de uma construção cultural, sua base é que deve ser modificada.

Aline Hernandez Marquez Sarafyan

Novamente, baseado em um posicionamento que reconhece no modelo cultural vigente a causa da persistência da violência contra a mulher, temos uma introdução bem construída. Para contextualizar a tese, a autora, desta vez, recorre a um breve percurso histórico e localiza aí o fundo conservador que provoca a violência.

Introdução com contextualização por meio das atualidades

| Num contexto marcado pela ascensão da mulher ao mercado de trabalho, nos |
|---|
| cursos superiores e pela ampliação dos movimentos feministas no Brasil, um fato se |
| torna disfórico e incompatível à realidade brasileira: a persistência da violência contra |
| a figura feminina. Ora de modo físico, ora de modo psicológico, a violência gerada em |
| ração do gênero torna-se uma questão a ser combatida. Assim, tal problema socia |
| não engloba apenas o núcleo familiar ou o indivíduo em si, mas também uma série de |
| fatores culturais brasileiros que permitem a ocorrência da agressão contra a mulher |
| Renata Drizlianok |

Outra vez o posicionamento adotado identifica a violência contra a mulher como algo cuja raiz é a cultura brasileira, que, enquanto persistir como tal, fará persistirem as agressões. Para contextualizar, no entanto, a autora escolhe apresentar um panorama atual da questão da mulher em nossa sociedade. Podemos notar que, ainda que ela não trabalhe com estatísticas, a percepção que temos do cenário atual, caso possa ser evidenciada, é um ótimo caminho para começar uma redação.

Introdução com contextualização a partir de uma citação

| Em "We should all be feminists", a escritora Chimamanda Adichie relata que, |
|--|
| diante da notícia de um estupro coletivo cometido contra uma jovem nigeriana, |
| a resposta de muitos homens e mulheres foi "Sim, o estupro é errado, mas o que |
| uma garota estava fazendo em uma sala com quatro garotos?". Tal pensamento |
| narrado pela escritora não é isolado e restrito àquele país, mas, sim, uma |
| representação da cultura machista, que está presente na sociedade brasileira, a |
| qual tende a culpabilizar a vítima e permitir a persistência da violência contra a |
| mulher. Portanto, com o objetivo de garantir o exercício dos Direitos Humanos |
| a todos os indivíduos independentemente do gênero, é necessário que o Estado, em |
| comunhão com os cidadãos, modifique essa cultura opressora. |
| Bianca Lemos |

Desta vez, é por meio de uma referência da própria autora que se contextualiza o texto. A palestra da escritora Chimamanda Ngozi Adichie funciona como o ponto de partida para mostrar que há uma culpabilização da vítima, o que faz persistir a violência contra a mulher. O discurso faz parte do repertório da autora da introdução, e ela percebe nele um ponto de contato com o que pretende defender. A tese, por sua vez, continua relacionando a violência à "cultura opressora", a qual deve ser transformada para que se encerre esse ciclo de agressões.

Saiba mais

Chimamanda Ngozi Adichie é uma escritora nigeriana contemporânea. Dentre suas obras, destacam-se *Hibisco roxo*, de 2003, seu primeiro romance, e *Americanah*, de 2013, escolhido pela The New York Times Book Revew como uma das melhores obras daquele ano.





Introdução com contextualização a partir de elementos populares

"Porque homem não chora". Com esse argumento, verso de uma de suas músicas, o cantor Pablo (conhecido popularmente como "Pablo da sofiência") aponta para a comum naturalização dos papéis de gênero em nossa sociedade. Ao homem, cabe ser viril e centro das decisões. À mulher coube, historicamente, o papel de quem sofre, de que sente, enfim, de quem chora. Essa divisão, porém, tem como resultado a violência contra aquelas que, como sempre fizeram crer, são mais frágeis. Cabe, então, pensar como diferentes esferas sociais podem agir para mudar o presente quadro, que traz inúmeras mortes em suas estatísticas.

Gabriela Carvalho

Novamente, é conforme a referência do repertório da própria autora que se constrói a contextualização. Aqui, no entanto, ela recorre a uma música popular bastante tocada nas rádios e, tomando-a como evidência, apresenta uma percepção a respeito do que a letra revela do cenário brasileiro contemporâneo no que tange à questão da violência contra a mulher. Vale a pena notar que não se trata de uma canção erudita, mas de algo bastante acessível a qualquer um que ouça rádio ou assista à televisão aberta. Por fim, mais uma vez, a tese aponta a inferiorização feminina como um traço cultural.

Introdução com contextualização a partir de ficção

| O filme "3ootopia" narra a história da coelha Judy e da raposa Nick, que, |
|--|
| juntas, precisam resolver os vários mistérios da cidade animal. Além da aventura |
| e do suspense, o filme também retrata a dificuldade de Judy em ser respeitada |
| como policial, uma veg que sua condição de coelho contrasta com a de seus colegas, |
| predadores e fortes. A realidade da policial, porém, não se limita à fantasia, uma |
| vez que nossa própria sociedade cria estereótipos que restringem nossa identidade. |
| Assim como em "3ootopia", em que os coelhos são tidos por presas fofas, em nossa |
| cultura, a mulher é construída imageticamente como fraca, emotiva, doméstica |
| e submissa, o que faz persistir a violência contra ela. Assim, para reverter esse |
| quadro, fazem-se necessárias ações, principalmente, no campo cultural. |
| Mariana Kurashima |

Nesta última introdução, a autora opta por contextualizar por meio da construção de uma analogia entre a realidade e uma ficção. Com base na animação *Zootopia*, ela consegue perceber uma relação entre a inferiorização de uma personagem e o estereótipo criado acerca dela e, dessa percepção, estabelece um paralelo com a realidade: a violência física e simbólica que se pratica contra a mulher talvez seja fruto da maneira como, culturalmente, construíram-se os estereótipos femininos. Aqui, mais uma vez, a tese aponta para as causas culturais da violência, mas a estratégia de situar o leitor quanto ao tema é diferente, buscando na ficção essa contextualização.

E você? Com qual dessas introduções se identifica mais e em quais outras estratégias pensaria para contextualizar seu texto?

PARA PRATICAR

| Com base na proposta do Enem de 2015, construa três introduções diferentes para uma possível dissertação. Patanto, será preciso pensar no ponto de vista e na contextualização . Quanto ao primeiro, lembre-se de responder que é apresentado pela proposta. Quanto à contextualização, procure valer-se de seu repertório — músicas, prograndas, notícias recentes, definições, ficções: tudo pode servir de material, desde que você atente para a clareza explicar a referência e tenha cuidado para ligá-la à tese. | | |
|---|--|--|
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |

PROPOSTA DE REDAÇÃO

| En | _ | - | 2 | n | 1 | _ |
|----|---|---|---|---|---|---|
| En | e | m | _ | u | 1 | Э |

| A proposta de redação que acabamos de estudar é a do Enem de 2015. Se você preferir, utilize uma das introduções da seção "PARA PRATICAR" para elaborar o seu texto. De qualquer maneira, lembre-se de seguir atentament as instruções da prova e de construir uma proposta de intervenção pertinente. | | |
|--|--|--|
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| , | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| · | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |

Texto complementar

[...] Os Arapesh – homens e mulheres – exibiam uma personalidade que, fora de nossas preocupações historicamente limitadas, chamaríamos maternal em seus aspectos parentais e feminina em seus aspectos sexuais. Encontramos homens, assim como mulheres, treinados a ser cooperativos, não agressivos, suscetíveis às necessidades e exigências alheias. [...] Em meio aos Mundugumor, [...] homens e mulheres se desenvolviam como indivíduos implacáveis, agressivos e positivamente sexuados, com um mínimo de aspectos carinhosos e maternais em sua personalidade. [...] Na terceira tribo, os Tchambuli [...], a mulher (é) o parceiro dirigente, dominador e impessoal, e o homem a pessoa menos responsável e emocionalmente dependente.

MEAD, Margaret. "Identidades são construídas". In: BUENO, André. Textos sobre História das Mulheres [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Ebook, 2016. p. 205. Disponível em: . Acesso em: 8 set. 2017.

Esse excerto faz parte da obra Sexo e temperamento, da antropóloga norte-americana Margareth Mead. No livro, a pesquisadora relata o comportamento íntimo de três tribos da Nova-Guiné depois de conviver com esses povos na década de 1930. Pelo que lemos, os papéis sociais atribuídos a cada um dos gêneros não são limitados pelas características biológicas dos corpos. Na verdade, eles têm muito mais a ver com a própria sociedade construída.

Assim, talvez possamos pensar que esses papéis (com as suas limitações e as violências das mais diversas ordens surgidas a partir deles) podem ser transformados em busca de sociedades em que prevaleçam a igualdade e a justiça.

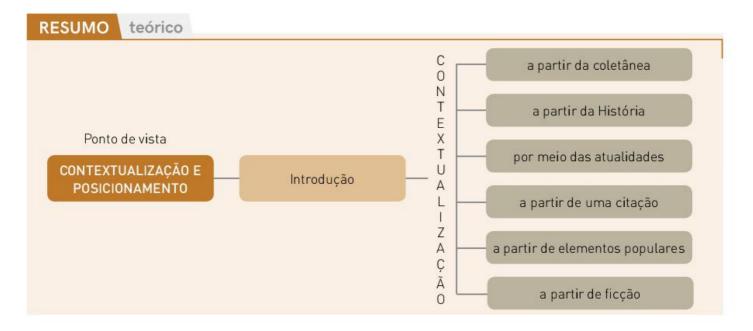
Quer saber mais?



 Em O segundo sexo, a filósofa francesa Simone de Beauvoir trabalha detalhadamente os processos de construção histórica do gênero feminino. A obra, em dois volumes, é longa, mas sua leitura vale bastante a pena para um debate mais qualificado sobre o tema.

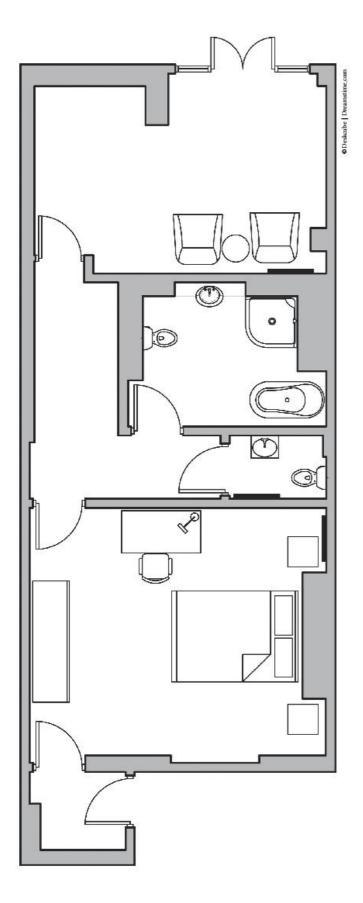


 A palestra da escritora Chimamanda Adichie aborda as limitações impostas pelos estereótipos de gêneros e sugere caminhos para desconstruí-los. Você poderá conferi-la na íntegra em <www.youtube.com/watch?v=fyOubzfkjXE>.





O texto dissertativo não se constrói a partir do nada, mas tem, sim, um percurso traçado desde o começo. Assim como uma placa de orientação, a tese indica para o leitor qual será o trajeto. Então, quando o ponto de vista é empregado a partir dessa sinalização, já podemos conhecer o encaminhamento textual desde o primeiro parágrafo, ou seja, é uma jornada cujo princípio já revela a chegada.



Esboco

Com base na metáfora da construção, podemos ver que o esboço de uma planta arquitetônica não traz as medidas exatas de cada parede, não identifica os materiais que serão utilizados na execução do projeto nem com quais cores serão pintados os cômodos. No entanto, já mostra algo a respeito do que será construído: há um quarto, um banheiro com chuveiro e banheira e outro apenas com um vaso sanitário e uma pia, um cômodo que parece uma sala de estar, mas nada nos leva a reconhecer uma cozinha, por exemplo. Dessa forma, se nosso primeiro contato com esse "quarto e sala" se dá por meio desse esboço, não esperamos, ao visitá-lo já pronto, encontrar uma cozinha.

No texto dissertativo, também podemos elaborar esses "rascunhos". Na verdade, a tese é a responsável por criar na mente de nosso leitor uma imagem do que será trabalhado.

Quando a **tese** é bem construída, além de **marcar o posicionamento** da dissertação, também **deixa claro o que será encontrado** durante o texto e qual o encaminhamento desse conteúdo.

Como já estudamos sobre a elaboração do ponto de vista, sabemos que, quanto mais ele orienta o desenvolvimento argumentativo, melhor ele é, como veremos a sequir.

Tese

Escrevemos uma dissertação a fim de defender argumentativamente um ponto de vista. Isso significa que o texto inteiro será voltado a esse posicionamento, portanto é por meio dele que selecionaremos os argumentos, as justificativas etc. Vamos tomar como exemplo o seguinte tema:

Diálogo: alicerce para ampliar a convivência entre as pessoas e o conhecimento na sociedade.

Com base nele, poderíamos propor a seguinte tese:

Em uma cultura construída a partir de muros, o diálogo entre o "eu" e o "outro" é dificultado. O efeito disso é que, afastados de qualquer contato direto, o "outro" torna-se, para o "eu", o desconhecido, aquele que assusta com as suas crenças diferentes e que deve ser evitado.

Giovanne Souto

Nessa tese, o que o autor parece antecipar é uma discussão abordando o enfraquecimento do diálogo a partir dos muros que construímos para nos isolarmos, o que nos levaria a um contexto de ensimesmamento, em que o outro, o diferente, é algo a ser evitado; e isso, em um ciclo vicioso, reforçaria a inviabilidade do diálogo.

Além disso, vale a pena reparar que essa tese também já aponta o caminho seguido pelo texto, podendo ser dividida em duas partes, em que e cada uma delas sugere o que será encontrado nos parágrafos argumentativos.

Em uma cultura construída a partir de muros, o diálogo entre o "eu" e o "outro" é dificultado. O efeito disso é que, afastados de qualquer contato direto, o "outro" torna-se, para o "eu", o desconhecido, aquele que assusta com as suas crenças diferentes e que deve ser evitado.

Giovanne Souto

O trecho destacado em azul diz respeito ao que será o foco do primeiro parágrafo de desenvolvimento (o qual chamaremos, a partir daqui, de D1). Isso significa que esse trecho da argumentação deverá explicar essa cultura dos muros como um aspecto social que nos leva a querer fugir do outro. Seria possível, então, trabalhar:

- as convocações à reclusão individual;
- a ideia de que, em nossa cultura, os espaços ditos "exclusivos" são valorizados positivamente;
- como exemplo da ideia anterior, seria cabível apresentar o condomínio fechado, a escola particular, o automóvel privado, o camarote;
- o ensimesmamento como efeito desse processo, isto é, dentro desses espaços exclusivos, há pouco espaço para a diferença, que é tão necessária ao diálogo.

Já o trecho grifado em verde é o que interessará debater no segundo parágrafo do desenvolvimento (D2): a transformação do outro em algo que assusta. Para tanto, poderíamos abordar os seguintes assuntos:

- quanto mais distantes do outro nós estamos, maior é a tendência a só enxergarmos o que nos afasta dele;
- o fato de que, como efeito disso, aos poucos, esse outro se transforma em algo que assusta e que não se quer por perto;
- a consequência disso, ou seja, se o diálogo alicerça o conhecimento e a convivência, quando ele se cala, tampouco há o que se conhecer.

Outro aspecto importante: quando a tese aparece bem construída, ela também já indica qual será a ligação entre D1 e D2 – a expressão "o efeito disso" indica uma relação de causa e consequência, ou seja, quando começarmos o D2, já saberemos, de antemão, que ele será uma decorrência do D1.

Identificando a tese, podemos pensar também em uma contextualização em que serão abordados os muros como algo que inviabiliza o diálogo. Assim, o que poderíamos utilizar para chegar a esse posicionamento? A definição de "diálogo" presente na coletânea seria um bom caminho. Por outro lado, que tal um filme?

Na versão final dessa redação, o autor trabalhou com o longa-metragem *A chegada*, de Dennis Villeneuve. Na história, Louise Banks, uma emérita especialista em linguística, é chamada para tentar estabelecer contato com alienígenas que chegaram à Terra. Depois do fracasso das primeiras tentativas governamentais, a personagem é contratada para decodificar a linguagem desses seres de outro planeta. Ela entra, então, em uma das naves e, lá, encontra uma barreira: um espesso vidro a separa dos visitantes.

Repare que, com esses elementos da ficção, conseguimos estabelecer **relações com a tese**, pois estão presentes o diálogo e os obstáculos que se enfrentam para realizá-lo.

Depois desse planejamento, não é apenas a tese que podemos identificar. Já sabendo o andamento argumentativo que se seguirá dela, podemos, inclusive, propor um fechamento para essa dissertação, afinal, se respeitarmos esse esboço, não haverá grandes dificuldades para finalizar o texto. Veja a conclusão a seguir.

No filme, é fugindo de seu medo que Louise Banks expande a si mesma e, por consequência, seu universo para horizontes mais amplos e abertos. Na vida real, porém, esses horizontes vão ficando cada vez mais próximos e, por fim, à medida que isso se acentua, amedrontados, fechamo-nos ao outro no vácuo que nós próprios nos tornamos.

Giovanne Souto

O que temos, depois de cada uma dessas etapas, é o seguinte esqueleto dissertativo.



Refinamos o esboço, isto é, mesmo sem ver o texto pronto, já identificamos melhor cada uma de suas partes. Se essa dissertação for executada de acordo com o planejamento, não veremos nela, por exemplo, o debate sobre as redes sociais aproximando o "outro" e abrindo espaço para o diálogo, por mais dentro do tema que essa ideia possa estar; igualmente, não se justificará o ensimesmamento a partir da correria do cotidiano, que também estaria dentro do tema, mas, a partir do que foi programado para o D1, trata-se de uma ideia que não cabe mais para essa redação. Veja, a seguir, como ficou este texto.

Sobre aliens, muros e diálogo

No filme "A chegada", Louise Banks, uma emérita especialista em linguística, lecionava numa universidade quando, interrompida por seus alunos, para a sua aula a fim de assistir a uma transmissão ao vivo na TV: doze gigantescos objetos voadores - chamados de "conchas" - pairam sobre a Terra. A tentativa de estabelecer contato com as criaturas desses objetos fracassa. Assim, Louise é contratada para decodificar a linguagem alienígena. Ela entra numa das "conchas" e, lá, encontra uma

barreira: um espesso vidro separa as duas civilizações dificultando as tentativas de comunicação. A metáfora construída na ficção encontra sua literalidade no mundo real: aterrissando numa cultura construída a partir de muros, o diálogo entre o "eu" e o "outro", permeados por barreiras, é dificultado, tido como algo de outro planeta. O efeito disso é que, afastados de qualquer contato direto, o "outro" torna-se, para o "eu", o desconhecido, aquele que assusta com as suas crenças diferentes e que deve ser evitado.

Quando a vida é concebida a partir de muros, a distância entre os sujeitos sociais torna-se cada vez maior. Ensimesmado por relacionar-se apenas com o que lhe é comum dentro de suas próprias barreiras, o indivíduo - fechado num universo particular - dialoga apenas com o eco de suas convições pessoais. Para este, que acredita fazer-se por si só, a vida parece melhor quanto mais redomas ele frequenta, sejam elas o transporte individual, o ensino particular ou a moradia em condomínios. A seu ver, estar onde o outro não está é sinal de valor. Encapsulado, então, numa construção social que reflete seus gostos individuais e afastado daquilo que possa vir a alterar essa realidade confinada em muros, o diálogo (que só pode acontecer pelo reconhecimento do outro), neste cosmos, é algo cada vez menos frequente.

Em decorrência disso, se o contato entre os indivíduos paira num cenário de afastamentos, o medo é o sentimento que sobrevoa a relação entre o "eu" e o "outro". Ao sujeito confinado em muros, a ordem é sempre fortificá-los, evitando, desta forma, qualquer tentativa de comunicação com o que está além destes. Quanto mais afastado, mais o lado de fora é algo alienígena, porém, em lugar de tentar se comunicar com esse outro, de conhecê-lo e, ao façê-lo, conhecer mais sobre si mesmo, esse sujeito amedrontado prefere o isolamento. No interior de seu universo particular, nenhum som que não suas próprias convicções se propaga.

No filme, é fugindo de seu medo que Louise Banks expande a si mesma e, por consequência, seu universo para horizontes mais amplos e abertos. Na vida real, porém, esses horizontes vão ficando cada veç mais próximos e, por fim, à medida que isso se acentua, amedrontados, fechamo-nos ao outro no vácuo que nós próprios nos tornamos.

Giovanne Souto

PARA PRATICAR

A seguir, há duas introduções elaboradas com base em um tema similar ao da redação analisada neste capítulo. As contextualizações são parecidas, ainda que as teses sejam diferentes.

Após identificar os pontos de vista, grife-os, separando o que está previsto para o D1 e para o D2. Em seguida, encontre os dois parágrafos de desenvolvimento e a conclusão de cada um dos textos e recoloque-os em ordem.

Introdução I

Drummond, renomado poeta brasileiro, afirmou que "no meio do caminho tinha uma pedra". À primeira vista, essa frase pode parecer simples, mas ela esconde uma das mais emblemáticas questões da atualidade: pedra sobre pedra se faz muro. Escapando do sentido lúdico dessa obra, vemos no mundo real a separação de opiniões, ideologias e até pessoas. Inseridos em uma sociedade que tem medo daquilo que não conhece e que vê no "outro" uma ameaça, somos impelidos a erguer muros que garantam nossa segurança. Dessa maneira, cada vez mais o diálogo fica silenciado e as pessoas ensimesmadas.

Pedro Haddad

Introdução II

Drummond, em seu célebre poema, afirma que nunca se esquecerá, na vida de suas retinas tão fatigadas, da pedra com que, um dia, cruzou em seu caminho. Ao encontrá-la, o eu lírico do poema se detém, para que essa existência estranha em sua própria rotina seja observada por diversos pontos de vista – para tanto, todavia, é preciso que dê a ela tempo. Em nossa sociedade contemporânea, porém, talvez não haja mais esse tempo. Quando a velocidade é a lei, o outro e o tempo necessário para compreendê-lo, algo tão essencial para o diálogo, tornam-se pedras a serem chutadas. O efeito disso, enfim, é seguirmos por caminhos em que não há espaço para a convivência.

Autoria de LACC

Parágrafos seguintes embaralhados:

- a) É nesse contexto que, sobre a convivência, coloca-se uma pedra pesada demais. Viver em conjunto implica tempo para a dissonância – tanto para ouvi-la quanto para compreendê-la: de alguma forma, realmente o outro sempre traz ideias que nos são novas, que demandam esforço para que as compreendamos. Ao indivíduo apressado, todavia, esse tempo necessário para pensar em conjunto, para ouvir o que diverge dele mesmo é caro demais. A quem não consegue acomodar o outro em seus horários divididos pela planilha do Excel, contudo, é mais importante correr do que ouvir, é mais importante passar por cima de qualquer pedra do que permitir-se mudar por ela.
- b) Se há medo e insegurança no contato com aquele que é desconhecido, há também o reforço para a construção de muros. Uma vez que o "eu" se confina no ambiente privado, tudo aquilo que acontece em outros espaços e é considerado ruim se torna responsabilidade do "outro". Sendo assim, a relação entre eles, quando ocorre, passa a ser superficial, permeada por julgamentos, preconceitos e medos, fato observado no tratamento que imigrantes e refugiados recebem. Não à toa esse "outro" foi apedrejado em praça pública ao longo da história. Surgem, desse modo, pedras no caminho dos relacionamentos interpessoais, as quais se acumulam formando muros.
- c) De pedras a muros. De muros a muralhas. O medo do outro parece imperar na sociedade contemporânea trazendo como resultado o silêncio do diálogo. Silêncio esse fortalecido pelo ensimesmamento social. Além do simples, a pedra no meio do caminho serve como metáfora para analisar as relações interpessoais.
- d) A partir do momento em que a produção é a pedra de toque do tempo contemporâneo, o que o afasta dela deve ser minimizado. Posto que sustenta, de um lado, o que consumir e, de outro, o poder consumir, a produtividade se torna o bem maior a ser preservado. Buscando-a, os indivíduos buscam a rapidez naquilo que fazem para poder continuar fazendo e de forma cada vez mais veloz, tirando de seus caminhos tudo o que possa ser um obstáculo: o tempo da alimentação dá lugar ao fast-food; a dor de cabeça deve sumir tão logo apareça e o sono dá lugar à cafeína. Nesse cenário, o outro, por representar sempre uma alteridade em potencial, deve, de alguma maneira, ser despotencializado, ou seja, tudo o que nele é diferente do próprio "eu" passa a ser mutilado: toda a subjetividade com comportamentos diversos deve ser restringida ao uniforme utilizado no mundo de trabalho, toda visão política diversa deve ser bloqueada na rede social. Para o sujeito apressado, dar tempo ao outro é perda de tempo.

- e) Quando tais muros se erguem nos relacionamentos, as pontes do diálogo desmoronam. Isso se faz possível em meio ao crescente ensimesmamento da sociedade, pois, se o "eu" basta, o "outro" se torna acessório e, como tal, pode ser descartado quando não agradar ou não vestir a roupa ideológica que o "eu" veste. Nessa lógica em que se teme ou se ignora o outro, o diálogo se torna ruído inaudível sobre os muros. Colocamos, assim, fones de ouvidos que silenciam o que é distinto, olhamos tudo e todos com nossas retinas fatigadas, erguemos muralhas que se sustentam com corpos embebidos no medo e votamos em quem promete novos muros.
- f) Difícil, portanto, é parar quando é imperioso correr. Difícil ouvir quando só se quer falar. Difícil, enfim, é abrir-se ao desafio do outro, tão caro ao viver democrático, quando não há tempo para encontros com pedras no caminho.

| | Atenção! |
|---|---|
| | As duas redações da seção "PARA PRATICAR" tomam o mesmo texto como contextualização. Nesse sentido, é essencial notar que cada uma delas o analisa de uma maneira particular, ou seja, ao recorrer a textos de terceiros para contextualizar, é im- |
| | portante interpretá-los. Se a leitura que você propõe for sustentada pelo original, não há problemas em apresentá-la. |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| - | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| _ | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| - | |
| | |
| | |
| | |
| | |

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Udesc 2017

Com base na leitura dos textos motivadores a seguir, redija uma dissertação, enfocando o tema: A troca do mundo real pelo virtual.

Texto 1

[...] E elas dizem que não devemos mais conversar, e sim olhar para a tela. Não devemos mais olhar para os pássaros, para as árvores, para as pessoas, mas sim para a tela. É uma troca, do real pelo virtual.

SCHROEDER, Carlos Henrique. As fantasias eletivas. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016. p. 62.

Texto 2

[...] A tecnologia vem tomando, gradativamente, mais espaço na vida de todos nós. E isso deve se intensificar, por exemplo, com o advento de novas tecnologias, como a Realidade Virtual, na qual colocamos óculos para mergulhar em uma dimensão criada artificialmente e que está desconectada da real.

Vida simples. Ed. 175. Setembro 2016, p. 18 e p. 20. Adaptado.

Instruções

- O texto deve ser escrito na modalidade formal culta da Língua Portuguesa.
- A redação deve ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas.

| | 9 |
|-------------|----------|
| | - 8 |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | <i>S</i> |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | - |
| | 8 |
| | |
| | |
| | |
| 9 | |
| | |
| <u> </u> | |
| | |

Texto complementar

[...] Como se sabe, os meios de comunicação clássicos instauram uma separação nítida entre centros emissores e receptores passivos isolados uns dos outros. As mensagens difundidas pelo centro realizam uma forma grosseira de unificação cognitiva do coletivo ao instaurarem um contexto comum. Todavia, esse contexto é imposto, transcendente, não resulta da atividade dos participantes no dispositivo, não pode ser negociado transversalmente entre os receptores. [...] No ciberespaço, em troca, cada um é potencialmente emissor e receptor num espaço qualitativamente diferenciado, não fixo, disposto pelos participantes, explorável. Aqui, não é principalmente por seu nome, sua posição geográfica ou social que as pessoas se encontram, mas segundo centros de interesses, numa paisagem comum do sentido ou do saber.

Segundo modalidades ainda primitivas, mas que se aperfeiçoam de ano a ano, o ciberespaço oferece instrumentos de construção cooperativa de um contexto comum em grupos numerosos e geograficamente dispersos. A comunicação se desdobra aqui em toda a sua dimensão pragmática. Não se trata mais apenas de uma difusão ou transporte de mensagens, mas de uma interação no seio de uma situação que cada um contribui para modificar ou estabilizar, de uma negociação sobre significações, de um processo de reconhecimento mútuo dos indivíduos e dos grupos via atividade de comunicação. O ponto capital é, aqui, a objetivação parcial do mundo virtual de significações entregue à partilha e à reinterpretação dos participantes nos dispositivos de comunicação todos-todos. Essa objetivação dinâmica de um contexto coletivo é um operador de inteligência coletiva, uma espécie de ligação viva que funciona como uma memória, ou consciência comum. [...]

LÉVY, Pierre. O que é o virtual?. NEVES, Paulo (Trad.). São Paulo: Editora 34, 1996. p. 113-4.

Esse texto traz um ponto de vista diferente daquele apresentado pela proposta de redação. Nele, as possibilidades de conexão por meio do mundo virtual mostram-se potencialmente integrativas, isto é, em linhas gerais, as plataformas digitais ofereceriam uma abertura maior para que os próprios usuários produzissem conteúdos e entrassem em contato com ideias e informações vindas de outros lugares em relação à mídia tradicional. É como se, com o auxílio das tecnologias virtuais, o centro de poder fosse perdendo a hegemonia e as verdades que circulam verticalmente como únicas possíveis começassem a ter seu espaço disputado por discursos mais horizontais. Nesse sentido, não é estranha a troca do mundo fora da rede pelo mundo virtual.

Quer saber mais?

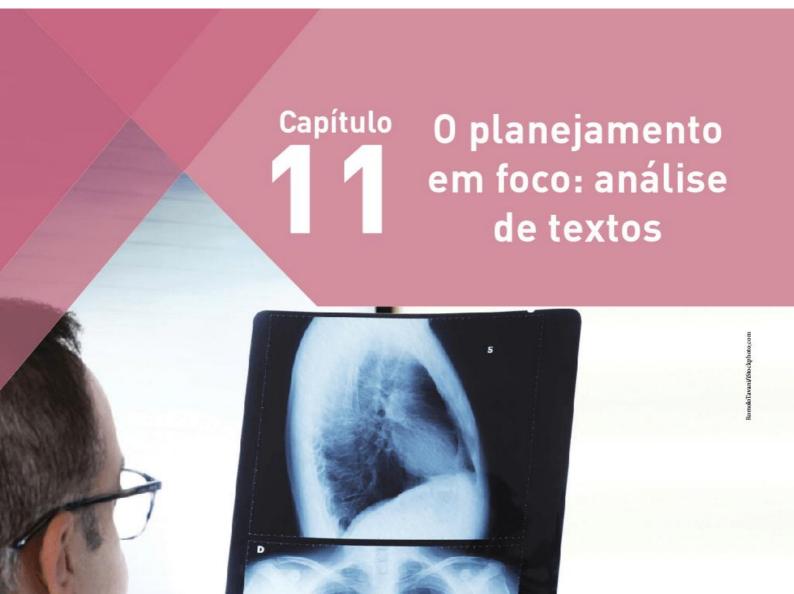


 Os livros O que é o virtual? e Cibercultura, ambos de Pierre Lévy, autor do excerto da seção "Texto complementar", são bastante acessíveis e trazem uma discussão a respeito do mundo virtual muito pertinente à contemporaneidade.



O longa-metragem Ela, de Spike Jonze, narra o envolvimento amoroso entre um personagem solitário e o sistema operacional
de seu celular. A história, apresentada de forma delicada, faz um panorama da realidade contemporânea, mas, ao mesmo
tempo, sem moralismos, discute o amor.

RESUMO teórico A composição básica da dissertação DESENVOI VIMENTO TESE A tese contribui para a escolha de uma Marca o contextualização pertinente. **PLANEJAMENTO** posicionamento da (Esboço) dissertação e deixa CONCLUSÃO claro o que será A tese também define o caminho argumentativo do encontrado no texto. texto, o que contribui para um fechamento adequado.



Os raios X têm a capacidade de ultrapassar os tecidos e permitir que se veja o interior do corpo ou do objeto radiografado, possibilitando a percepção de que, muitas vezes, aquilo que aparenta estar bem arranjado e organizado por fora revela-se problemático por dentro. Da mesma forma, pode mostrar semelhança entre o que se vê em profundidade e o que é visto na superfície.

A partir dos mesmos princípios, podemos estudar os textos dissertativos como se usássemos lentes de raios X.

Dissertação na prática

Até este capítulo, trabalhamos com modelos de texto bem didáticos, nos quais era simples identificar a tese dividida em duas partes:

- 1) os conteúdos;
- 2) a sequência de parágrafos argumentativos e a conclusão.

Essa estrutura nem sempre aparece de forma tão explícita no texto, o que não quer dizer que os elementos básicos da dissertação – o ponto de vista e os argumentos – não estejam presentes. Neste capítulo, analisaremos duas redações feitas para vestibulares a fim de compreender esse núcleo dissertativo, essa interseção que nos permite reconhecer a dissertação em um texto.



Redação 1

Comecemos com uma redação elaborada para o Enem 2015.

Não se surge como uma sociedade igualitária, torna-se uma (Autoria de GAC) "Porque homem não chora". Com esse argumento, verso de uma de suas músicas, o cantor Pablo (conhecido popularmente como "Pablo da sofrência") aponta para a comum naturalização dos papéis de gênero em nossa sociedade. Ao homem, cabe ser viril e centro das decisões. A mulher coube, historicamente, o papel de quem sofre, de quem sente, enfim, de quem chora. Essa divisão, porém, tem como resultado a violência contra aquelas que, como sempre fizeram crer, são mais frágeis. Cabe, então, pensar como diferentes esferas sociais podem agir para mudar o presente quadro, que traz inúmeras mortes em suas estatísticas.

Simone de Beauvoir, filósofa, a seu tempo - um tempo de reconhecimento de fatores femininos no próprio corpo - enunciou que "não se nasce mulher. Torna-se". O questionamento acerca da construção social em torno do feminino, contudo, décadas depois, ainda é o mesmo: ao ser citada, em 2015, numa prova de vestibular, Beauvoir foi tão mal interpretada quanto antes; as redes sociais rapidamente foram preenchidas com o pensamento já ultrapassado de que nascese mulher e que, por isso, há também um destino pré-determinado de submissão psicológica e física. Segundo a Central de Atendimento à Mulher, mais de 50% dos casos de violência relatados em 2014 foram de violência física.

Nesse contexto, é grave constatar que alguém é punido exclusivamente por aquilo que se é segundo uma determinação social. Ainda que seja um avanço o tema aparecer na seleção de candidatos às vagas nas universidades federais brasileiras, a vida prática e cotidiana das mulheres no Brasil ainda é de medo e de culpa. Não é fácil denunciar o companheiro, por exemplo, por agressão, numa sociedade que atribui valor depreciativo àquela que toma as rédeas de sua própria existência.

A situação pede, portanto, uma ação conjunta. É importante e necessário que as mulheres procurem grupos de apoio e coletivos feministas, independentemente de já terem se sentido agredidas, para que o assunto ganhe ênfase entre quem é diariamente vítima e para que a autoestima e a força femininas possam ser preservadas e/ou reconstruídas. Cabe, também, às escolas, acolher para si a responsabilidade em relação à discussão social do assunto, abrindo espaço para aulas e encontros que tenham como objetivo a informatividade. Ao governo, cabe sempre, como em tantas outras veges, pregar pela autonomia e pelo conhecimento dos cidadãos, financiando a aquisição de livros sobre o assunto e mantendo-se focado naquilo que lhe cabe de forma direta: a garantia da ética sem a limitação do que pode ou não ser discutido socialmente para um país melhor.

Esse texto não apresenta claramente, na introdução, uma tese divisível em duas partes e que nos permita depreender o andamento dos parágrafos dissertativos. Isso não significa, porém, que não haja um ponto de vista, pois, de uma maneira diluída, a autora do texto parece denunciar uma construção cultural do gênero feminino que torna constantes as agressões contra as mulheres – e que, em relação a isso, são cabíveis ações de diferentes esferas sociais.

Para sustentar a ideia da construção social do gênero, a autora apresenta os seguintes trechos:

Parágrafo 2

"Simone de Beauvoir, filósofa, a seu tempo - um tempo de reconhecimento de fatores femininos no próprio corpo - enunciou que 'não se nasce mulher. Torna-se'. O questionamento acerca da construção social em torno do feminino, contudo, décadas depois, ainda é o mesmo: ao ser citada, em 2015, numa prova de vestibular, Beauvoir foi tão mal interpretada quanto antes; as redes sociais rapidamente foram preenchidas com o pensamento já ultrapassado de que nasce-se mulher e que, por isso, há também um destino pré-determinado de submissão psicológica e física."

Parágrafo 3

"a vida prática e cotidiana das mulheres no Brasil ainda é de medo e de culpa. Não é fácil denunciar o companheiro, por exemplo, por agressão, numa sociedade que atribui valor depreciativo àquela que toma as rédeas de sua própria existência."

Quanto às violências decorrentes dessa construção social, temos:

Parágrafo 2

"Segundo a Central de Atendimento à Mulher, mais de 50% dos casos de violência relatados em 2014 foram de violência física."

Parágrafo 3

"Nesse contexto, é grave constatar que alguém é punido exclusivamente por aquilo que se é segundo uma determinação social."

Parágrafo 3

"a vida prática e cotidiana das mulheres no Brasil ainda é de medo e de culpa."

No desenvolvimento, há também menção a algo sendo feito em combate à violência:

Parágrafo 3

"Ainda que seja um avanço o tema aparecer na seleção de candidatos às vagas nas universidades federais brasileiras [...]"



Como podemos perceber, o desenvolvimento das ideias da introdução na redação 1 não se dá de maneira compartimentada e permite que os argumentos vão se mesclando e compondo arranjos variados.

De qualquer forma, é importante ter em mente que, se no começo a escolha é por abordar o tema a partir de uma perspectiva cultural, não faria sentido o desenvolvimento girar em torno da falta de punição às agressões, por exemplo.

Nessa mesma linha, vale notar ainda que as propostas de intervenção apresentadas na conclusão também dialogam com essa abordagem. Todas elas remetem à construção cultural do gênero feminino e preveem enfrentamentos a ela.

Atenção!

O texto não se acomoda em um molde ou em um padrão muito rígido; o ponto de vista, porém, continua selecionando os conteúdos e as estratégias argumentativas.

Redação 2

Vejamos, agora, outra redação, elaborada para a Fuvest 2014.

O velho, o mar e os bombons (Autoria de LACC) Em "O velho e o mar", Ernest Hemingway conta a história de um velho pescador que, depois de uma longa temporada sem conseguir pescar nada, embrenha-se numa jornada diferente de tudo o que já figera. O velho leva seu barco a regiões marítimas desconhecidas, às quais nem os mais jovens representantes da "normalidade produtiva" - chegavam. É lá que empreenderá a batalha de sua vida: um peixe maior do que todos com que já se deparara, depois de dias resistindo, rende-se ao personagem. A metáfora construída na ficção encontra sua literalidade no mundo real: num contexto de produtividade desenfreada, aquele que não se insere é designado como "improdutivo"; ao que "dá prejuígo" cabe apenas a falência, a morte. Dessa maneira, somente como o velho do romance, expandindo os horizontes, é que se pode conseguir o valor, não o social, pois este é marcado indelevelmente pelo sistema, mas o construído por si próprio. Nesse sentido, as recentes declarações de Taro Aso, ministro japonês, só chocam à medida que explicitam a verdade construída - e fixada - aceita por grande parte do mundo. Ao diger que idosos deveriam "apressar-se a morrer", ele ecoa o mantra "produção-consumo-descarte". Para consumir, é preciso produçir.

Para consumir para sempre, são imperiosos o descarte e a obsolescência. Os produtos são diariamente inovados, recebendo números e extensões após seus nomes. As pessoas, nessa esteira, lotam clínicas de estética e (re)formam seus rostos com antirrugas ou cremes "renew". O velho, nesse contexto, só tem sua existência legitimada se capturado, que o digam a expansão do "turismo para a melhor idade" e o "consumo vintage", tão em voga hoje. Pora daí, o mar não está pra peixe". Dentro daí, todavia, também não se encontra o peixe de Hemingway.

O mar em que estão os peixes é o mar dos antigos, o qual ia até a linha do horizonte e acabava num abismo. Presos à imagem do real, os velejadores não concebiam haver vida para além do que viam de imediato. Aso, imerso - ou submerso - na vida sob a produtividade, junto com todas as outras voges que o sustentam, afirma preferir morrer a viver sem poder pagar as próprias contas. Ele, como nós, está "pagando impostos", logo, em seu raciocínio, tem sua existência validada; senão assim, não há vida possível. Em algum lugar, Drummond diq algo sobre haver duas épocas na vida em que a felicidade está numa caixa de bombons: a infância e a velhice, momentos em que a necessidade de produçir não mostrou todas as suas garras. Mas quais seriam as bocas aptas a tais bombons? Quais seriam os marujos aptos a se atirarem nos mares longínquos? Aso, certamente, não seria um deles.

Ao final do romance, o velho traq apenas a carcaça do peixe, cujas carnes haviam sido devoradas por animais menores. A carcaça que, numa análise apressada, seria metáfora para o velho, "morto" por já não ser mais capaq de realizar seus afageres, pode ser lida noutra chave. O que está carcomido é o produto da pesca, é a própria produtividade. É isso que não mais vigora. O velho, por fim, morre, mas depois de superar a exigência e criar valores à margem do instituído, o qual talvez já não lhe fosse mais suficiente. Nesses mares tão próximos e conhecidos, fagendo, agora sim, coro com Aso, talvez seja mister apressarmo-nos todos a morrer.

Nessa redação, também não é possível perceber uma tese na qual possamos identificar o andamento argumentativo do texto. Após uma analogia com o livro *O velho e o mar*, de Ernest Hemingway, o autor da dissertação chega ao que condensa o posicionamento:

Parágrafo 1

"num contexto de produtividade desenfreada, aquele que não se insere é designado como 'improdutivo'; ao que 'dá prejuízo' cabe apenas a falência, a morte".

Por meio dessa frase, fica relativamente claro que a abordagem da questão do idoso na contemporaneidade será feita com base na produtividade e que, em um cenário em que é ela a força maior, só nos resta produzir. Além disso, na própria sequência da introdução, o autor já antecipa uma inferência que sugere a conclusão do texto:

Parágrafo 1

"dessa maneira, somente como o velho do romance, expandindo os horizontes, é que se pode conseguir o valor, não o social, pois este é marcado indelevelmente pelo sistema, mas o construído por si próprio".

Essa expansão de horizontes indicada no período é um ponto que será retomado apenas no último parágrafo.

Nos parágrafos de desenvolvimento, podemos observar uma divisão que não estava prevista na tese.

D1

No D1, o autor recupera as declarações do ministro japonês Taro Aso (o que era exigido pela proposta) e as localiza em um fundo cultural mais amplo. O argumento central é que as palavras de Aso são mais chocantes pela forma do que pelo conteúdo, afinal, viveríamos em um contexto em que a produtividade e a descartabilidade são as palavras de ordem. Vale a pena notar que a perecibilidade das coisas e das pessoas, ainda que não tenha sido textualmente antecipada na introdução, aparece como um efeito da cultura produtivista.

D₂

Já o D2, que começa com um tópico-frasal metafórico, tem por função tratar da internalização do cenário apresentado no parágrafo anterior. Imersos nas regras da produtividade, também passaríamos a legitimar nossa própria existência a partir do que a mantém funcionando.

Saiba mais

Publicado enquanto o autor era vivo, *O velho e o mar* foi o último romance do escritor norte-americano Ernest



Hemingway. A obra, que narra a história de Santiago, um velho pescador que passa dias lutando em alto mar para pescar um Marlim, teve peso crucial para o Nobel de Literatura conquistado em 1954 por Hemingway.



Por fim, na conclusão, o autor encerra o texto a partir de uma interpretação própria da obra que funcionou como base da análise. É interessante notar que a mesma inferência sugerida no final da introdução embasa também essa interpretação final. Na mesma linha, o autor afirma que é criando valores novos que se pode fugir à produtividade, mas não especifica que valores seriam esses ou como criá-los. É importante destacar que a prova de redação da Fuvest 2014 não exigia uma proposta de intervenção, ou seja, se a inferência condiz com o que foi apresentado anteriormente, ela pode se construir da forma como foi feito.

Diferentemente do que acontece na primeira redação (Não se surge como uma sociedade igualitária, torna-se uma), a segunda (O velho, o mar e os bombons) não se desenvolve de maneira argumentativa a partir de uma mescla do que havia sido sugerido como ponto de vista.

Nessa segunda redação, é como se a introdução trouxesse apenas o campo que a dissertação habitaria; no desenvolvimento, porém, esse campo e as relações que ele comporta são mais bem detalhados. A tese e os argumentos que sustentam a dissertação aparecem de maneira menos explícita.

Atenção!

A análise feita pelo autor de *O velho*, *o mar e os bombons* a respeito da obra de Hemingway no final da dissertação **não é a única possível**.

Lembre-se de que a **referência** não aparece no texto apenas para desenvolver o conteúdo, mas como reflexo de uma leitura própria que, se sustentada pela obra original, não traz problema algum ao texto dissertativo.



PARA PRATICAR

Agora é a sua vez! Veja se consegue identificar esses elementos abordados no capítulo em um texto fora do padrão. Verifique a dissertação divulgada pela Fuvest entre as melhores de 2008. A proposta pedia para que o candidato se posicionasse a respeito das informações no mundo virtual. Como você poderá perceber, trata-se de um texto que não se acomoda a uma formatação muito rígida, sendo, aliás, bastante ousado.

Procure compreender o **ponto de vista** defendido no texto e escreva-o com as suas palavras. Além disso, identifique quais os argumentos que sustentam esse ponto de vista e redija-os também com suas próprias palavras.

O mundo digital na era da exclusor

| | |
|-------------|--|
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Uerj 2014

Ciência na educação popular

Há uma dimensão ética da divulgação científica na qual eu gostaria de me deter: a circulação das ideias e dos resultados de pesquisas é fundamental para avaliar o seu impacto social e cultural, como também para recuperar, por meio do livre debate e confronto de ideias, os vínculos e valores culturais que a descoberta do novo, muitas vezes, rompe ou fere. Nesse sentido, a divulgação não é apenas página de literatura, mas exercício de reflexão sobre os impactos sociais e culturais de nossas descobertas.

Os limites das manipulações com seres humanos têm dimensões técnicas e éticas que transcendem os estreitos corredores dos hospitais, dos institutos de pesquisa ou até mesmo dos respeitáveis conselhos de bioética. Informar essa discussão, de modo que os valores novos possam ser pensados e os antigos respeitados, é arte complexa de múltiplas dimensões humanas, científicas e culturais.

Acredito que esse aspecto da divulgação da ciência, uma vez que o público leigo – insisto também deve ser alcançado – é responsabilidade do cientista e, a meu ver, deveria ser item do financiamento público da própria pesquisa. Dificilmente podemos imaginar que fundos privados, provenientes de empresas interessadas na comercialização dos produtos das pesquisas, investiriam recursos para promover a livre discussão sobre as repercussões éticas das inovações ou descobertas por eles financiadas.

Ennio Candotti Adaptado de casadaciencia.ufrj.br.

Proposta de redação

Nesse texto, o autor trata da necessidade de divulgar ideias e resultados de pesquisas como forma de democratizar, na sociedade, o debate acerca de valores culturais e sociais, de vantagens e de problemas que envolvem todas as pesquisas científicas e seu uso posterior na vida do cidadão comum.

Elabore um texto dissertativo-argumentativo, em prosa, com no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, em que se discuta a necessidade de que a sociedade conheça e debata as motivações, interesses e usos das pesquisas científicas.

| Utilize a norma-padrão da língua e atribua um título à sua redação. | |
|---|--|
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |

| <u>-</u> |
|----------|
| |
| |
| MI . |

Texto complementar

Muitas vezes se perguntou como os botânicos ou os biólogos do século XIX puderam não ver que o que Mendel dizia era verdade. Acontece que Mendel falava de objetos, empregava métodos, situava-se num horizonte teórico estranhos à biologia de sua época. Sem dúvida, Naudin, antes dele, sustentara a tese de que os traços hereditários eram descontínuos; entretanto, embora esse princípio fosse novo ou estranho, podia fazer parte – ao menos a título de enigma – do discurso biológico. Mendel, entretanto, constitui o traço hereditário como objeto biológico absolutamente novo, graças a uma filtragem que jamais havia sido utilizada até então: ele o destaca da espécie e também do sexo que o transmite; e o domínio onde o observa é a série indefinidamente aberta das gerações na qual o traço hereditário aparece segundo regularidades estatísticas. Novo objeto que pede novos instrumentos conceituais e novos fundamentos teóricos. Mendel dizia a verdade, mas não estava "no verdadeiro" do discurso biológico de sua época: não era, segundo tais regras, que se constituíam objetos e conceitos biológicos; foi preciso toda uma mudança de escala, o desdobramento de todo um novo plano de objetos na biologia para que Mendel entrasse "no verdadeiro" e suas proposições aparecessem, então, (em boa parte) exatas. [...]

É sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma "polícia" discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos. [...]

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. Laura Fraga de Almeida Sampaio (Trad.). 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999. p. 34-5. (Leituras filosóficas).

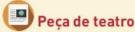
No trecho, o filósofo francês Michel Foucault problematiza a ideia de "verdade" mesmo no campo das ciências. Segundo o autor, há todo um procedimento científico e uma gama de instrumentos e objetos utilizados no fazer científico que condicionam os discursos e as "descobertas" nesse campo. Em outras palavras, a ciência, para ele, traria respostas possíveis dadas as condições de sua produção, e não a verdade absoluta e inquestionável. Nesse sentido, poderíamos pensar na própria história das ciências para perceber que aquilo que é dado como realidade em um determinado momento não o é, necessariamente, no momento seguinte. De certa maneira, a ciência não estaria desconectada do contexto em que está inserida, mas responderia a ele ou de acordo com ele.

Por outro lado, poderíamos expandir a leitura do pensador francês para refletirmos sobre o tema de redação deste capítulo: em que medida o contexto dos financiamentos das pesquisas científicas não interfere naquilo que se investiga, ou melhor, no que se resolve dar atenção? Por exemplo, uma pesquisa sobre obesidade financiada por uma marca de refrigerantes talvez se concentre na relação do peso com as atividades físicas, e não com a alimentação. Isso não significa dizer que, necessariamente, haveria fraude nos resultados, mas que, mesmo respeitando todos os procedimentos, seria possível mudar o que se investiga.

Quer saber mais?



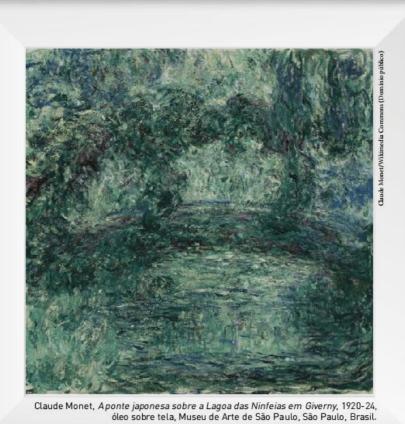
No conto A causa secreta, de Machado de Assis, o autor apresenta um personagem sádico que resolve abrir um hospital.
 As causas que o levam ao empreendimento têm a ver com sua vontade de ver o sofrimento alheio – para ele, então, em que medida seria bom as pessoas se curarem e não sentirem dor?



 Na peça A vida de Galileu, de Bertolt Brecht, o dramaturgo trata da vida do famoso cientista e das concessões que teve de fazer em relação a suas descobertas. De certa maneira, a forma como as pesquisas científicas são condicionadas ao contexto circundante são bem trabalhadas no texto.

PLANEJAMENTO Análise de textos A prática da dissertação Nem sempre a estrutura conteúdos + parágrafos argumentativos + conclusão aparece de forma explícita no texto. O texto não se acomoda em um molde, em um padrão rígido. Mesmo assim, o ponto de vista continua selecionando os conteúdos e as estratégias argumentativas.

1 2 Argumentação I: temas e cultura



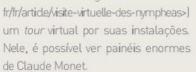
O quadro impressionista A ponte japonesa sobre a Lagoa das Ninfeias em Giverny, de Claude Monet, não parece se organizar em torno de traços bem marcados, pois de perto o que se vê são pinceladas e cores misturadas. Entretanto, no afastamento, a imagem se desnuda: os sentidos, as formas, as particularidades são construídas na observação do todo, ou seja, a imagem está no conjunto das relações. É esse olhar que, talvez, nos permita pensar dissertativamente.



Claude Monet, The water lilies - setting sun, 1915-1926, óleo sobre tela, Musée de l'Orangerie, Paris, França.

Saiba mais

O Musée de l'Orangerie, em Paris, disponibiliza em seu site (<www.musee-orangerie.



As relações no texto

O quadro acima, The water lilies – setting sun, também de Claude Monet, deixa evidente a mesma estratégia que vimos na abertura. Ao observar seu jardim e tentar transpor o que vê para uma tela, o pintor percebe que não há traços ou linhas que delimitam aquilo que vislumbra. Na verdade, a paisagem com que entra em contato por meio da visão é um misto de luzes, cores e sombras e, ao pintá-la, parece ser essa mistura que ele busca. Em sua obra, não é preciso desenhar com traços extremamente nítidos uma folha ou um galho, por exemplo, pois não é isso que se nota ao olhar.

Se chegarmos bem próximos da imagem, o que veremos serão "borrões de tinta". À medida que damos passos para trás, porém, a paisagem vai se desenhando a nossos olhos, e aquilo que compreendemos do que enxergamos talvez esteja muito mais ligado às relações dos elementos entre si e com a paisagem geral do que, de fato, ao seu isolamento em relação ao todo.

Mas o que tudo isso tem a ver com a dissertação?

Nas teses apresentadas nos textos dissertativos trabalhados até este capítulo, podemos perceber que elas não encaram os objetos centrais do tema como elementos isolados, mas abordam esses objetos centrais localizando-os em uma paisagem mais ampla.

Vamos ver alguns exemplos:



Em um contexto marcado pelo medo, o diálogo é dificultado e o efeito disso é o ensimesmamento.



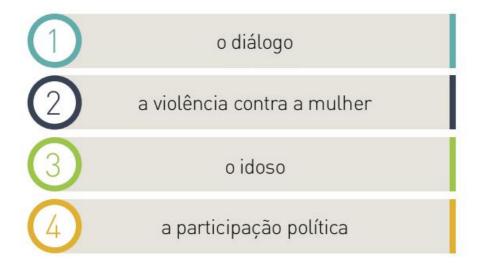
Em uma cultura que constrói a mulher como frágil e submissa, a violência contra o gênero feminino persiste, o que demanda enfrentamentos das mais diversas esferas sociais.



Quando impera a produtividade, o indivíduo só tem valor caso produza. Senão assim, deve ceder seu espaço e "apressar-se a morrer".



Quando tudo gira em torno do consumo, a participação política passa a ser regida pela lógica das compras, o que leva a um abandono cada vez maior das questões coletivas. Podemos constatar que, em todos esses exemplos, há a opção por abordar os aspectos centrais dos temas, com base na relação que eles travam com as características do mundo que os cerca (o medo, o machismo, a produtividade e o consumismo).



Dessa maneira, os temas vão se construindo textualmente não como objetos isolados, a respeito dos quais devemos procurar informações detalhadas, mas como nós complexos atravessados por uma realidade maior e relacionados a ela.

Argumentar pode ser entendido como a pintura dessa paísagem em que as linhas muito bem definidas vão dando espaço para a porosidade, para as sobreposições, para os esfumaçamentos e para as relações.

Vamos observar como isso aparece nos parágrafos argumentativos a sequir:

Quando é o consumo a tônica, é-se consumidor antes de ser cidadão. Trabalhando o dia todo para, em seu descanso, poder curtir as promessas do mundo das compras, o indivíduo consumista tende a ter poucas experiências com o que não é consumo, passando, portanto, a aplicar a lógica deste ao mundo que o cerca. Acostumado a pagar por beleza, por sensualidade, por segurança, na agenda política vê-se, primordialmente, como "pagador de impostos"; como tal, aliás, é cliente e, se o cliente sempre tem a razão, vai também perdendo a habilidade de lidar com o outro em debates em que a razão é coisa a se construir coletivamente. Para esse tipo, os direitos à infraestrutura social pública cedem espaço para os "direitos do consumidor".

É nesse contexto que se coloca em risco a vida pública. Àquele para quem o caro é mais desejado que o barato, a gratuidade do espaço público é aterrorizante – se se quer o melhor, o bom, há de se pagar. Obedecendo ao imperativo, ele paga seus impostos por obrigação, mas a mensalidade da escola, a parcela do carro, a fatura do plano de saúde, a prestação da casa própria lhe são garantidoras de que ele também é melhor. Aos poucos, intensifica-se a monetarização – se o pago é melhor que o gratuito, quanto mais caro, maior a valorização, mais exclusivos são os lugares e serviços de desejo. Vencer na vida passa a ser sinônimo de se distanciar dos serviços públicos, do "outro". Vencer, assim, por seu reverso, é a perda do senso coletivo: perdese de vista a ideia de público como responsabilidade e direito de todos. Gratuito que é, portanto, não faz mais parte dos planos daquele que pretende alcançar a plenitude.

(Autoria de LACC)

Para construir o ponto de vista a respeito do fazer político na contemporaneidade, o autor se propõe a observá-lo sobre o fundo da lógica de consumo. Segundo ele, já que o consumo é a tônica de nossa sociedade, acostumamo-nos a ver o mundo com os olhos de um consumidor; portanto, quando vemos o fazer político, é com o mesmo olhar que o fazemos.

Vamos reparar na construção estrutural desse raciocínio no primeiro parágrafo: há uma explicação do "olhar consumidor" e, ao final, chega-se à interferência dele na nossa participação política. Os efeitos decorrentes dessa paisagem aparecem no segundo parágrafo, revelando que, pela lógica explorada anteriormente, os espaços e as questões públicas e coletivas vão perdendo importância.

O mesmo modelo utilizado para essa abordagem poderia, por exemplo, ajudar-nos a pensar na felicidade em nossa sociedade:

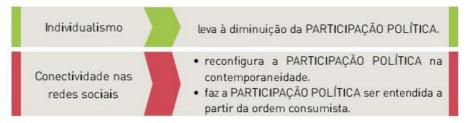
Quando é o consumo a tônica, ser feliz é reconhecer-se numa vitrine. Trabalhando o dia todo para, em seu descanso, poder curtir as promessas do mundo das compras, o indivíduo consumista tende a ter poucas experiências com o que não é consumo, passando, portanto, a aplicar a lógica deste ao mundo que o cerca. Acostumado a pagar por beleza, por sensualidade, por segurança, busca a felicidade nos itens ofertados pelas propagandas. Se o lugar de gente feliz é o supermercado e a felicidade que se deve abrir é um refrigerante, às pessoas não cabe inventar em si mesmas a felicidade, cabe comprá-la.

(Autoria de LACC)

Como podemos perceber, os dois temas – felicidade e participação política – são trabalhados a partir de uma percepção mais global da realidade que os cerca. Assim, compreender essas relações e perceber os temas fazendo parte da mesma cultura são estratégias que nos auxiliam na construção argumentativa. Vamos observar, por exemplo, como um mesmo traço dessa cultura nos permite desenhar relações com temas diversos:



Por outro lado, o caminho inverso é possível também. Um mesmo tema pode ser interpretado a partir de características culturais distintas:



Já verificamos como construir nossos **argumentos** a partir do desenho de relações entre o tema e a realidade sociocultural circundante. Agora é o momento de praticar.

PARA PRATICAR

| 1 vra: a) | A seguir, estão listadas algumas características que podemos depreender de nossa sociedade. Com suas palas, explique-as e caracterize-as conforme o exemplo apresentado. Produtividade — Quando a produção é ininterrupta, não há vida senão a produtiva. De um lado, produzir sustenta, em nossa cultura, as condições para que se possa consumir — é por meio do trabalho que a maioria das pessoas pode comprar. Por outro, sustenta a própria produção, afinal, para que se compre, é preciso haver o que comprar. Quem não produz, portanto, não existe. |
|-----------------|--|
| b) | Consumismo |
| 3 | |
| - | |
| c) | Competitividade |
| | |
| 3 | |
| | |
| d) | Conectividade |
| - | |
| | |
| | |
| e) | Imediatismo |
| | |
| | |
| | |
| f) | Individualismo |
| | |
| - | |
| 23 | |
| g) | Superficialidade |
| <i>3</i> , | atorforestation and T. Z. |
| | |
| | |
| 8 | |

CAPÍTULO 12

Argumentação I: temas e cultura

| h) | Assimetria de poder | | |
|---------|---|-------|--|
| | | | |
| | | | <u> </u> |
| <u></u> | | | |
| _ | | | |
| | | | |
| i) | Medo | | |
| | | | |
| | | | |
| - | | | |
| (1) | | | |
| | | | |
| | | | |
| 2 | A partir da explicação de uma das características cul | ltura | is do exercício 1, redija dois parágrafos argumentativos |
| rela | acionando-a a dois dos temas listados a seguir. | | |
| a) | Participação política | 2000 | Estatuto da família |
| b) | Padrões de beleza | | Cotas nas universidades |
| c) | Redução da maioridade penal | | Variação linguística |
| d) | Informações no mundo virtual | h) | Intolerância |
| - | | | |
| 8 | | | |
| | | | |
| | | | |
| - | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| 90 | | | |
| 83 | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| 88 | | | |
| | | | |

Atenção!

Os exercícios propostos apresentam apenas algumas possibilidades de características e de temas. Expandir isso para outras propostas ou traços culturais é uma prática de estudo textual interessante. Reservar uma parte do caderno para anotar esses parágrafos pode torná-los um material de apoio e um repertório importante na hora de escrever.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Fuvest 2017

Examine o texto* a seguir, para fazer sua redação.

Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento?

Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de servir-se de seu próprio entendimento sem direção alheia. O homem é o próprio culpado dessa menoridade quando ela não é causada por falta de entendimento, mas sim por falta de determinação e de coragem para servir-se de seu próprio entendimento sem a tutela de um outro. Sapere aude!** Ousa fazer uso de teu próprio entendimento! Eis o lema do Esclarecimento.

A preguiça e a covardia são as causas de que a imensa maioria dos homens, mesmo depois de a natureza já os ter libertado da tutela alheia, permaneça de bom grado a vida inteira na menoridade. É por essas mesmas causas que, com tanta facilidade, outros homens se colocam como seus tutores. É tão cômodo ser menor. Se tenho um livro que faz as vezes de meu entendimento, se tenho um diretor espiritual que assume o lugar de minha consciência, um médico que por mim escolhe minha dieta, então não preciso me esforçar. Não tenho necessidade de pensar, se é suficiente pagar. Outros se encarregarão, em meu lugar, dessas ocupações aborrecidas.

A imensa maioria da humanidade considera a passagem para a maioridade, além de difícil, perigosa, porque aqueles tutores de bom grado tomaram-na sob sua supervisão. Depois de terem, primeiramente, emburrecido seus animais domésticos e impedido cuidadosamente essas dóceis criaturas de darem um passo sequer fora do andador de crianças em que os colocaram, seus tutores mostram-lhes, em seguida, o perigo que é tentarem andar sozinhos. Ora, esse perigo não é assim tão grande, pois aprenderiam muito bem a andar, finalmente, depois de algumas quedas. Basta uma lição desse tipo para intimidar o indivíduo e deixá-lo temeroso de fazer novas tentativas.

Immanuel Kant

Esses são os parágrafos iniciais de um célebre texto de Kant, nos quais o pensador define o Esclarecimento como a saída do homem de sua menoridade, que seria alcançada a partir do momento em que o homem se tornasse capaz de pensar de modo livre e autônomo, sem a tutela de um outro. Publicado em um periódico, no ano de 1784, o texto dirigia-se aos leitores em geral, não apenas a especialistas.

Em perspectiva histórica, o Esclarecimento, também chamado de Iluminismo ou de Ilustração, consiste em um amplo movimento de ideias, de alcance internacional, que, firmando-se a partir do século XVIII, procurou estender o uso da razão, como guia e como crítica, a todos os campos da atividade humana. Passados mais de dois séculos desde o início desse movimento, são muitas as interrogações quanto ao sentido e à atualidade do Esclarecimento.

Com base nas ideias presentes no texto de Kant e valendo-se tanto de outras informações que você julgue pertinentes quanto dos dados de sua própria observação da realidade, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha o seu ponto de vista sobre o tema: **O homem saiu de sua menoridade?**

Instruções:

- A dissertação deve ser redigida de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível. Não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.

^{*} Para o excerto aqui apresentado, foram utilizadas as traduções de Floriano de Sousa Fernandes, Luiz Paulo Rouanet e Vinicius de Figueiredo.

^{**} Sapere aude: cit. lat. de Horácio, que significa "Ousa saber".

| ý |
|---------------|
| |
| |
| |
| a. |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| 9 |

Texto complementar

O homem de cabeça de papelão

No País que chamavam de Sol, apesar de chover, às vezes, semanas inteiras, vivia um homem de nome Antenor. Não era príncipe. Nem deputado. Nem rico. Nem jornalista. Absolutamente sem importância social.

O País do Sol, como em geral todos os países lendários, era o mais comum, o menos surpreendente em ideias e práticas. Os habitantes afluíam todos para a capital, composta de praças, ruas, jardins e avenidas, e tomavam todos os lugares e todas as possibilidades da vida dos que, por desventura, eram da capital. De modo que estes eram mendigos e parasitas, únicos meios de vida sem concorrência, isso mesmo com muitas restrições quanto ao parasitismo. Os prédios da capital, no centro, elevavam aos ares alguns andares e a fortuna dos proprietários, nos subúrbios, não passavam de um andar sem que por isso não enriquecessem os proprietários também. Havia milhares de automóveis à disparada pelas artérias matando gente para matar o tempo, cabarets fatigados, jornais, tramways, partidos nacionalistas, ausência de conservadores, a Bolsa, o Governo, a Moda e um aborrecimento integral. Enfim, tudo quanto a cidade de fantasia pode almejar para ser igual a uma grande cidade com pretensões da América. E o povo que a habitava julgava-se, além de inteligente, possuidor de imenso bom senso. Bom senso! Se não fosse a capital do País do Sol, a cidade seria a capital do Bom Senso!

Precisamente por isso, Antenor, apesar de não ter importância alguma, era exceção mal vista. Esse rapaz, filho de boa família (tão boa que até tinha sentimentos), agira sempre em desacordo com a norma dos seus concidadãos.

Desde menino, a sua respeitável progenitora descobriu-lhe um defeito horrível: Antenor só dizia a verdade. Não a sua verdade, a verdade útil, mas a verdade verdadeira. Alarmada, a digna senhora pensou em tomar providências. Foi-lhe impossível. Antenor era diverso no modo de comer, na maneira de vestir, no jeito de andar, na expressão com que se dirigia aos outros. Enquanto usara calções, os amigos da família consideravam-no um enfant terrible, porque no País do Sol todos falavam francês com convicção, mesmo falando mal. Rapaz, entretanto, Antenor tornou-se alarmante. Entre outras coisas, Antenor pensava livremente por conta própria. Assim, a família via chegar Antenor como a própria revolução; os mestres indignavam-se porque ele aprendia ao contrário do que ensinavam; os amigos odiavam-no; os transeuntes, vendo-o passar, sorriam.

Uma só coisa descobriu a mãe de Antenor para não ser forçada a mandá-lo embora: Antenor nada do que fazia, fazia por mal. Ao contrário. Era escandalosamente, incompreensivelmente bom. Aliás, só para ela, para os olhos maternos. Porque quando Antenor resolveu arranjar trabalho para os mendigos e corria a bengala os parasitas na rua, ficou provado que Antenor era apenas doido furioso. Não só para as vítimas da sua bondade como para a esclarecida inteligência dos delegados de polícia a quem teve de explicar a sua caridade.

Com o fim de convencer Antenor de que devia seguir os tramitas legais de um jovem solar, isto é: ser bacharel e depois empregado público nacionalista, deixando à atividade da canalha estrangeira o resto, os interesses congregados da família em nome dos princípios organizaram vários meetings como aqueles que se fazem na inexistente democracia americana para provar que a chave abre portas e a faca serve para cortar o que é nosso para nós e o que é dos outros também para nós. Antenor, diante da evidência, negou-se.

- Ouça! bradava o tio. Bacharel é o princípio de tudo. Não estude. Pouco importa! Mas seja bacharel! Bacharel você tem tudo nas mãos. Ao lado de um político-chefe, sabendo lisonjear, é a ascensão: deputado, ministro.
 - Mas não quero ser nada disso.
 - Então quer ser vagabundo?
 - Quero trabalhar.
- Vem dar na mesma coisa. Vagabundo é um sujeito a quem faltam três coisas: dinheiro, prestígio e posição. Desde que você não as tem, mesmo trabalhando — é vagabundo.
 - Eu não acho.
- É pior. É um tipo sem bom senso. É bolchevique. Depois, trabalhar para os outros é uma ilusão. Você está inteiramente doido.

Antenor foi trabalhar, entretanto. E teve uma grande dificuldade para trabalhar. Pode-se dizer que a originalidade da sua vida era trabalhar para trabalhar. Acedendo ao pedido da respeitável senhora que era mãe de Antenor, Antenor passeou a sua má cabeça por várias casas de comércio, várias empresas industriais. Ao cabo de um ano, dois meses, estava na rua. Por que mandavam embora Antenor? Ele não tinha exigências, era honesto como a água, trabalhador, sincero,

verdadeiro, cheio de ideias. Até alegre — qualidade raríssima no país onde o sol, a cerveja e a inveja faziam batalhões de biliosos tristes. Mas companheiros e patrões prevenidos, se a princípio declinavam hostilidades, dentro em pouco não o aturavam. Quando um companheiro não atura o outro, intriga-o. Quando um patrão não atura o empregado, despede-o. É a norma do País do Sol. Com Antenor depois de despedido, companheiros e patrões ainda por cima tomavam-lhe birra. Por quê? É tão difícil saber a verdadeira razão por que um homem não suporta outro homem!

Um dos seus ex-companheiros explicou certa vez:

— É doido. Tem a mania de fazer mais que os outros. Estraga a norma do serviço e acaba não sendo tolerado. Mau companheiro. E depois com ares...

O patrão do último estabelecimento de que saíra o rapaz respondeu à mãe de Antenor:

- A perigosa mania de seu filho é pôr em prática ideias que julga próprias.
- Prejudicou-lhe, Sr. Praxedes?

Não. Mas podia prejudicar. Sempre altera o bom senso. Depois, mesmo que seu filho fosse águia, quem manda na minha casa sou eu.

No País do Sol, o comércio é uma maçonaria. Antenor, com fama de perigoso, insuportável, desobediente, não pôde em breve obter emprego algum. Os patrões que mais tinham lucrado com as suas ideias eram os que mais falavam. Os companheiros que mais o haviam aproveitado tinham-lhe raiva. E se Antenor sentia a triste experiência do erro econômico no trabalho sem a norma, a praxe, no convívio social compreendia o desastre da verdade. Não o toleravam. Era-lhe impossível ter amigos, por muito tempo, porque esses só o eram enquanto não o tinham explorado.

Antenor ria. Antenor tinha saúde. Todas aquelas desditas eram para ele brincadeira. Estava convencido de estar com a razão, de vencer. Mas a razão sua, sem interesse, chocava-se à razão dos outros ou com interesses ou presa à sugestão dos alheios. Ele via os erros, as hipocrisias, as vaidades, e dizia o que via. Ele ia fazer o bem, mas mostrava o que ia fazer. Como tolerar tal miserável? Antenor tentou tudo, juvenilmente, na cidade. A digníssima sua progenitora desculpava-o ainda.

É doido, mas bom.

Os parentes, porém, não o cumprimentavam mais. Antenor exercera o comércio, a indústria, o professorado, o proletariado. Ensinara geografia num colégio, de onde foi expulso pelo diretor; estivera numa fábrica de tecidos, forçado a retirar-se pelos operários e pelos patrões; oscilara entre revisor de jornal e condutor de bonde. Em todas as profissões, vira os círculos estreitos das classes, a defesa hostil dos outros homens, o ódio com que o repeliam, porque ele pensava, sentia, dizia outra coisa diversa.

- Mas, Deus, eu sou honesto, bom, inteligente, incapaz de fazer mal...
- É da tua má cabeça, meu filho.
- Qual?
- A tua cabeça não regula.
- Quem sabe?

Antenor começava a pensar na sua má cabeça, quando o seu coração apaixonou-se. Era uma rapariga chamada Maria Antônia, filha da nova lavadeira de sua mãe. Antenor achava perfeitamente justo casar com a Maria Antônia. Todos viram nisso mais uma prova do desarranjo cerebral de Antenor. Apenas, com pasmo geral, a resposta de Maria Antônia foi condicional.

- Só caso se o senhor tomar juízo.
- Mas que chama você juízo?
- Ser como os mais.
- Então você gosta de mim?
- E por isso é que só caso depois.

Como tomar juízo? Como regular a cabeça? O amor leva aos maiores desatinos. Antenor pensava em arranjar a má cabeça, estava convencido.

Nessas disposições, Antenor caminhava por uma rua no centro da cidade, quando os seus olhos descobriram a tabuleta de uma "relojoaria e outros maquinismos delicados de precisão". Achou graça e entrou. Um cavalheiro grave veio servi-lo.

- Traz algum relógio?
- Trago a minha cabeça.
- Ah! Desarranjada?

- Dizem-no, pelo menos.
- Em todo o caso, há tempo?
- Desde que nasci.
- Talvez imprevisão na montagem das peças. Não lhe posso dizer nada sem observação de trinta dias e a desmontagem geral. As cabeças como os relógios para regular bem...

Antenor atalhou:

- E o senhor fica com a minha cabeça?
- Se a deixar.
- Pois agui a tem. Conserte-a. O diabo é que eu não posso andar sem cabeça...
- Claro. Mas, enquanto a arranjo, empresto-lhe uma de papelão.
- Regula?
- É de papelão! explicou o honesto negociante. Antenor recebeu o número de sua cabeça, enfiou a de papelão, e saiu para a rua.

Dois meses depois, Antenor tinha uma porção de amigos, jogava o pôquer com o Ministro da Agricultura, ganhava uma pequena fortuna vendendo feijão bichado para os exércitos aliados. A respeitável mãe de Antenor via-o mentir, fazer mal, trapacear e ostentar tudo o que não era. Os parentes, porém, estimavam-no, e os companheiros tinham garbo em recordar o tempo em que Antenor era maluco.

Antenor não pensava. Antenor agia como os outros. Queria ganhar. Explorava, adulava, falsificava. Maria Antônia tremia de contentamento vendo Antenor com juízo. Mas Antenor, logicamente, desprezou-a propondo um concubinato que o não desmoralizasse a ele. Outras Marias ricas, de posição, eram de opinião da primeira Maria. Ele só tinha de escolher. No centro operário, a sua fama crescia, querido dos patrões burgueses e dos operários irmãos dos spartakistas da Alemanha. Foi eleito deputado por todos e, especialmente, pelo presidente da República — a quem atacou logo, pois para a futura eleição o presidente seria outro. A sua ascensão só podia ser comparada à dos balões. Antenor esquecia o passado, amava a sua terra. Era o modelo da felicidade. Regulava admiravelmente.

Passaram-se assim anos. Todos os chefes políticos do País do Sol estavam na dificuldade de concordar no nome do novo senador, que fosse o expoente da norma, do bom senso. O nome de Antenor era cotado. Então Antenor passeava de automóvel pelas ruas centrais, para tomar pulso à opinião, quando os seus olhos deram na tabuleta do relojoeiro e lhe veio a memória.

— Bolas! E eu que esqueci! A minha cabeça está ali há tempo... Que acharia o relojoeiro? É capaz de tê-la vendido para o interior. Não posso ficar toda vida com uma cabeça de papelão!

Saltou. Entrou na casa do negociante. Era o mesmo que o servira.

- Há tempos deixei aqui uma cabeça.
- Não precisa dizer mais. Espero-o ansioso e admirado da sua ausência, desde que ia desmontar a sua cabeça.
- Ah! fez Antenor.
- Tem-se dado bem com a de papelão? Assim...
- As cabeças de papelão não são más de todo. Fabricações por séries. Vendem-se muito.
- Mas a minha cabeça?
- Vou buscá-la.

Foi ao interior e trouxe um embrulho com respeitoso cuidado.

- Consertou-a?
- Não.
- Então, desarranjo grande?

O homem recuou.

— Senhor, na minha longa vida profissional jamais encontrei um aparelho igual, como perfeição, como acabamento, como precisão. Nenhuma cabeça regulará no mundo melhor do que a sua. É a placa sensível do tempo, das ideias, é o equilíbrio de todas as vibrações. O senhor não tem uma cabeça qualquer. Tem uma cabeça de exposição, uma cabeça de gênio, hors-concours.

Antenor ia entregar a cabeça de papelão. Mas conteve-se.

- Faca o obséguio de embrulhá-la.
- Não a coloca?
- Não.

- V.EX. faz bem. Quem possui uma cabeça assim não a usa todos os dias. Fatalmente dá na vista.
 Mas Antenor era prudente, respeitador da harmonia social.
- Diga-me cá. Mesmo parada em casa, sem corda, numa redoma, talvez prejudique.
- Qual! V.EX. terá a primeira cabeça.

Antenor ficou seco.

— Pode ser que V., profissionalmente, tenha razão. Mas, para mim, a verdade é a dos outros, que sempre a julgaram desarranjada e não regulando bem. Cabeças e relógios querem-se conforme o clima e a moral de cada terra. Fique V. com ela. Eu continuo com a de papelão.

E, em vez de viver no País do Sol um rapaz chamado Antenor, que não conseguia ser nada tendo a cabeça mais admirável — um dos elementos mais ilustres do País do Sol foi Antenor, que conseguiu tudo com uma cabeça de papelão.

JOÃO DO RIO. In: MAGALHÃES JÚNIOR, R. (Org.). Antologia de humorismo e sátira. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957. p. 196. (Vera Cruz).

O conto "O homem de cabeça de papelão", de João do Rio, traz uma metáfora interessante para pensarmos a questão da menoridade. A cabeça de papelão, feita em série, sem vontades nem opiniões próprias, pode ser entendida como algo bastante comum em uma sociedade acostumada a transferir para outros a capacidade de refletir. Diante das versões dos fatos apresentados pela mídia, por exemplo, ou dos pontos de vista compartilhados por aqueles autorizados para tanto, o sujeito ainda na menoridade tende a reproduzir o que lê, ouve e vê.

Quer saber mais?



- O livro Declaração: isto não é um manifesto, de Michael Hardt e de Antonio Negri, traça, principalmente no primeiro capítulo, um panorama da sociedade contemporânea.
- A obra 24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono, de Jonathan Crary, especialmente nos capítulos 1 e 4, também traz uma série de percepções a respeito de nossa cultura e de seus efeitos sobre os indivíduos.

ARGUMENTAÇÃO I: TEMAS E CULTURA As relações dos temas no texto dissertativo A tese não apresenta o objeto central do tema como elemento isolado. A tese busca o objeto central em uma paisagem mais ampla. A abordagem do aspecto central do tema se dá com base na relação que ele trava com as características do mundo em que está inserido.



Na imagem, há duas pessoas frente a frente ou três vasos dispostos um ao lado do outro? Quando percebemos um desses desenhos, não raro, torna-se difícil voltar a ser capaz de reconhecer o outro, o que não significa que ele tenha se apagado.

A imagem daquilo que vemos depende da forma como queremos (ou conseguimos) compreender a figura mostrada.



Saiba mais

artista holandês M. C. Escher notabilizou-se, durante o século XX, com essas

"imagens impossíveis", que apresentam paradoxos visuais. Para conhecer um pouco mais de sua obra e deparar-se com outras figuras, como as que foram mostradas aqui, visite o site oficial da fundação que leva o nome do artista: http://www.mcescher.com/>.



O que começa e o que termina?

Há diversos desenhos que nos fazem chegar a uma percepção aparentemente impossível. Nesse sentido, a imagem ao lado provoca um choque; afinal, qual o "sentido correto" para começar a compreendê-la? Se observarmos a mulher do lado esquerdo, podemos vê-la sentada em um banco com dois bracos altos, mas se o foco recai sobre a mulher da direita, ela parece estar sentada em um degrau - que anteriormente era o assento sobre o qual repousava a primeira.

É como se, para que pudéssemos acomodar nosso olhar em uma perspectiva familiar, tivéssemos que recortar a imagem e analisá-la em blocos, que, por sua vez, seriam reflexos de nossas escolhas

A realidade global do desenho, no entanto, é composta de todos esses blocos ao mesmo tempo, tornando-se complexa e não se prestando a uma única interpretação.

Talvez os trajetos argumentativos que percorremos não sejam tão diferentes em uma dissertação. As relações que estabelecemos entre os elementos que observamos em nossas análises, a respeito dos temas, também nos levam a criar caminhos interpretativos diferentes, que não se excluem mutuamente nem se complementam, necessariamente.

Vamos observar como isso acontece com base em uma proposta real de dissertação:

ITA 2011

Observe a foto a seguir. A partir dela, e considerando os textos desta prova, redija uma dissertação em prosa, na folha a ela destinada, argumentando em favor de um ponto de vista sobre o tema. A redação deve ser feita com caneta azul ou preta.



A prova era composta de outros textos conforme apresentamos a seguir:

Texto 1

Véspera de um dos muitos feriados em 2009 e a insana tarefa de mover-se de um bairro a outro em São Paulo para uma reunião de trabalho. Claro que a cidade já tinha travado no meio da tarde. De táxi, pagaria uma fortuna para ficar parada e chegar atrasada, pois até as vias alternativas que os taxistas conhecem estavam entupidas. De ônibus, nem o corredor funcionaria, tomado pela fila dos mastodônticos veículos. Uma dádiva: eu não estava de carro. Com as pernas livres dos pedais do automóvel e um sapato baixo, nada como viver a liberdade de andar a pé. Carro já foi sinônimo de liberdade, mas não contava com o congestionamento.

Liberdade de verdade é trafegar entre os carros, e mesmo sem apostar corrida, observar que o automóvel na rua anda à mesma velocidade média que você na calçada. É quase como flanar. Sei, como motorista, que o mais irritante do trânsito é quando o pedestre naturalmente te ultrapassa. Enquanto você, no carro, gasta dinheiro para encher o ar de poluentes, esquentar o planeta e chegar atrasado às reuniões. E ainda há quem pegue congestionamento para andar de esteira na academia de ginástica.

Do Itaim ao Jardim Paulista, meia horinha de caminhada. Deu para ver que a Avenida Nove de Julho está cheia de mudas crescidas de pau-brasil. E mais uma porção de cenas que só andando a pé se pode observar. Até chegar ao compromisso pontualmente.

Claro que há pedras no meio do caminho dos pedestres, e muitas. Já foram inclusive objeto de teses acadêmicas. Uma delas, andar a pé: um modo de transporte para a cidade de São Paulo, de Maria Ermelina Brosch Malatesta, sustenta que, apesar de ser a saída mais utilizada pela população nas atuais condições de esgotamento dos sistemas de mobilidade, o modo de transporte a pé é tratado de forma inadequada pelos responsáveis por administrar e planejar o município.

As maiores reclamações de quem usa o mais simples e barato meio de locomoção são os "obstáculos" que aparecem pelo caminho: bancas de camelôs, bancas de jornal, lixeira, postes. Além das calçadas estreitas, com buracos, degraus, desníveis. E o estacionamento de veículos nas calçadas, mais a entrada e a saída em quias rebaixadas, aponta o estudo.

Sem falar nas estatísticas: atropelamentos correspondem a 14% dos acidentes de trânsito. Se o acidente envolve vítimas fatais, o percentual sobe para nada menos que 50% – o que atesta a falta de investimento público no transporte a pé.

Na Região Metropolitana de São Paulo, as viagens a pé, com extensão mínima de 500 metros, correspondem a 34% do total de viagens. Percentual parecido com o de Londres, de 33%. Somadas aos 32% das viagens realizadas por transporte coletivo, que são iniciadas e concluídas por uma viagem a pé, perfazem o total de 66% das viagens! Um número bem desproporcional ao espaço destinado aos pedestres e ao investimento público destinado a eles, especialmente em uma cidade como São Paulo, onde o transporte individual motorizado tem a primazia.

A locomoção a pé acontece tanto nos locais de maior densidade – caso da área central, com registro de dois milhões de viagens a pé por dia –, como nas regiões mais distantes, onde são maiores as deficiências de transporte motorizado e o perfil de renda é menor. A maior parte das pessoas que andam a pé tem poder aquisitivo mais baixo. Elas buscam alternativas para enfrentar a condução cara, desconfortável ou lotada, o ponto de ônibus ou estação distantes, a demora para a condução passar e a viagem demorada.

Já em bairros nobres, como Moema, Itaim e Jardins, por exemplo, é fácil ver carrões que saem das garagens para ir de uma esquina a outra e disputar improváveis vagas de estacionamento. A ideia é manter-se fechado em shoppings, boutiques, clubes, academias de ginástica, escolas, escritórios, porque o ambiente lá fora – o nosso meio ambiente urbano – dizem que é muito perigoso.

SAFATLE, Amália. Disponível em: http://terramagazine.terra.com.br, 15 jul. 2009. (Adapt.).

Texto 2

São Paulo – Não é preciso muito para imaginar o dia em que a moça da rádio nos anunciará, do helicóptero, o colapso final: "A CET¹ já não registra a extensão do congestionamento urbano. Podemos ver daqui que todos os carros em todas as ruas estão imobilizados. Ninguém anda, para frente ou para trás. A cidade, enfim, parou. As autoridades pedem calma, muita calma".

"A autoestrada do Sul" é um conto extraordinário de Julio Cortázar². Está em Todos os fogos o fogo, de 1966 (a Civilização Brasileira traduziu). Narra, com monotonia infernal, um congestionamento entre Fontainebleau e Paris. É a história que inspirou Weekend à francesa (1967), de Godard³.

O que no início parece um transtorno corriqueiro vai assumindo contornos absurdos. Os personagens passam horas, mais horas, dias inteiros entalados na estrada.

Quando, sem explicações, o nó desata, os motoristas aceleram "sem que já se soubesse para que tanta pressa, por que essa correria na noite entre automóveis desconhecidos onde ninguém sabia nada sobre os outros, onde todos olhavam para a frente, exclusivamente para a frente".

Não serve de consolo, mas faz pensar. Seguimos às cegas em frente há quanto tempo? De Prestes Maia aos túneis e viadutos de Maluf, a cidade foi induzida a andar de carro. Nossa urbanização se fez contra o transporte público. O símbolo modernizador da era JK é o pesadelo de agora, mas o fetiche da lata sobre rodas jamais se abalou.

Será ocasional que os carrões dos endinheirados – essas peruas high-tech – se pareçam com tanques de guerra? As pessoas saem de casa dentro de bunkers, literalmente armadas. E, como um dos tipos do conto de Cortázar, veem no engarrafamento uma "afronta pessoal".

Alguém acredita em soluções sem que haja antes um colapso? Ontem era a crise aérea, amanhã será outra qualquer. A classe média necessita reciclar suas aflições. E sempre haverá algo a lembrá-la – coisa mais chata – de que ainda vivemos no Brasil

SILVA, Fernando de Barros. Folha de S.Paulo, 17/03/2008.

- CET Companhia de Engenharia de Tráfego.
 Julio Cortázar (1914-1984), escritor argentino.
 Jean-Luc Godard, cineasta francês, nascido em 1930.
 - Na avaliação de sua redação, serão considerados:
- a) clareza e consistência dos argumentos em defesa de um ponto de vista sobre o assunto:
- b) coesão e coerência do texto; e
- c) domínio do português padrão (serão aceitos os dois sistemas ortográficos em vigor, conforme Decreto 6.583, de 29/09/2008).

Atenção: a Banca Examinadora aceitará qualquer posicionamento ideológico do candidato.

Você poderá usar para rascunho de sua redação as páginas em branco dos cadernos de questões desta prova e da prova de Inglês. O rascunho não será considerado para avaliação de sua redação.

A partir dessa proposta do ITA, poderíamos propor, por exemplo, as duas teses a seguir:

Tese 1

O descaso governamental com a questão da mobilidade pública cria um cenário em que o transporte coletivo é algo de que se quer fugir. O efeito disso é a acentuação da busca pelo deslocamento individual, aumentando o trânsito e os engarrafamentos.

Tese 2

Em uma cultura em que o carro é visto como um dos mais importantes objetos na construção identitária, não é estranho que se prefira ele ao transporte público. O efeito disso é a criação de um cenário de descaso em relação às modalidades coletivas de deslocamento, aumentando o trânsito e os engarrafamentos.

Ainda que as duas teses relacionem a opção pelo transporte individual e o descaso no que diz respeito às modalidades coletivas de deslocamento, podemos notar que elas o fazem a partir de caminhos distintos.

- Na primeira tese, o descaso com a mobilidade pública leva as pessoas a buscarem o carro.
- Na segunda tese, dá-se o inverso, pois, pelo fato de as pessoas buscarem o carro particular, o transporte coletivo se torna precário.

Cada uma delas nos lança a um caminho argumentativo diferente. Observemos possíveis parágrafos de desenvolvimento para cada uma delas:

Tese 1



D1 - Quanto pior o transporte público, menos as pessoas o veem como opção de deslocamento. Por motivos diversos, o governo deixa de priorizar os meios de transporte coletivos em sua agenda - seja por incentivos à compra de automóveis particulares, como a redução de impostos, seja por escolhas na construção de vias, como a opção por faixas de carros a faixas exclusivas de ônibus. A partir do momento, porém, em que faltam linhas de ônibus ou de metrô e as que existem deixam a desejar quanto à pontualidade, à limpeza e à lotação, por exemplo, as modalidades coletivas de deslocamento tornam-se pouco atraentes para as pessoas. (Autoria de LACC)



D2 – A consequência desse cenário é a busca pelos carros. A promessa de conforto e de autonomia, quando comparada às condições enfrentadas diariamente no transporte público, acaba compensando o gasto mais alto com a compra e a manutenção dos automóveis. À medida, porém, que essa troca se acentua, não é difícil perceber os impasses a que se chega: o espaço ocupado por um ônibus com sessenta pessoas em uma via é bem menor caso essas sessenta pessoas optassem por carros individuais. O trânsito parado nas grandes cidades, então, alimenta-se dele mesmo – quanto mais as pessoas ficam no engarrafamento em condições ruins dentro de ônibus e metrôs, mais elas preferem os carros; quanto mais carros, todavia, maior o tráfego. (Autoria de LACC)

Tese 2



D1-Se é no carro que se encontra o ser, tê-lo é condição para existir. Para que vendam ininterruptamente seus automóveis, as montadoras associam a eles características que vão além de seu valor de uso, de maneira que o desejo por adquiri-lo tome forma antes de haver a necessidade do carro para que se efetue o deslocamento. Assim, em terra em que o sex-appeal, por exemplo, é condicionado pelo desfile em Camaro amarelo, em que a elegância ou o espírito aventureiro são conectados ao automóvel de uma ou outra marca, aquele que não os tem não é reconhecido a partir dessas características. Para sê-lo, deve deslocar-se em um automóvel particular. (Autoria de LACC)



D2 – A consequência desse cenário é o descaso em relação ao transporte público. Se o automóvel é que confere a identidade individual, participar da massa que trafega coletivamente em ônibus e metrôs, de alguma maneira, transforma-se em um apagamento subjetivo. À medida que o reconhecimento de si se atrela ao carro, portanto, as modalidades públicas de deslocamento passam a ser o lugar em que não se quer estar – elas são, no máximo, uma fase transitória até a compra do carro tão sonhado. Não é estranho então que, nesse cenário, diminua a preocupação com a qualidade dos meios de transporte coletivos e abra-se caminho para seu sucateamento. Sedentos pela individualidade conferida pelo automóvel particular, porém, é, paradoxalmente, na massa de veículos engarrafados que acabam se reconhecendo, estagnados, esses motoristas. (Autoria de LACC)

Como podemos perceber pelos desenvolvimentos apresentados, as duas argumentações são capazes de se sustentar, ainda que em direções opostas. Para tanto, é imprescindível que se assentem em relações claras e objetivas e em evidências perceptíveis no mundo que nos cerca, que é tão múltiplo e complexo, pouco dado a respostas definitivas. Assim como as "imagens impossíveis", traçamos rotas e criamos sentidos para interpretá-lo, os quais são sempre escolhas. Na dissertação, o que procuramos são exatamente essas tentativas de conferir sentido.



PARA PRATICAR

A seguir, veja a proposta de redação da Unesp de 2014. A partir dela, são apresentados dois pontos de vista possíveis para a execução da dissertação – neles, os elementos relacionados na construção da tese são os mesmos, o que muda é a forma como se estabeleceram essas relações. Em grupo, discuta os conteúdos argumentativos necessários para sustentar cada um deles e elenque-os em um projeto de desenvolvimento.

Texto 1

Dos 594 deputados e senadores em exercício no Congresso Nacional, 190 (32%) já foram condenados na Justiça e/ou nos Tribunais de Contas. As ocorrências se encaixam em quatro grandes áreas: irregularidades em contas e processos administrativos no âmbito dos Tribunais de Contas (como fraudes em licitações); citações na Justiça Eleitoral (contas de campanha rejeitadas, compra de votos, por exemplo); condenações na Justiça referentes à lida com o bem público no exercício da função (enriquecimento ilícito, peculato etc.); e outros (homicídio culposo, trabalho degradante etc.).

PAIVA, Natália. Disponível em: <www.transparencia.org.br>. (Adapt.).

Texto 2

Nossa tradição cultural, por diversas razões, criou um ideal de cidadania política sem vínculos com a efetiva vida social dos brasileiros. Na teoria, aprendemos que devemos ser cidadãos; na prática, que não é possível, nem desejável, comportarmo-nos como cidadãos. A face política do modelo de identidade nacional é permanentemente corroída pelo desrespeito aos nossos ideais de conduta.

Idealmente, ser brasileiro significa herdar a tradição democrática na qual somos todos iguais perante a lei e o direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade é uma propriedade inalienável de cada um de nós; na realidade, ser brasileiro significa viver em um sistema socioeconômico injusto, em que a lei só existe para os pobres e para os inimigos, e os direitos individuais são monopólio dos poucos que têm muito.

Preso nesse impasse, o brasileiro vem sendo coagido a reagir de duas maneiras. Na primeira, com apatia e desesperança. É o caso dos que continuam acreditando nos valores ideais da cultura e não querem converter-se ao cinismo das classes dominantes e de seus seguidores. Essas pessoas experimentam uma notável diminuição da autoestima na identidade de cidadão, pois não aceitam conviver com o baixo padrão de moralidade vigente, mas tampouco sabem como agir honradamente sem se tornarem vítimas de abusos e humilhações de toda ordem. Deixam-se assim contagiar pela inércia ou sonham em renunciar à identidade nacional, abandonando o país. Na segunda maneira, a mais nociva, o indivíduo adere à ética da sobrevivência ou à lei do vale-tudo: pensa escapar à delinquência, tornando-se delinquente.

COSTA, Jurandir Freire. Disponível em: http://super.abril.com.br». (Adapt.).

Texto 3

Se o eleitorado tem bastante clareza quanto à falta de honestidade dos políticos brasileiros, não se pode dizer o mesmo em relação à sua própria imagem como "povo brasileiro". Isto pode ser um reflexo do aclamado "jeitinho brasileiro", ora motivo de orgulho, ora de vergonha.

De qualquer forma, fica claro que há problemas tanto quando se fala de honestidade de uma forma genérica como quando há abordagem específica de comportamentos antiéticos, alguns ilegais: a "caixinha" para o guarda não multar, a sonegação de impostos, a compra de produtos piratas, as fraudes no seguro, entre outros. A questão que está posta aqui é que a população parece não relacionar seus "pequenos desvios" com o comportamento desonesto atribuído aos políticos.

CERVELLINI, Silvia. Disponível em: <www.ibope.com.br>. (Adapt.).

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma redação de gênero dissertativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema: Corrupção no Congresso Nacional: reflexo da sociedade brasileira?

CAPÍTULO 13

Argumentação II: relações entre ideias

Tese 1

Em um cenário em que as denúncias e escândalos de corrupção se avolumam imensamente, não é estranha a naturalização das práticas corruptas. O efeito disso é que, em outros níveis, a maneira individualista com que os congressistas brasileiros se comportam é refletida no restante da sociedade.

| Tese 2 Quando se naturaliza a prevalência dos interesses particulares em relação às questões coletivas, não é estranha certa tolerância com práticas que confirmem tal lógica. O efeito disso é que, dentro ou fora da lei, as condutas dos congressistas brasileiros talvez sejam um reflexo da forma de organização do restante da sociedade. |
|--|
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |

PROPOSTA DE REDAÇÃO

| Unes | p 2 | 01 | 4 |
|------|-----|----|---|
| | | | |

| t control of the cont |
|--|
| A proposta de redação deste capítulo é a mesma trabalhada na seção "PARA PRATICAR". Para montar sua disser tação, você pode fazer uso das teses já apresentadas e das ideias surgidas na discussão em grupo. No entanto, tome cuidado para organizar tudo na forma de uma dissertação clara e coerente. Além disso, voc |
| pode tentar, no meio do seu texto, refutar alguns dos argumentos apresentados pela tese oposta à escolhida. |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |

Texto complementar

Quando apenas atenta para o "capital social" de relações poderosas, o folclórico "jeitinho", então todas essas questões que perfizerem o fulcro e substância da dominação social no Brasil se perdem em análises que se assemelham ao moralismo mais rasteiro do senso comum. O pensador culturalista brasileiro, colonizado até o osso, não só espalha o preconceito do "brasileiro corrupto", construção utilizada para inferiorizar com meios pretensamente científicos as sociedades ditas em desenvolvimento [...] como se não houvesse corrupção sistemática em todos os países capitalistas.

A "cereja do bolo" desse quadro pseudocrítico da sociedade brasileira é a ideia de que existem sociedades sem "jeitinho", ou seja, sem influência de relações pessoais poderosas decidindo o destino de pessoas concretas, muito especialmente nessa sociedade de conto de fadas para adultos que são os Estados Unidos aos olhos de nossos liberais conservadores. Os Estados Unidos seriam a sociedade da accountability, da confiança interpessoal, do respeito à lei impessoal e da igualdade como valor máximo. Tudo como se o policial norte-americano não batesse com mais força no latino e nos negros pobres, como se o governo, "na mutreta" e "sem assumir", não espionasse aliados e inimigos, como se o eufemismo da "desregulação do mercado financeiro" – o que é afinal desregular senão abdicar de qualquer controle intencionalmente? – não fosse a senha para corrupção aberta por meio de mecanismos financeiros com um só ganhador: os bancos norte-americanos que se apropriam por meios frequentemente duvidosos do excedente econômico do planeta inteiro. O interesse aqui não é obviamente praticar antiamericanismo, sentimento do qual estou a anos-luz de distância, é apenas irritação contra esse tipo de admiração basbaque e infantil de tão cândida com relação a sociedades tão imperfeitas e dignas de crítica quanto qualquer outra sociedade humana existente.

[...]

SOUZA. Jessé. Atolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite. São Paulo: Leya, 2015.

No trecho citado, o sociólogo Jessé de Souza traz uma reflexão a respeito da redução das questões sociais brasileiras à existência do "jeitinho brasileiro". A expressão se mostra como fruto de um preconceito – de um racismo, talvez – que atrela a um determinado povo uma característica comportamental. Para o autor, há uma estrutura socioeconômica que produz relações desiguais no contexto brasileiro, e outras estruturas responsáveis pela desigualdade também são observáveis em outros países. Reduzir essas questões a algo que seria um comportamento inato de nossa sociedade sufocaria as possibilidades de uma análise mais séria e embasada a respeito do que observamos acerca da corrupção em nosso país.

Quer saber mais?



 A obra O homem cordial, de Sérgio Buarque de Holanda, aborda a vinculação entre os círculos pessoais com as práticas que, em teoria, seriam impessoais.



O texto Autoestrada do Sul, de Julio Cortázar, mencionado na proposta do ITA de 2011, traz uma cena absurda de um congestionamento que dura diversos dias. O enredo nos ajuda a pensar na "cultura do carro", nas relações mediadas pelo automóvel e na subjetividade "privatista" acentuada por esse cenário.

Argumentação II: relações entre ideias As relações que estabelecemos no texto levam a criar caminhos interpretativos diferentes. As argumentações escolhidas para o texto devem apresentar relações claras e objetivas e evidências perceptíveis no mundo que nos cerca. São essas relações entre as ideias, apresentadas na dissertação, que conferirão sentido ao texto.

Capítulo 1

A estrutura interna dos parágrafos



A caixa-surpresa, como o próprio nome diz, é imprevisível. De presentes incríveis a sustos desconcertantes, ela pode esconder de tudo sob sua tampa, a qual, por sua vez, nada nos informa a respeito do que encontraremos no interior.

Assim como a caixa, os **parágrafos**, quando bem construídos, também têm uma interioridade, mas, diferentemente da caixa-surpresa, há pistas sobre aquilo com que vamos nos deparar.

Parágrafos interconectados

Os parágrafos argumentativos de uma dissertação talvez possam estabelecer uma analogia com as caixas que utilizamos em uma mudança. Nelas, colocamos os objetos que transportaremos e, depois, fechamos e identificamos as embalagens. Assim, em uma caixa sobre a qual se lê "pratos", por exemplo, não se espera encontrar livros, salientando que não há necessidade de escrever o material e o modelo de cada um dos pratos. Além disso, podemos depreender o tipo de itens comportados em cada uma das caixas a partir do lugar de onde elas vêm: as caixas vindas do banheiro, provavelmente, não terão o mesmo tipo de objetos que as vindas da cozinha.

Com os **parágrafos do desenvolvimento** acontece algo similar. Eles não são completamente isolados, mas fazem parte de um texto, ligando-se entre si e com os parágrafos de introdução e conclusão. Por outro lado, eles contam também com uma estrutura interna, mas se essa interioridade não corresponder ao que estiver escrito, também há a sensação de algo errado.

Depois de darmos atenção aos conteúdos do desenvolvimento, nosso foco será a forma de dispor os argumentos e as ideias no parágrafo, trabalhando a estrutura básica dele.

A estrutura básica do parágrafo argumentativo

Os parágrafos do desenvolvimento têm função de argumentação, isto é, sustentar de uma maneira objetiva o ponto de vista apresentado na introdução. Em outras palavras, eles servem para justificar a tese e, tradicionalmente, são organizados da seguinte maneira:

Tópico-frasal

Nele, há uma condensação da ideia a ser trabalhada nas linhas seguintes – como se fosse o "rótulo" em cima da caixa – e, por meio dele, sabe-se o assunto. No entanto, como ele introduz parágrafos argumentativos, vale a pena optar por uma sentença contestável, ou seja, que demande explicações para ser desenvolvida, e não a fonte de onde se retirou alguma informação.

Tópico-frasal é um resumo do assunto que será tratado no parágrafo – mais ou menos 25% do espaço do parágrafo.

Expansão do tópico

Na expansão, desenvolvemos o que foi explicitado no tópico-frasal – como se fosse o "interior da caixa". O leitor não sabe de onde foi tirada a afirmação inicial e, talvez, não pense como o autor. Por isso é importante nos preocuparmos em mostrar que nossas ideias são relevantes e verossímeis. Na expansão, entrarão os **argumentos**, ou seja, o que temos de lógico e palpável para sustentar nosso ponto de vista. São afirmações comprováveis por quem escreve e refutáveis por quem lê, já que são baseadas em **evidências da realidade**. No entanto, isso não quer dizer que, necessariamente, o leitor refutará o que foi escrito, mas significa que não colocamos algo incontestável, como um fato ou uma crença, por exemplo:



- "A abolição da escravatura brasileira se deu em 1888";
- "O aborto não deve ser legalizado porque Deus não quer";
- "Todo indivíduo contemporâneo sonha em comprar um carro".

Na expansão do tópico temos, mais ou menos, 50% do espaço do parágrafo.

Exemplificação ou fecho

É a finalização do parágrafo, em que podemos optar por concretizar o raciocínio – isso é bastante importante caso a argumentação esteja em um plano excessivamente abstrato – ou por concluir a ideia iniciada no tópico frasal.

No **fecho**, temos mais ou menos 25% do espaço do parágrafo; esse é outro espaço para fatos e para aquilo que não precisa de sustentação.

Atenção!

Se o planejamento textual for seguido à risca, os tópicos-frasais do D1 e do D2 tendem a ser uma paráfrase do que foi apresentado, respectivamente, na primeira e na segunda parte da tese. Pensar nisso pode nos ajudar a construir os tópicos e a verificarmos se, depois de escrito, o desenvolvimento sustenta o ponto de vista efetivamente.

Análise de parágrafos

Exemplo 1

Com o entendimento de uma bancada parlamentar de que é constitucional reduzir a maioridade penal, a proposta agora será encaminhada ao Congresso brasileiro. De acordo com um coronel reformado da PM, José Vicente da Silva Filho, a medida, ainda que não alcance o objetivo de reduzir a violência, serve como uma resposta à sociedade, que, segundo pesquisas recentes do Datafolha, é amplamente favorável à redução. Por outro lado, alguns analistas, como o professor Vladimir Safatle, creem que a medida sequer leva em conta os índices de criminalidade. O fato de apenas 1% dos assassinatos serem cometidos por jovens entre 16 e 18 anos e de a reincidência no crime para adolescentes que passaram pelo sistema prisional ser de 70% é o que os embasa. (Autoria de LACC)



Exemplo 2

Reside no senso comum a ideia de que a redução da maioridade penal é uma medida eficaz contra a violência. Em primeiro lugar, se o medo de ir preso de fato fosse o principal motivador da criminalidade, não haveria tantos infratores com mais de 18 anos. Em segundo lugar, quando uma proposta dessas é feita, são desconsiderados os índices de crimes cometidos por jovens entre 16 e 18 anos (apenas 1% dos assassinatos) e o de reincidência daqueles que passam pelo sistema prisional – 70%. O que parece realmente motivar tal medida é uma reação passional e imediata diante dos crimes escolhidos como relevantes por uma mídia sensacionalista e por políticos em busca de votos. Constitucionalmente, entretanto, o que se espera é que haja objetividade ao lidar com os problemas nacionais. (Autoria de LACC)

Exemplo 3

Quando impera o maniqueísmo, a realidade é tomada como conto de fadas. Categorizando de maneira estática aquilo que é bom e aquilo que é mau, quem é o mocinho e quem é o bandido, não há mais espaço para a complexidade. Tal qual em uma historinha de crianças, o vilão encarna tudo o que há de ruim e isso lhe é um traço natural – não entram em pauta sua história pessoal, as condições sociais em que se desenvolveu. Esse tipo de olhar, ao romper as páginas dos livros infantis e se esparramar para a vida social, tende a engendrar análises superficiais sobre fenômenos coletivos. Não se consideram mais, por exemplo, os índices de criminalidade e de reincidência de jovens infratores para exigir que, assim como as bruxas, sejam condenados à fogueira ou, ao menos, à reclusão em torres distantes. Se o grito que impele a prender os "marginaizinhos" no poste é atribuído à mocinha, vilão é quem ousa enxergar não ser coincidência a coincidência entre a criminalidade e o pouco acesso a condições sociais dignas. (Autoria de LACC)

O primeiro parágrafo apresentado é essencialmente expositivo, pois nada nele revela, de maneira contundente, o ponto de vista do autor, apenas informa. Podemos perceber que não há afirmações que demandem explicações, de forma que, no máximo, o que pediríamos ao autor é uma referência de onde tirou tais informações.

Os outros dois exemplos constituem-se como parágrafos argumentativos, mesmo que ainda usem bastante do que foi trazido pelo primeiro para se sustentarem. Para essa argumentatividade, pesa muito a forma como as ideias são colocadas. Podemos reparar que, em ambos, o primeiro período, ou seja, o tópico-frasal traz uma afirmação contestável, e não uma informação. Sendo contestável, o autor deverá desenvolvê-la por meio da exposição do raciocínio que o levou a ela – a esse raciocínio, damos o nome de expansão.

No segundo exemplo, essa expansão é baseada em uma refutação, isto é, após apresentar uma afirmação contrária àquilo que pensa no tópico-frasal, o autor a desconstrói na expansão.

Já no terceiro, para defender o quão superficial se torna o debate quando pautado em relações que ele considera maniqueístas, o autor trabalha com uma analogia que deságua no mundo real por meio da concretização final.

Obviamente, essa estrutura apresentada não é a única possível para construir os parágrafos argumentativos. No entanto, compreendê-la e conseguir executá-la de forma segura é a garantia da possibilidade de reinventá-la conforme as exigências de nosso próprio texto, sem que surpreendamos nosso leitor de uma forma negativa.



PARA PRATICAR

A seguir, há dois conjuntos de frases surgidas ao acaso no planejamento de um texto. Para cada um deles, reúna as ideias apresentadas pelas sentenças em um ou mais parágrafos argumentativos seguindo a estrutura estudada neste capítulo.

Atenção!

Atenção: cuidado para construir a clareza e a objetividade. Não copie tudo e use suas próprias palavras: o importante é que a ideia se mantenha.

Conjunto 1

- Nossa relação com a realidade não se dá de maneira direta.
- Nossa relação com a realidade é condicionada a nossas condições para observá-la.
- A cultura a que pertence o sujeito interfere no que ele observa da realidade.
- A religião a que pertence o sujeito interfere no que ele observa da realidade.
- Os afetos subjetivos interferem na forma como os sujeitos veem a realidade.
- Nem sempre percebemos os filtros que se põem entre a realidade e nós mesmos.
- Quando n\u00e3o percebemos estar diante apenas de uma forma de ver a realidade, tendemos a tomar o que vemos como realidade absoluta.
- Se o que vemos é entendido como realidade absoluta, questioná-la é, de alguma maneira, retirar a base sólida daquilo em que cremos.
- Torna-se mais cômodo ignorar visões diferentes da realidade.
- A realidade perde sua complexidade e torna-se plana.
- Não há possibilidades de discutir as razões sociais da violência quando o debate se encerra no maniqueísmo.
- Não há possibilidades de problematizar a informação quando ela não é vista como interpretação de mundo, mas como retrato fiel dele próprio.

Conjunto 2

- A participação política diz respeito, em sentido amplo, ao reconhecimento de si mesmo em relação com a coletividade.
- A sociedade contemporânea é marcada pelo ensimesmamento.
- · O ensimesmamento implica um fechar-se em si.
- O ensimesmamento implica um distanciar-se do outro.
- Distanciando-se do outro, o indivíduo deixa de percebê-lo.
- · Distanciando-se do outro, o indivíduo deixa de se reconhecer nos problemas do outro.
- Reconhecer-se nos problemas coletivos é imprescindível para a participação política.
- Reconhecer-se nos problemas coletivos é imprescindível para que o indivíduo se sinta responsável direto pelas questões públicas.
- O indivíduo contemporâneo busca o automóvel particular, e não o transporte público.
- O indivíduo contemporâneo busca os planos de saúde, e não luta pelo SUS.
- Apagando-se o outro da sua esfera de reconhecimento, o sujeito ensimesmado vai perdendo sua dimensão política.
- Encontra-se, na sociedade contemporânea, uma possibilidade de conexão do sujeito com aqueles que estão longe.
- As plataformas virtuais e as redes sociais colocam no mesmo espaço indivíduos que não se encontram em seus trajetos cotidianos.
- Encontrar-se com o diferente é fundamental para se confrontar consigo mesmo.
- Ensimesmado, o sujeito só se relaciona com os ecos de discursos conhecidos, batidos e reproduzidos à exaustão dentro de grupos fechados.
- Ser atravessado por discursos diferentes desestabiliza certezas, desestabiliza o "eu".

CAPÍTULO 14

A estrutura interna dos parágrafos

| • | Ao ser atravessado por discursos diferentes daqueles com que se está acostumado, percebe-se a presença do outro. | | | | |
|-----|--|--|--|--|--|
| • | Ao ser atravessado por discursos diferentes daqueles com que se está acostumado, o sujeito se percebe em rela- | | | | |
| | ção com o outro. | | | | |
| • | Talvez, no interior do castelo ensimesmado contemporâneo, essas mídias digitais se apresentem como um espaç para o agir político. | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| 35 | | | | | |
| - | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| 2, | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| _ | | | | | |
| _ | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| - | | | | | |
| | | | | | |
| 100 | | | | | |
| 2.7 | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| 200 | | | | | |
| | | | | | |
| - | | | | | |
| 8 | | | | | |
| - | | | | | |
| | | | | | |
| 15 | | | | | |
| | | | | | |

PROPOSTA DE REDAÇÃO

IME 2014

Os dois textos que seguem procuram despertar uma reflexão a propósito do tema desta prova. Leia-os atentamente.

Texto 1

Escola troca seguranças por professores de artes e melhora desempenho de alunos

Cercado por crianças indisciplinadas e pelo aumento de violência dentro das salas de aula, o diretor de uma escola pública de Ensino Médio da cidade de Boston, nos Estados Unidos, tomou uma medida que, à primeira vista, pareceu loucura: ele demitiu todos os funcionários da segurança e, com o dinheiro, reinvestiu contratando professores de arte.

Em menos de três anos, o colégio Orchard Gardens, que figurava entre os cinco piores do estado de Massachusetts, tornou-se uma das unidades onde houve maior salto de qualidade no aprendizado de alunos. O segredo?

Não há um único jeito de se fazer uma tarefa. E a arte te ajuda a compreender isso. Se você levar isso a sério, o mesmo acontecerá na parte acadêmica e em outras áreas. Eles precisam mais do que um teste preparatório e mais do que simplesmente responder de um jeito uma questão – disse à rede de TV NBC o diretor Andrew Bott, o sexto a gerir a unidade em menos de sete anos.

Ao assumir a direção da Orchard Gardens em 2010, Bott chegou a ouvir de seus colegas que a escola era conhecida como a "matadora de carreiras" dentro da rede estadual de Massachusetts.

Construída em 2003 para ser uma referência no mundo das artes, a Orchard Gardens nunca alcançou esse objetivo. O estúdio de dança era usado como depósito, e instrumentos de orquestra estavam praticamente intactos. A violência chegou a tal ponto que alunos foram proibidos de levar mochilas. Tudo para se reduzir a incidência de armas em sala de aula. Cerca de 56% dos mais de 800 alunos da escola são descendentes de latinos, e outros 42% são considerados negros.

Mas com a substituição de seguranças por professores de arte, as paredes dos corredores viraram muros de exposição, os entulhos no estúdio deram espaço às aulas de dança e a orquestra voltou a tocar. De acordo com Bott, o contato com as artes deixou os alunos mais motivados e com maior espírito de empreendedorismo.

Um dos alunos, Keyvaughn Little, conseguiu ser aceito na disputada Academia de Artes de Boston, única escola pública do estado especializada em artes visuais e performance.

Todas as aulas extraclasse e a maior atenção que recebemos nos faz pensar "eu realmente posso ter um futuro nisso e não preciso ir para uma escola regular. Posso ir para uma escola de artes" – afirmou Keyvaughn à NBC.

0 GLOBO. Escola troca seguranças por professores de artes e melhora desempenho de alunos. Disponível em: https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/escola-troca-segurancas-por-professores-de-artes-melhora-desempenho-de-alunos-8267206>. Acesso em: 22 maio 2013.

Texto 2

O texto a seguir é um pequeno recorte de entrevista concedida por Hélène Grimaud, pianista francesa de renome internacional, à jornalista Josée Dupuis. Além de pianista, Hélène Grimaud é também autora de dois livros.

Josée Dupuis: Eu li no seu livro Variação Selvagem que o piano a salvou, que se você não fosse pianista teria se tornado delinquente. É verdade isso?

Hélène Grimaud: Desde pequena ouvi meus pais falarem sobre o que os psicanalistas diziam a meu respeito. Eu era intransigente e de uma tal intensidade que foi necessário o recurso às artes. Eu tenho consciência de que as coisas não teriam sido nada fáceis para mim, se eu não tivesse sido apresentada à música, porque nada me bastava e daí vinha minha inadaptação à escola: eu interrompia as aulas com perguntas que não tinham nada a ver com o programa, havia sempre essa inquietação que me caracterizava; foi a música que me permitiu ver horizontes e profundidades insondáveis. Finalmente encontrei uma atividade apropriada a meu desenvolvimento em toda sua intensidade. (...) Eu sempre me vi pensando sobre o papel de um artista na sociedade. E me parecia ser um papel um tanto irrisório à medida que diante da miséria do mundo a arte torna-se um luxo. Eu precisei de muito tempo para me reconciliar com o fato de que a arte não deve ser encarada como um luxo, mas como uma necessidade.

Entrevista concedida ao Canal 5 da França. Disponível em: <www.youtube.com/ watch?v=g8_3jrjGAxg>. Transcrição, adaptação e tradução de Célia Câmara de Araújo, Maj QCO. Acesso em: 15 maio 2013.

Questão única - produção de texto

O conhecimento e nossa capacidade de articular as mais diversas áreas do saber são uma das facetas que nos diferenciam de outras espécies no mundo. Algumas maneiras de conhecer, no entanto, são vistas, em determinados ambientes, como se fossem de segunda ordem, as artes entre elas. A partir das reflexões suscitadas pelos textos desta prova, discorra em texto argumentativo-dissertativo sobre a necessidade de se perceber a interconexão entre os diversos campos do conhecimento a fim de se atingir o pleno desenvolvimento de nossas capacidades.

Instruções

- 1. Não copie trechos dos textos desta prova.
- 2. Redija seu texto em prosa, de acordo com a norma culta escrita da língua portuguesa.
- Redija um texto de 25 a 35 linhas, no máximo.

| | Atribua um título a seu texto. Seu texto definitivo deverá ser escrito à tinta azul ou preta. Não serão considerados os textos escritos a lápis para fins de correção. |
|-----|--|
| | |
| | |
| | |
| | |
| - | |
| | |
| - | |
| | |
| _ | |
| 8 | |
| | |
| 201 | |
| | |
| | |
| 51 | |
| - | |
| | |

| × | |
|---|----|
| | |
| | 3 |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | 7, |
| | |
| | |
| | |

Texto complementar

Eu descobri que a velha humanidade e animalidade, e mesmo toda a pré-história e o passado de todo ser que sente, continuam inventando, amando, odiando, raciocinando em mim – no meio deste sonho acordei repentinamente, mas apenas para a consciência de que sonho e tenho de prosseguir sonhando para não sucumbir: tal como o sonâmbulo tem de prosseguir o sonho para não cair por terra. O que é agora, para mim, aparência? Verdadeiramente, não é o oposto de alguma essência – que posso eu enunciar de qualquer essência, que não os predicados de sua aparência? Verdadeiramente, não é uma máscara mortuária que se pudesse aplicar a um desconhecido X e depois retirar! Aparência é, para mim, aquilo mesmo que atua e vive, que na zombaria de si mesmo chega ao ponto de me fazer sentir que tudo aqui é aparência, fogo-fátuo, dança de espíritos e nada mais – que, entre todos esses sonhadores, também eu, o "homem do conhecimento", danço a minha dança, que o homem do conhecimento é um recurso para prolongar a dança terrestre e, assim, está entre os mestres de cerimônia da existência, e que a sublime coerência e ligação de todos os conhecimentos são e serão, talvez, o meio supremo de manter a universalidade do sonho e a mútua compreensibilidade de todos esses sonhadores [...]

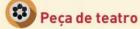
NIETZSCHE, Friedrich. A gaia ciência. Paulo César de Souza (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Nesse trecho do seu livro, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche trata das "aparências". Segundo ele, o que compreendemos do mundo que nos cerca é sempre uma aparência, uma imagem que construímos para conferir-lhe sentido. A ciência o fará a partir de algumas condições; a política, de outras; a arte, enfim, de condições ainda diversas. Para o pensador, são todas interpretações desse mundo. Quanto mais as conhecemos, mais amplo se torna nosso conhecimento do mundo – não há por que, então, hierarquizar essas maneiras de compreender ou excluir uma em benefício de outras.

Quer saber mais?



A professora Ana Mae Barbosa, em http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/05/importancia-do-ensino-das-artes-na-escola.html, apresenta uma justificativa para a inserção das artes no conteúdo escolar. Confira!



No clássico Hamlet, de Willian Shakespeare, o dramaturgo inglês confere um papel central para a arte, especialmente a
teatral. Por meio dela, o príncipe dinamarquês, cujo nome dá título à peça, descobre a verdade sobre a morte de seu pai.
O texto está disponível em: <www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=5346>.



Capítulo 15

A reinvenção da estrutura



A caixa de papelão não dura para sempre, pois, com o tempo, pode perder a firmeza, chegando ao ponto de furar e rasgar. Nesse momento, temos a opção de jogá-la fora e deixar que se decomponha na natureza ou reciclar o papel e, com ele, construí-la novamente. Essa nova caixa proveniente da reciclagem traz algo da anterior, porém recriando-a. Da mesma forma, a partir da estrutura-padrão dos parágrafos argumentativos, que já estudamos, também é possível reinventá-los.

Outras mudanças

Já estabelecemos uma analogia com caixas de mudança, as quais nortearam nossos estudos a respeito da construção dos **parágrafos argumentativos**. No entanto, como mencionado na abertura, caixas não duram para sempre e sequer são a única forma de transporte, pois uma mala, uma mochila,
uma sacola ou um carrinho de feira também cumprem essa função, ou seja,
as formas e os materiais utilizados na confecção são diferentes mas têm a
mesma utilidade das caixas.

Com os parágrafos acontece algo parecido. Eles nem sempre se organizarão em torno da estrutura-padrão; porém, mesmo que haja uma ou outra diferença estrutural, se forem capazes de manter a função argumentativa sustentando o ponto de vista, podem ser considerados bons parágrafos. Vamos ver alguns exemplos.

Exemplo 1

Quando o lucro é esperado, nascemos todos endividados. A ideia de se cumprir um protocolo gerado a partir do gênero, por exemplo, que impõe o que se deve ter e o que se deve ser, é quase unânime. Uma mulher malcuidada é menos feminina e todas as ferramentas de que precisa para acionar o comando "feminilidade" que, muitas veges, é cobrado para sua inserção social, estão disponíveis em um centro de compras. O que pouco se discute é a relação de um ser humano, hoje, com seu corpo; ela pode ir além daquilo que se pode comprar. Por vezes, clamamos por dor ou por angústia - que são humanas, que criam arte, que movimentam - mas recebemos como resposta: "não estão à venda". Clamamos por um reconhecimento de fatores femininos no próprio corpo, mas eles estão em um rímel. O centro de compras branco, iluminado, transparente e seguro vende apenas o que foi denominado como "o melhor que o mundo tem a oferecer", renegando o "humano que o mundo tem a receber".

Banca da Fuvest - Redação nº 16 (2013). Disponível em: www.fuvest.br/vest2013/bestred/103202.html. Acesso em: 17 maio 2017.

Saiba mais

Até 2013, a Fuvest divulgava anualmente algumas das melhores redações do vestibular. Conhecê-las é importante para compreender mehor o que se espera naquela banca e para perceber como, na realidade, são escritos os textos bem avaliados no processo seletivo.

O link da página da Fuvest é: <www.fuvest.br/vest2013/provas/provas.stm>. Como podemos perceber, ainda que o parágrafo se inicie com um tópico-frasal, a expansão se dá de uma maneira diferente. Aqui, a concretização da análise não vem depois de uma explicação mais abstrata: na verdade, é por meio do exemplo que se introduz essa explicação. Notamos que, logo após o tópico, já nos é apresentado o exemplo do gênero e de sua realização ligada ao consumo de itens que garantiriam a "feminilidade". A partir daí, a autora volta para a explicação mais abstrata, isto é, quando aborda a questão do ser humano, hoje, com seu próprio corpo, destaca uma espécie de esvaziamento, como se, para ser, fosse necessário comprar.

Quando volta ao exemplo do gênero, concretiza-o mais ainda por meio da imagem do "rímel", fazendo com que esse objeto, na reflexão, dê forma à transferência de características humanas a bens de consumo.

Vale a pena notar que, embora essa expansão se organize de uma maneira diferente daquela que já estudamos, ela mantém, de alguma maneira, as proporções do que é concretização e do que é explicação mais abstrata, o que chamaremos de "exemplo diluído na argumentação".

Exemplo 2

Quando é o consumo a tônica, é-se consumidor antes de ser cidadão.

Trabalhando o dia todo para, em seu descanso, poder curtir as promessas do mundo das compras, o indivíduo consumista tende a ter poucas experiências com o que não é consumo, passando, portanto, a aplicar a lógica deste ao mundo que o cerca. Acostumado a pagar por beleza, por sensualidade, por segurança, na agenda política vê-se, primordialmente, como "pagador de impostos"; como tal, aliás, é cliente e, se o cliente sempre tem a razão, vai também perdendo a habilidade de lidar com o outro em debates em que a razão é coisa a se construir coletivamente. Para esse tipo, os direitos à infraestrutura social pública cedem espaço para os "direitos do consumidor".

Autoria de LACC

Nesse exemplo, há outro trabalho com a concretização. O parágrafo, em geral, organiza-se na estrutura-padrão, ou seja, tem tópico-frasal, expansão mais abstrata e, no final, caminha para elementos que evidenciam a reflexão. Esses elementos não remetem a um objeto ou exemplo específico, pois o autor opta por pulverizar expressões do cotidiano ("pagador de impostos", "o cliente tem sempre razão", "direitos do consumidor") para conferir concretude à ideia de que a lógica do consumo se esparrama para outras esferas da vida.



Exemplo 3

Brinquedos de montar cópias da caixa; brincadeiras novas compradas em packs caros e já definidas pelo marketina das grandes empresas: a infância consumista toma do consumo a sua cara. Para vender, as empresas inventam as atrações coloridas e barulhentas; para vender para sempre, elas emudecem os gritos agudos, por um lado, e, por outro, ensurdecem para a inventividade infantil. Para brincar, é preciso comprar uma nova história, um objeto diferente. Esvai das mãos da criança, escorregadias pela gordura do salgadinho estampado com a foto do desenho animado, a responsabilidade por sua própria diversão; não mais se encontra nelas a habilidade de inventar enredos, de construir narrativas, de criar sentidos: a massinha de modelar já vem com o molde; o brinquedo de juntar peças vem com manual; o chocolate com surpresa traz a surpresa estampada do lado de fora. Quando é o desenho que é animado, a "ânima", isto é, a alma, já não está na criança que brinca.

Autoria de SACC

Nesse exemplo, percebemos mudanças no próprio tópico-frasal, que ele começa com uma sequência de concretizações. Dessa sequência, depois de um dois-pontos, o autor apresenta uma afirmação mais abstrata que dá o tom do parágrafo: "a infância consumista toma do consumo a sua cara", uma ideia bem parecida da defendida no parágrafo do exemplo anterior. Para desenvolvê-la, depois desse tópico mais concreto, o autor recorre a uma explicação abstrata debatendo as estratégias da indústria para manter ininterruptas as vendas e, em seguida, volta a concretizar. O fecho do parágrafo, aqui, retoma também a abstração.

Nos três exemplos analisados, podemos observar que a estrutura-padrão de um parágrafo argumentativo pode ser flexibilizada conforme as exigências do próprio texto e o estilo do autor. O que se mantém, mais ou menos invariável, são as proporções entre o que é mais abstrato e reflexivo da análise e o que a concretiza. Entre os exemplos apresentados, não há nenhum parágrafo em que um único exemplo ocupe todo o espaço, ou seja, a descrição do fato específico não é argumentativa por si só, mas se torna à medida que concretiza uma reflexão argumentativa.

Assim, vale a pena analisar com um pouco mais de cuidado a concretização nos parágrafos do desenvolvimento.

A argumentação e a concretização

Um exemplo serve para ancorar na realidade a reflexão mais abstrata desenvolvida na argumentação. Por meio dele, percebemos que o assunto a ser defendido não se trata de uma questão puramente teórica e, assim, conseguimos enxergar essa teoria ao nosso redor. É por isso, portanto, que ele não ocupa sozinho o parágrafo argumentativo, mas compõe com as explicações analíticas a eficácia argumentativa. Vamos observar o próximo exemplo:

Exemplo 4

A intolerância ganha força à medida que o indivíduo se fecha em seus próprios dogmas. Conforme esse sujeito se limita à convivência com uma única religião, esta, sem o contato com as outras, deixa de ser uma forma de dar sentido à existência, de dar conforto à alma, e passa a ser verdade absoluta, a qual deve ser seguida por todos. Um exemplo desse fenômeno pode ser observado na programação cristã na televisão aberta: ainda que variem as doutrinas, a frequência com que são transmitidos cultos ou missas é muito maior do que o tempo destinado a tratar de outras formas religiosas. Não é estranho, portanto, que algumas religiões se tornem o padrão e tudo o que se afasta delas não seja tolerado.

Autoria de LACC

Nesse parágrafo, podemos perceber a utilização da estrutura-padrão. Depois do tópico-frasal, há uma explicação abstrata e vaga a respeito do ensimesmamento religioso, permitindo que o autor não especifique qual seria a "única religião" ou quais seriam as outras, pautando tudo nesse plano pouco específico. Em seguida, aparece a concretização por meio do exemplo da programação televisiva, sendo um caso específico em que há o fechamento em um único modelo religioso.

Observe como a estratégia de concretização muda no próximo parágrafo:

Exemplo 5

A tolerância se inviabiliza à medida que o indivíduo se fecha em seus próprios dogmas. Conforme esse sujeito se acostuma **às portas fechadas àqueles que tocam a campainha em nome de outra fe, aos mesmos deuses sendo exaltados na televisão aberta, ao chute em tudo o que vê como "macumba"**, seu mundo deixa de ser

povoado por deuses e narrativas diversas e vira o reino cerrado de uma única maneira de se relacionar com o sobrenatural. A sua religião, então, sem o contato com as outras, deixa de ser uma forma de dar sentido à existência, de dar conforto à alma, e passa a ser verdade absoluta, a qual deve ser seguida por todos. Quando o próximo a ser amado é quem já rega o mesmo terço, a intolerância é constante.

Autoria de LACC

Nesse parágrafo, o que aparece destacado é responsável pela concretização. Podemos perceber que, em vez de se deter sobre um caso específico, o autor pulveriza elementos que nos permitem enxergar a realidade sobre a qual ele teoriza. Com esses elementos concretos menos detalhados, é como se o autor criasse uma paisagem, um cenário para sua reflexão. A essa estratégia, daremos o nome de "evidenciação".

Mas quando devemos detalhar mais um exemplo e quando devemos optar pelas evidências?

Na verdade, o que determina essa escolha é a forma como estamos desenvolvendo o texto, mas alguns pontos podem ajudar. Quando caracterizamos algum traço de nossa sociedade, por exemplo, talvez trabalhar com a pulverização de algumas evidências seja mais produtivo. Por outro lado, quando a proposta de redação nos pede um **ponto de vista** acerca de algo muito específico (como as declarações do ministro Taro Aso, da proposta da Fuvest de 2014), talvez seja mais interessante trabalhar esse objeto na concretização. Por fim, sendo o tema mais amplo, como o do Enem de 2015, em que se propunha a discussão acerca da violência contra a mulher, mas não se especificava a violência física ou psicológica, por exemplo, trabalhar com a evidenciação pode ser uma estratégia mais eficaz.

Atenção!

Quando o tema for específico e você utilizar o objeto em torno do qual ele orbita para concretizar a ideia, lembre-se de não o deixar como um mero exemplo. Se fôssemos escrever sobre "A programação religiosa na televisão", mudaríamos o parágrafo apresentado no exemplo 4 para algo como o que segue:

A intolerância ganha força à medida que o indivíduo se fecha em seus próprios dogmas. Conforme esse sujeito se limita à convivência com uma única religião, esta, sem o contato com as outras, deixa de ser uma forma de dar sentido à existência, de dar conforto à alma, e passa a ser verdade absoluta, a qual deve ser seguida por todos. É isso que se observa na programação cristã na televisão aberta: ainda que variem as doutrinas, a frequência com que são transmitidos cultos ou missas é muito maior do que o tempo destinado a tratar de outras formas religiosas. Não é estranho, portanto, que algumas religiões se tornem o padrão e tudo o que se afasta delas não seja tolerado.

(Autoria de LACC)

Note que o trecho grifado tira de cena a expressão "um exemplo disso pode ser observado". O tema não é exemplo no texto, mas seu foco central.

PARA PRATICAR

| A seguir, são apresentadas algumas afirmações bem vagas e abstratas. Para cada uma delas, elabore uma lista com expressões cotidianas, objetos, <i>slogans</i> de propagandas, trechos de músicas, atitudes, enfim, com indícios dessas frases pensando na evidenciação. a) Atrelamos a objetos de consumo nossa realização subjetiva. |
|---|
| |
| b) O homem contemporâneo se reconhece apenas na produtividade. |
| |
| c) Em nossa cultura, a mulher é inferiorizada. |
| |
| |
| Nos parágrafos a seguir, o exemplo ocupa um espaço muito grande, tornando-os expositivos. Reescreva-os optando, em um deles, pela evidenciação e, no outro, pelo exemplo diluído. a) Quando é o consumo que sustenta o sistema, ele deve se manter ininterrupto. A Coca-Cola, por exemplo, para se manter vendendo incessantemente seu produto, não pode oferecer nas propagandas o xarope gaseificado produzido a partir da folha de coca Ela precisa, nesse sentido, atribuir a seu produto a "felicidade", que é aberta quando se abre cada garrafa. (Autoria de LACC) b) Se impera a produtividade, quem não produz não tem espaço. Taro Aso, ministro japonês das finanças, afirmou em declarações |
| recentes que os idosos deveriam "apressar-se a morrer". Segundo ele, os mais velhos, por não produzirem mais riquezas, acabam apenas dando prejuízo, pois utilizam-se do sistema público de saúde e de outros serviços sem que continuem contribuindo para a manutenção destes. Essas falas refletem a forma de pensar atrelada à necessidade produtiva. (Autoria de LACC) |
| |
| |
| |
| |

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Enem 2014

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma-padrão da língua portuguesa sobre o tema **Publicidade infantil em questão no Brasil**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Texto 1

A aprovação, em abril de 2014, de uma resolução que considera abusiva a publicidade infantil, emitida pelo Conselho Nacional de Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), deu início a um verdadeiro cabo de guerra envolvendo as ONGs de defesa dos direitos das crianças e os setores interessados na continuidade das propagandas dirigidas a esse público.

Elogiada por pais, ativistas e entidades, a resolução estabelece como abusiva toda propaganda dirigida à criança que tem "a intenção de persuadi-la para o consumo de qualquer produto ou serviço" e que utilize aspectos como desenhos animados, bonecos, linguagem infantil, trilhas sonoras com temas infantis, oferta de prêmios, brindes ou artigos colecionáveis que tenham apelo às crianças.

Ainda há dúvidas, porém, sobre como será a aplicação prática da resolução. E associações de anunciantes, emissoras, revistas e de empresas de licenciamento e fabricantes de produtos infantis criticam a medida e dizem não reconhecer a legitimidade constitucional do Conanda para legislar sobre publicidade e para impor a resolução tanto às famílias quanto ao mercado publicitário. Além disso, defendem que a autorregulamentação pelo Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária [Conar] já seria uma forma de controlar e evitar abusos.

IDOETA, P. A.; BARBA, M. D. Apublicidade infantil deve ser proibida? Disponível em: <www.bbc.co.uk>. Acesso em: 23 maio 2014. (Adapt.).

Texto 2
A PUBLICIDADE PARA CRIANÇAS NO MUNDO



Disponível em: www1.folha.uol.com.br. Acesso em: 24 jun. 2014 (adaptado).

Texto 3

Precisamos preparar a criança, desde pequena, para receber as informações do mundo exterior, para compreender o que está por trás da divulgação de produtos. Só assim ela se tornará o consumidor do futuro, aquele capaz de saber o que, como e por que comprar, ciente de suas reais necessidades e consciente de suas responsabilidades consigo mesma e com o mundo.

SILVA, A. M. D.; VASCONCELOS, L. R. A criança e o marketing: informações essenciais para proteger as crianças dos apelos do marketing infantil. São Paulo: Summus, 2012. (Adapt.).

INSTRUÇÕES:

- O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
- O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
- A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de redação ou do Caderno de questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.

| D ' | | | | | | | | - | | | | | . ~ | |
|-------------|------|-------|------|--------|-----|-----|--------|------|----------|--------|----------|-------|--------|-------|
| Receberá | nota | 70 ro | em | ullalu | Her | ach | CITIIA | 290 | evnress | 25 2 6 | rillings | a r | neacha | UIIO. |
| INC CCDCI a | Hota | ZCIO, | CIII | quatq | uci | uus | Jitua | .003 | CAPICSSE | 13 U . | cguii | , u : | cuação | que. |

- tiver até sete linhas escritas, sendo considerada "insuficiente".
- fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.

| apresentar proposta de intervenção que desrespeite os direitos humanos. apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto. |
|---|
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |

Texto complementar

No fundo, estamos sempre a educar para um mundo que já está, ou está a ficar, fora dos seus gonzos. Esta é a situação básica do homem. O mundo é criado por mãos humanas para servir de casa aos humanos durante um tempo muito limitado. Porque o mundo é feito por mortais, ele é perecível. Porque os seus habitantes estão continuamente a mudar, o mundo corre o risco de se tomar tão mortal como eles. Para preservar o mundo contra a mortalidade dos seus criadores e habitantes, é necessário constantemente restabelecê-lo de novo. O problema é saber como educar de forma a que essa recolocação continue a ser possível, ainda que, de forma absoluta, nunca possa ser assegurada. A nossa esperança reside sempre na novidade que cada nova geração traz consigo. Mas, precisamente porque só nisso podemos basear a nossa esperança, destruímos tudo se tentarmos controlar o novo que nós, os velhos, pretendemos desse modo decidir como deverá ser. É justamente para preservar o que é novo e revolucionário em cada criança que a educação deve ser conservadora. Ela deve proteger a novidade e introduzi-la como uma coisa nova num mundo velho, mundo que, por mais revolucionárias que sejam as suas ações, do ponto de vista da geração seguinte, é sempre demasiado velho e está sempre demasiado próximo da destruição.

ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. 8. ed. BARBOSA, Mauro (Trad.). São Paulo: Perspectiva, 2016.

Nesse trecho extraído de um ensaio da filósofa alemã Hannah Arendt, a pensadora apresenta a escola com função de resguardar a novidade trazida pela criança a um mundo já demasiado velho. Esse mundo, tão habituado às suas práticas de sempre, às suas formas de pensar e de fazer, não tem mais chance de mudar pelas mãos dos adultos, que já se adaptaram à realidade tal qual ela se apresenta e custam a acreditar que ela não precisa ser assim. É nas crianças, ainda inexperientes nessa forma de vida, que reside qualquer possibilidade de transformação radical e, por isso, é preciso, segundo Arendt, preservar essa novidade que elas trazem em si, não as expondo excessivamente cedo a esse mundo caduco que as espera.

No entanto, quando analisamos a proposta do Enem, parece que cada vez mais cedo as crianças estão sendo engolidas por esse mundo que já está aí antes de elas chegarem. Ainda existem maneiras de preservar a novidade que elas carregam em si? Pensar nisso talvez ajude a escrever.

Quer saber mais?



 O filme Muito além do peso, de Estela Renner, aborda a relação das crianças com a alimentação e com as propagandas que se atrelam à comida; e Tarja Branca, documentário da mesma diretora, discute a brincadeira como forma de educação.



 No artigo de Jorge Larrosa, "Herodes, o ogro... E a carabina de Miss Cooper: a Educação como refúgio (para a infância e para o mundo)", apresentado em um colóquio na Uerj, em 2014, o autor espanhol trata da preservação da novidade de cada criança e das estratégias para se mantê-la ainda hoje. Disponível em: <www.filoeduc.org/trabalhos_2014/TR1094.pdf>.



Gabaritos

Capítulo 1 As peças que compõem o texto

Para praticar

O texto tem como base um relato, ou seja, uma sequência de acontecimentos recentes é apresentada disposta em uma linha de tempo. É possível perceber, de forma bastante clara, esse tipo textual na abertura da notícia: "Cientistas da NASA anunciaram ontem...". Há uma ordem cronológica envolvida. Quando traz dados técnicos, como a distância a que o planeta se encontra, o texto expõe informações técnicas, dados da realidade. Portanto, estas são as duas principais ferramentas utilizadas: relato e exposição.

Proposta de redação Texto 1

O enunciado, que orienta a elaboração do texto a partir da leitura proposta (no caso, um gráfico), deixa claro que o aluno deverá construir seu texto colocando-se na posição de um jovem que se vê motivado a comentar o gráfico "Os valores de uma geração" por meio do canal "fale conosco" do site da emissora MTV. O enunciador desse comentário é, portanto, um jovem que tem como interlocutor a responsável pela pesquisa, a emissora MTV. A identificação ou não com o perfil revelado pela pesquisa deve ser explicitada, uma vez que é a motivação do comentário. Esse comentário deve necessariamente ser baseado na comparação entre as três datas da pesquisa Dossiê MTV Universo Jovem (1999, 2005 e 2008), levando-se em conta dois valores relativamente estáveis e duas mudanças significativas. Os valores relativamente estáveis que mais se evidenciam no gráfico são aqueles indicados por K (ter uma carreira, uma profissão, um emprego) e D (beleza física/ser bonito). Podem ainda ser

considerados relativamente estáveis os valores I, A, H, C, G e E. Quanto às mudanças significativas, destacam-se: a queda nos valores indicados por B (divertir-se, aproveitar a vida) e J (ter amigos); e a elevação do valor indicado por F (ter independência financeira/ter mais dinheiro do que já tem). Além desses elementos, pode-se considerar, para a composição do perfil do jovem de 2008, o fato de o valor K ser altamente reconhecido (mais de 50% dos entrevistados), diferentemente do valor D (bem menos de 50% dos entrevistados).

Texto 2

O enunciado do texto 2 propõe que o aluno escreva um texto da posição de um líder de grêmio estudantil que tem recebido reclamações dos colegas sobre o ensino de Ciências em sua escola e, por isso, convida a bióloga, professora, tuiteira e blogueira Tatiana Nahas para uma palestra a seus colegas e professores. Essa motivação deve nortear o texto de apresentação do evento, configurando-se como justificativa para sua realização. O enunciador desse texto é, portanto, um representante estudantil e os interlocutores são os alunos e professores de sua escola. Essa apresentação, marcada, necessariamente, pela modalidade oral formal, deve apontar três problemas do ensino de Ciências que podem ou não ser inferidos da própria entrevista que serve de base para essa proposta. Além disso, a presença da palestrante deve ser justificada, mostrando-se de que maneira as ideias por ela expressas na entrevista podem apontar soluções para a superação dos problemas diagnosticados. São exemplos de soluções: o estímulo às habilidades de relacionar, interpretar, extrapolar, criar; a utilização de novos recursos tecnológicos (a exemplo da internet) como auxiliares nas aulas; a valorização da história da ciência na sala de aula; a

ênfase na dimensão coletiva da produção científica e a explicitação das controvérsias e percalços que marcam sua história.

> Capítulo 2 Quando a prova pede um gênero textual

Para praticar

- Ao ler a proposta, o aluno deverá deixar que as reflexões suscitadas pelas ações possivelmente desencadeadas por palavras remetam a memórias. Dessas memórias, deverá selecionar uma, com caráter de RELATO (acontecimento pessoal), para apresentar ao leitor. Transformar esse RELATO em NARRAÇÃO, neste caso, é apenas atribuir detalhes suficientes para que qualquer leitor possa acompanhar.
- 2) O aluno deverá contar com sua própria experiência para compor um texto que majoritariamente DESCREVA AÇÕES. Poderá, porém, utilizar RELATO, NAR-RAÇÃO, ARGUMENTAÇÃO ou EXPOSI-ÇÃO para cada uma das instruções. O termo "instruções de sobrevivência" já fornece uma dica: as instruções podem conter doses de humor.
- 3) O candidato deverá responder à pergunta "baixar conteúdos na internet: permitir ou proibir?" utilizando, na maior parte do texto, ARGUMENTAÇÃO. Mais uma vez, caso precise EXPOR ou RELATAR algo, o gênero permite.

Proposta de redação

 Ao lera proposta, o aluno deverá se voltar para a memória. Das recordações que vierem à mente, deverá selecionar uma, um acontecimento pessoal, para apresentar ao leitor. Será necessário transformar o relato em uma narrativa. Nesse caso, basta atribuir detalhes

- suficientes para que qualquer leitor possa acompanhar: espaço, tempo, personagens...
- 2) O aluno deverá contar com alguma experiência pessoal para compor um texto em que predomine a descrição de ações. Poderá, porém, utilizar outros tipos de texto para cada uma das instruções. O termo "instruções de sobrevivência" indica que as instruções podem ser apresentadas com elementos do humor.
- O aluno deverá utilizar a argumentação na maior parte do texto. Para isso, será necessário posicionar-se e mobilizar conhecimento que possa comprovar a escolha feita.

Capítulo 3 A dissertação de vestibular

Para praticar

1) Trecho original: É, porém, impressionante como dessa discussão nunca se
segue nada, nem sequer uma reflexão
mais ampla sobre as disfuncionalidades estruturais do sistema político
brasileiro, sobre as relações promíscuas entre os grandes conglomerados econômicos e o Estado ou sobre
a inexistência da participação popular
nas decisões sobre a configuração do
poder Judiciário.

Resposta possível: É possível questionar, porém, a falta de consequências práticas para discussões desse teor. Não se organizam reflexões mais amplas sobre as disfuncionalidades estruturais do sistema político, por exemplo, ou sobre as relações entre conglomerados econômicos e o Estado, que permanecem obscuras para a população. Da mesma forma, a indignação não desencadeia questionamentos a respeito da falta de participação popular em decisões sobre a configuração do poder Judiciário.

2) Trecho original: O que nos deixa como espectadores desse jogo ridículo no qual um lado tenta jogar o escândalo nas costas do outro, isso quando certos setores da mídia nacional tomam partido e divulgam apenas os males de um dos lados.

- Resposta possível: O indivíduo, nesse cenário, acaba como mero espectador do que se veicula como escândalo político, especialmente quando há setores midiáticos que se preocupam cada vez menos com a tentativa de neutralidade.
- 3) Trecho original: Tem-se a impressão de que a contribuição que poderíamos dar já foi dada (programas amplos de transferência de renda e reconstituição do mercado interno). Mesmo a luta contra a desigualdade nunca entrou realmente na pauta e, nesse sentido, nada temos a dizer, já que o Brasil continua a ser o paraíso das grandes fortunas e do consumo conspícuo. Sequer temos imposto sobre heranca. Mas os próximos meses da política brasileira serão dominados pelo duodécimo escândalo no qual alguns políticos cairão para a imperfeição da nossa democracia continuar funcionando perfeitamente.

Resposta possível: Quando se observa, portanto, o contexto, o que se percebe é a impressão generalizada de que já houve contribuição social suficiente. Vale ressaltar, porém, que questões como a luta contra a desigualdade dificilmente entram em pauta porque o Brasil é um país com grande concentração de renda e com amplos incentivos ao consumo. Assim, os discursos que circularão nos próximos meses tendem a reavivar mais um entre os vários escândalos políticos, e a consequência principal é que justamente a exploração desses escândalos nos afasta de uma democracia mais plena.

Proposta de Redação

Aproposta de redação da Fuvest 2014 exigiu que o aluno se posicionasse em relação à fala de Taro Aso, ministro japonês, sobre os idosos. Quando afirma que os velhos deveriam "apressar-se a morrer", ele acaba refletindo uma série de valores caros àquela sociedade: será que não estamos presos a uma ideia de velocidade e de produtividade? É por isso que a proposta lança questionamentos para o aluno: as opiniões de Taro Aso são tão raras e isoladas quanto podem parecer? O que as motiva? O que elas dizem sobre as sociedades contemporâneas? Opiniões desse teor seriam

possíveis no contexto brasileiro? Como as jovens gerações encaram os idosos? Cada uma das perguntas nos coloca em confronto com o mundo que nos cerca, e responder a cada uma delas dá um direcionamento para a dissertação. A tese, por isso, pode ser a soma das respostas a algumas das perguntas. Não é necessário responder a todas.

Capítulo 4 Dissertação argumentativa

Para praticar

Respostas possíveis:

Coletânea 1: Fronteiras: limites físicos ou psicológicos.

Coletânea 2: Formação da sociedade brasileira: miscigenação, imigração e intolerância.

Proposta de redação

Para construir um texto com essa proposta, é fundamental que o aluno perceba que não há uma discussão a respeito de o capitalismo ser bom ou ruim, e sim um fato: ele triunfou. Com base nisso, é importante mobilizar consequências (como a desigualdade social ou a acelerada modernização de bens tecnológicos) e pensar, com base nessas consequências, o que se pode esperar de um futuro próximo, ou seja, quais são as perspectivas. A argumentação deverá sustentar a verossimilhança dessas escolhas.

Capítulo 5 Leitura da coletânea

Para praticar

a) Todo objeto será interpretado conforme a cultura do lugar em que está. Nos Estados Unidos, valoriza-se um tipo específico de "vencedor", por isso Carlito é interpretado como perdedor. Em outros lugares, valoriza-se a luta individual por sanidade em um mundo competitivo; nesse caso, Carlito é interpretado como herói. Essa característica não é exclusiva da personagem, mas sim parte integrante das culturas, e qualquer objeto estará sujeito a interpretações diferentes.

- b) Porque há diversas interpretações para um mesmo filme, e todo filme estará construindo a realidade como lhe couber. Um filme de terror, por exemplo, provavelmente optará por cenários noturnos e cores escuras para garantir o cenário de medo. Já uma comédia não utilizará os mesmos recursos.
- c) Quando se concebe uma obra narrativa, pode-se escolher quem serão as personagens, por onde caminharão e durante quanto tempo, por exemplo. Quem cria a narrativa decide se choverá ou se fará sol. É, portanto, para a personagem, um ser onisciente e onipotente, com poderes para decidir tudo sobre a criação.
- d) Não necessariamente. Sempre que se pretende passar uma mensagem, escolhe-se um ponto de vista que guiará o olhar dos outros sobre aquela questão. Se queremos convencer com imagens um interlocutor de que uma sala está vazia, basta fotografar ou filmar os trechos em que não há pessoas. Se queremos mostrá-la cheia, basta preencher as lentes da câmera com as pessoas presentes. O documentário é, portanto, criação, isto é, um ponto de vista.

Proposta de redação

A proposta pede que o aluno produza um texto dissertativo a partir do tema depreendido. A maior dificuldade dessa proposta é justamente a compreensão de que não se pede um texto apenas sobre cinema, mas sobre cinema recriando a realidade. Para organizar a produção, a leitura atenta da coletânea e as reflexões extraídas dos exercícios podem virar argumentos. Posicionar-se a respeito de uma tese explícita será fundamental.

Capítulo 6 A composição básica da dissertação

Para praticar

Texto 1: B, A, D, C Texto 2: C, B, D, A

Ao reconstruir as redações, é importante perceber que elas gravitam em torno do posicionamento adotado. A primeira, a partir de um debate atual – o financiamento empresarial de campanhas eleitorais – apresenta a tese de que, habituados
aos valores consumistas, tendemos a
levá-los a outros campos, como o fazer
político (parágrafo B). Logo, seu segundo parágrafo (A) explica esse hábito, e o
terceiro (D) indica o extravasamento dele
para a maneira como as pessoas passam
a entender o fazer político. A conclusão
desse texto (C) retoma tanto a contextualização quanto a tese.

Já o segundo texto apresenta uma introdução que recorre à descrição de uma política representativa a fim de defender que, quando nos acostumamos a ela, não enxergamos mais que nossos atos e escolhas cotidianos podem também ter reverberações coletivas (parágrafo C). A partir daí, nota-se o desdobramento das causas dessa representatividade (parágrafo B) e esse descolamento da vida comum das questões políticas (D). Por fim, novamente a conclusão retoma as discussões propostas na introdução, no entanto, agora (parágrafo A), com base no que foi debatido ao longo do texto.

Proposta de redação

Ao redigir a redação, é ideal atentar para o fato de que a proposta se organiza em torno de uma pergunta – ou seja, ele deve deixar evidente, de preferência desde a tese, se considera a participação política indispensável ou superada.

Outro ponto importante a observar é que, de alguma forma, a redação trata do mesmo tema analisado ao longo do capítulo, portanto se o aluno quiser ou achar necessário, não está proibido de usar algumas das ideias apresentadas, desde que tome cuidado para que esse uso seja autoral, e não uma mera cópia.

Capítulo 7 Introdução I: o ponto de vista

Para praticar

 A alternativa a indica um posicionamento passível de desdobramentos argumentativos, mas pode gerar algumas dificuldades ao encaminhar o desenvolvimento, pois, para defendê-la, parece ser necessário apenas um parágrafo. A alternativa b não apresenta uma tese, mas uma constatação.

A alternativa c é uma boa tese, pois além de marcar o posicionamento do escritor, parece haver um encaminhamento dos parágrafos argumentativos. O primeiro trataria do ensimesmamento nas redes sociais levando ao apagamento do que representa a diferença, e o segundo do surgimento da "pós-verdade" e dos boatos.

A alternativa d marca um posicionamento, mas é muito subjetiva. Termos como "absurdo" e "negativos" indicam uma visão pessoal exacerbada, tornando ideal trocá-los por elementos mais objetivos.

21 Para formar as teses, é essencial voltar ao que foi abordado durante o capítulo e reparar que todas as que foram marcadas como boas não abordam o tema de maneira imediata, mas o localizam no interior de algum aspecto de nossa sociedade. Nesse sentido, vale a pena pensar: o que, a seu ver, a "pós-verdade" revela de nossa cultura? Quais os efeitos que ela produz? O que a causa? Quais os critérios que, hoje em dia, levam-nos a atribuir verdade a uma notícia qualquer? Por que são esses critérios e não outros? Levar em consideração as respostas a essas perguntas lhe ajudará a criar dois pontos de vista.

Proposta de redação

A proposta de redação solicita uma dissertação argumentativa acerca do papel da argumentação no contexto virtual Para tanto, seria possível, por exemplo, criar uma tese defendendo que, em meio à pluralidade discursiva da rede, a argumentação ganha um papel ainda mais importante, uma vez que as opiniões não se sustentariam mais por serem certezas e, portanto, demandariam justificativas coerentes. Todavia, também seria uma estratégia válida trabalhar os mecanismos oferecidos pelas redes sociais para que só acessemos aquilo que vai ao encontro das nossas ideias prévias - em meio a esse processo de seleção, talvez a arqumentação perca força, já que, crendo ser absoluta nossa visão de mundo, não nos dedicaríamos a ela.

Capítulo 8 Introdução II: a contextualização

Para praticar

 a) É importante perceber que a tese se propõe a abordar a participação política pela percepção de que vivemos em um contexto de ensimesmamento, de individualismo. Portanto, isso deve ser buscado na contextualização.

A resposta poderia se organizar, por exemplo, em torno de uma enumeração: "Condomínios fechados, escolas privadas, planos de saúde particulares, automóveis com cinco lugares em que só um é ocupado: a sociedade contemporânea se caracteriza, cada vez mais, como um agrupamento de indivíduos isolados. Dessa forma, quanto mais ensimesmados estamos, mais deixamos de reconhecer as questões públicas como algo que nos afeta intimamente. Nesse sentido, ainda que o cenário atual pareça, muitas vezes, levar à superação da participação política, ela ainda segue indispensável para que possamos interferir naquilo que, da coletividade, toca-nos."

b) Neste item, a tese orbita em torno da questão retratada. Em outras palavras, o que é representado é sempre aquilo que não está à vista sem a representação. Na esfera política, portanto, isso quer dizer que o sujeito representado. de alguma maneira, não está presente no fazer político, mas ele transfere a alguém esse fazer. Assim, quando nos habituamos a essa transferência, tendemos a nos afastar da percepção cotidiana da política. Nesse sentido, talvez seja importante, de fato, superar a concepção de participação política que vigora hoje para que possamos, enfim, chegar à política realmente indispensável para nossa organização coletiva.

Proposta de redação

Para escrever a dissertação, o aluno deve ter em mente que a proposta sugere uma definição para o diálogo por ser um alicerce para ampliar a convivência entre as pessoas e o conhecimento na sociedade. Portanto, pensar no porquê dessa definição é um caminho interessante para aprofundar o tema. O diálogo, pelo que parece, não é pensado apenas no sentido mais usual, de "bate-papo", mas sim por um sentido mais formativo: enquanto não coloco minhas crenças e meus conhecimentos para se encontrarem com outros, para se confrontarem com outros, eles são apenas repetições, apenas senso comum. É a presença do outro, nesse sentido, que me permite conhecer melhor seus limites e, por que não, os meus também.

Nesse sentido, vale a pena pensar também nas características da contemporaneidade, que favorecem ou inviabilizam a existência do diálogo, como as tecnologias de comunicação, o individualismo – tudo isso pode ser utilizado ao se pensar a tese.

Capítulo 9 Contextualizar e se posicionar em uma proposta real

Para praticar

O exercício proposto visa treinar a elaboração da introdução. Apresentamos diversas estratégias para a construção da contextualização, e elas podem ser recuperadas na construção dos parágrafos. Partindo da coletânea, a contextualização pode ser feita tomando por base as várias formas de violência, como apresentado no texto 2. Já quanto à história, o aluno pode valer-se do papel da mulher em sociedades antigas, como a grega, ou então, por exemplo, recorrer à demora para que ela fosse reconhecida como cidadã e pudesse votar no Brasil. Com relação às atualidades, os diversos movimentos que brigam por igualdade de gênero poderiam ser trabalhados ou. então, as propagandas vistas na televisão que, de alguma maneira, impliquem a manutenção de um cenário em que a mulher é reduzida aos afazeres domésticos. As músicas também são um caminho interessante de abordagem - dos clássicos, como "Amélia", de Mario Lago, ao sertanejo universitário, de produções nacionais a internacionais, não é difícil encontrar referências pertinentes. Quanto à tese, é preciso se lembrar de que a proposta do Enem pede uma intervenção.

Dessa forma, a construção do ponto de vista deve levar em conta essa abordagem mais política da prova.

Proposta de redação

A proposta de 2015 do Enem pede ao aluno uma dissertação argumentativa a respeito da persistência da violência contra a mulher. Nesse sentido, é importante perceber que não se coloca em questão se há ou não essa violência - pela proposta e pela coletânea, ela existe e é grave. Posto isso, é necessário também definir os rumos do posicionamento: por que ela persiste? Uma boa estratégia seria investigar como a construção cultural do papel social da mulher, de alguma maneira, interfere na persistência das agressões contra ela. Outro ponto a se considerar é que a coletânea aborda diferentes formas de violência. Por fim, não se deve esquecer da proposta de intervenção, a qual deve dialogar com o caminho percorrido pela abordagem textual.

> Capítulo 10 A composição básica da dissertação

Para praticar

Introdução 1: B, E, C Introdução 2: D, A, F

As duas teses indicam o encaminhamento a ser procurado entre os parágrafos seguintes.

A primeira tese "Inseridos em uma sociedade que tem medo daquilo que não conhece e que vê no "outro" uma ameaça, somos impelidos a erguer muros que garantam nossa segurança. Dessa maneira, cada vez mais o diálogo fica silenciado e as pessoas ensimesmadas", pode ser dividida conforme indicam as cores.

Em azul, a previsão do D1 se confirma no parágrafo B, e, em verde, a previsão do D2 se confirma em E. A conclusão, C, retoma as ideias principais.

Já a segunda tese, "Quando a velocidade é a lei, o outro e o tempo necessário para compreendê-lo, algo tão essencial para o diálogo, tornam-se pedras a serem chutadas. O efeito disso, enfim, é caminharmos por caminhos em que não há espaço para a convivência", também traz em azul

o foco do D1, o qual será encontrado no parágrafo D, e, em verde, o centro do D2, o qual será efetivado em A. A conclusão, novamente, retoma as ideias apresentadas anteriormente fechando o texto, e se apresenta no parágrafo F.

Proposta de redação

A proposta de redação demanda do aluno uma dissertação que trate da troca do mundo real pelo mundo virtual. Na coletânea, os dois excertos limitam-se a constatar essa troca e a indicar que isso tende a se intensificar. Ao escrever, no entanto, seria interessante o estudante explorar as causas desse processo; em outras palavras, questionar-se: o que nos leva a optar pela virtualidade? Nesse sentido, pensar nas possibilidades oferecidas pelas redes de construirmos nossa própria identidade (algo que nem sempre é possível fora delas) ou na abertura proporcionada pela internet para expandirmos a visão de mundo e a percepção de nós mesmos poderiam ser eixos interessantes para o desenvolvimento da produção textual. O trecho disponível na seção "Texto complementar" pode ajudar nesse caminho.

> Capítulo 11 O planejamento em foco: análise de textos

Para praticar Ponto de vista:

"A liberdade de troca de informações na internet deve prevalecer, pois, caso contrário, haveria um cenário de exclusão. Não é restringindo, mas educando, que se consegue um melhor aproveitamento dos textos no mundo virtual."

Argumentos:

- A liberdade de expressão é um bem universal.
- A educação pode ajudar a distinguir o que é uma informação válida e o que é mentira na rede.
- Argumento de autoridade ao fazer referência ao filósofo francês.
- Refutação: o aluno traz para seu próprio texto uma ideia contrária à sua e a desconstrói. Para o autor, aqueles que defendem que apenas opiniões baseadas no rigor científico deveriam

circular na rede desconsideram o fato de que opiniões não se formam apenas a partir da ciência e, a seu ver, implicitamente, estariam selecionando um grupo muito pequeno de pessoas para serem autorizadas a se posicionar.

Proposta de redação

Objetivo: Em redação em prosa de natureza argumentativa, apresentar conclusões a respeito de ideias, textos, acontecimentos e situações relacionados ao tema proposto.

Comentário da questão: A redação representa um desdobramento da tarefa de leitura e interpretação dos diversos aspectos sugeridos pelo texto da prova, que deverão ser articulados a reflexões próprias. Em relação ao tema proposto, espera-se que o aluno discuta a necessidade de que toda a sociedade, e não apenas os cientistas, conheça e debata as razões, o uso e as consequências das pesquisas científicas. Note-se que um texto dissertativo-argumentativo exige a formulação de uma posição pessoal sobre o tema, com defesa dos argumentos apresentados. Assim, a redação é avaliada em cinco itens: adequação ao tema (se o enfrenta, se foge dele ou se apenas o tangencia); tipo de texto (se o propósito dissertativo é claro ou difuso); desenvolvimento da argumentação (se argumenta com pertinência, suficiência e coerência); estruturação do período e coesão (se constrói seus períodos de maneira clara e coesiva); e modalidade (se domina ou não a variedade padrão da língua).

Capítulo 12 Contextualizar e se posicionar em uma proposta real

Para praticar

- Sugestões de resposta:
- b) Para que o consumo seja atualizado a todo instante, não há espaço para o valor de uso. As coisas nas prateleiras vendem-se a partir de tudo, menos daquilo para que de fato serviriam. Afinal, não fosse assim, não haveria razão para que alguém trocasse aquilo que já tem por um modelo novo. Mais do que a utilidade "crua", os objetos são

- procurados pelos discursos simbólicos que os entornam, prometendo alterar o *status* daquele que os possui.
- c) Se a competição é a lei da vida, a diferença social é uma constante. Nos moldes da cultura ocidental, compete-se até haver um vencedor, o qual, porém, só surge na aparição concomitante do perdedor. Nesse cenário. "melhor" e "pior" tomam o lugar de "bom" e "ruim": não se pensa mais, por exemplo, numa escola boa, num cargo bom, numa saúde boa - tudo isso dá lugar ao "melhor que a vida pode oferecer". Para que exista tal melhor, então, é imperioso que persista o pior, isto é, que se continue a produzir, sistematicamente, uma vida indesejada e serviços cada vez mais sucateados.
- d) O ensimesmamento contemporâneo rui quando há conectividade. Em uma postagem perdida, compartilhada por um conhecido de um amigo, o sujeito ensimesmado, vidrado no próprio smartphone, tem uma oportunidade de ver-se tocado pelo diferente, por um "outro" realmente potente em alteridade. Em outras palavras, por algo que, de dentro para fora, retire-o da fortaleza ensimesmada que habitava.
- e) Quando tempo é dinheiro, tudo o que não é dinheiro é tempo perdido. Ao sujeito da produtividade, regulado pelo ponto batido, cobrado por metas, atolado de tarefas, não resta vida. reflexão e ação que não se voltem à produção. Suas respostas, então, devem ser imediatas, tanto no produzir, que lhe ocupa a maior parte do tempo, quanto em qualquer outro contexto. Sua alimentação se condensa em fast-foods e bebidas instantâneas; as causas do que lhe prejudica a saúde são abafadas por pílulas paliativas; toda sua busca por felicidade se encontra resolvida nas prateleiras de uma loja qualquer.
- f) Quando impera o individualismo, os horizontes são de espelhos. A sociedade do self-made-man seduz por meio da ideia do homem que se fez sozinho e que a si mesmo basta. Cada vez mais convocado a fechar-se em si, então, o indivíduo contemporâneo, alimentando-se em

- porções individuais enquanto ouve sua própria *playlist* com os fones de ouvido, distancia-se do espaço coletivo.
- g) Uma sociedade cada vez mais rápida é, por necessidade, também cada vez mais superficial. Corre-se mais velozmente sobre terrenos lisos, planos, sem elementos que gerem atrito. Nesse sentido, quanto mais rápida é nossa relação com qualquer coisa e mais imediatamente precisamos dizer o que pensamos sobre ela, menor é o tempo destinado a um aprofundamento qualquer. O que se produz, nesse cenário, é necessariamente da ordem da superfície, isto é, da não profundidade.
- h) Quando não são todos os que definem o que é o mundo, ele tende a tomar a cara daqueles que podem fazê-lo. Embora haja uma infinidade de possibilidades interpretativas a respeito da realidade, as relações de poder presentes no contexto social não são simétricas. Nesse sentido, quanto maior o poder que se tem de fazer circular as próprias imagens e interpretações, maior é o caráter de absoluto que toma aquilo em que se crê.
- i) Quando o medo impera, a palavra de ordem é "proteção". Crendo estar sob constante ameaça, o indivíduo permite ter sua intimidade invadida e sua liberdade cerceada, isto é, na busca por resguardar a própria vida, ele a engessa em muros altos, cercas elétricas e vidros blindados. Aquilo que o ameaça, então, fica cada vez mais distante e, por isso mesmo, também mais ameaçador. Em vez de nos disponibilizarmos a conhecer o que amedronta e perceber quais relações estabelecemos com ele, transformamo-lo num monstro ainda mais assustador.
- 2. Sugestão de parágrafos utilizando a "Assimetria de poder" (item h do exercício 1) para argumentar a respeito dos temas "Estatuto da família" (item e) e "Cotas nas universidades" (item f):
- e) Quando não são todos os que definem o que é família, o conceito tende a tomar a cara daqueles que podem fazê-lo. Embora haja uma infinidade de possibilidades interpretativas do que seria uma organização familiar, as relações de poder presentes no contexto

- social não são simétricas. Nesse sentido, quanto maior o poder que se tem de fazer circular as próprias imagens e interpretações, maior é o caráter de absoluto que toma aquilo em que se crê. A aprovação do Estatuto da Família, o qual a fixa em uma única forma. ilustra bem esse processo de negação. Ainda que a legislação seja muito mais reveladora daqueles que a escreveram do que, de fato, do que se poderia compreender por família, quando não são todos que legislam, os conceitos e os sentimentos tomam a forma daqueles que o fazem. As famílias estranhas aos olhos do poder são, então, alvos de intolerância e encontram cada vez mais obstáculos para se estabelecer.
- Quando não são todos os que definem quem pode ou não entrar na universidade, a tendência é que essa decisão tome a cara daqueles que o fazem. Embora haja uma infinidade de possibilidades interpretativas do que seria o conhecimento necessário para o vestibular, os métodos de ingresso ou os critérios de seleção são abafados em benefício do que é definido por quem controla esse acesso. Nas universidades públicas, a altíssima presença de alunos brancos e oriundos da classe média é reveladora nesse sentido. Porém, quanto mais se mantém frequentada pelos mesmos alunos, com as mesmas referências e costumes similares, essa universidade é cada vez mais refém de uma reproducão de conhecimentos e práticas que, sistematicamente, mantém a mesmice em seu interior.

Proposta de redação

Encaminhamentos possíveis:

Para desenvolver sua dissertação, o aluno pode posicionar-se com bastante liberdade, desde que responda claramente à pergunta formulada na proposta e argumente de forma consistente.

Entre os argumentos para sustentar a resposta afirmativa, podem ser explorados os seguintes:

 a maior parte dos indivíduos hoje dispõe de mais fontes de informação e desfruta de maior liberdade de pensamento, expressão e comportamento, o que favorece sua autonomia, diferentemente do homem do

- período anterior ao Iluminismo;
- a despeito da importância da religiosidade, o pensamento científico e racional goza, no mundo contemporâneo, de grande prestígio e tem influência na vida cotidiana e na política, ao menos na maior parte das sociedades democráticas;
- desde o século XVIII, houve consistentes e inegáveis avanços nas condições materiais de vida, na escolarização e na consolidação de direitos humanos fundamentais, abrangendo grupos antes inteiramente marginalizados, como as mulheres, os jovens, os homossexuais, entre outros:
- especialmente desde o desenvolvimento e a popularização da internet, há maior diversidade e intercâmbio de ideias, favorecendo o pluralismo e o multiculturalismo. Em tese, isso torna possível, por exemplo, o acesso a discursos divergentes em relação aos hegemônicos veiculados nos meios de comunicação de massa, como a televisão e o rádio. Em contrapartida, caso o aluno opte por uma resposta negativa, pode tirar proveito de argumentos tais como:
- ainda que a sociedade contemporânea permita e incentive o exercício da liberdade de escolha, grande parte dos indivíduos simplesmente segue conceitos padronizados de pensamento e comportamento, apenas reproduzindo o que impõem o mercado e a cultura de massa. Essa massificação compromete a construção da subjetividade e da individualidade dos sujeitos;
- apesar de todo o desenvolvimento tecnológico e científico, o preconceito, a manipulação e a intolerância política, comportamental e religiosa constrangem, ainda, as liberdades individuais, restringindo a autonomia pessoal;
- o avanço de uma concepção utilitarista de razão e de conhecimento científico voltado para o desenvolvimento de tecnologias redundou em um sistema de poder tecnocrático que serviu de sustentação para atitudes contrárias aos valores humanistas. Desde o holocausto nazista, ficou patente que a racionalidade científica poderia ser usada como recurso supremo para a repressão e a destruição da autonomia e da diversidade.

A pergunta formulada pela banca Fuvest

2017 admitia também respostas menos unívocas, que se concretizassem em posicionamentos cujos argumentos fossem relativizados. Assim, seria possível, por exemplo, apontar em que aspectos houve avanços na conquista da autonomia e em que outros ainda prevalece a menoridade intelectual denunciada por Kant.

Mesmo que adote um dos dois posicionamentos apresentados, é recomendável que o aluno inclua argumentos de ressalva para enriquecer sua argumentação e demonstrar maior criticidade.

Capítulo 13 Argumentação II: relações entre ideias

Para praticar

Tese 1

D1

- apresentar os números presentes no texto 1 da coletânea para demonstrar o volume de denúncias;
- observar como, diante deles, passa a parecer natural e incontornável um cenário de corrupção;
- mencionar as denúncias presentes nos noticiários para mostrar que a corrupção não se trata de algo isolado, restrito a poucos indivíduos ou a um partido específico, mas que também atua como regra no Congresso.

D2

- trabalhar a ideia de que, como efeito do cenário apresentado no D1, ocorre uma naturalização das maneiras de se proceder e da impunidade em relação a elas;
- mostrar que a prevalência dos interesses privados em detrimento da coletividade acaba, de cima para baixo, atuando sobre toda a sociedade;
- citar exemplos como "furar fila" e "ficar com troco errado";
- finalizar defendendo que não é a sociedade reflexo do Congresso, mas o contrário.

Tese 2

D1

- apresentar a ideia de que vivemos em um contexto individualista, em que o bem-estar individual se sobrepõe à busca pelos interesses coletivos;
- discutir exemplos como as reações às

- greves ou ocupações escolares: existe um incômodo com o quanto atos como esses afetam a vida particular, mas deixa-se de discutir as causas coletivas em jogo;
- finalizar o parágrafo afirmando que essa postura, de maneira geral, naturaliza a ideia de que a preocupação é, antes de tudo, com a salvação individual, e não com as questões relativas ao grupo.

D2

- trabalhar a ideia de que, por mais que haja práticas ilegais de corrupção, o que as fundamenta, isto é, o domínio dos interesses particulares em relação aos coletivos, não precisa da ilegalidade para persistir;
- detalhar a ideia anterior a partir do exemplo do automóvel: os desvios de verbas que seriam utilizadas na melhoria do sistema público de transporte levam ao sucateamento de ônibus e metrôs, mas, será que, ao nos deixarmos levar pela lógica de que é o transporte privado que nos confere algum valor, não estamos também contribuindo para esse sucateamento ou, ao menos, sendo coniventes com ele?
- terminar o parágrafo defendendo que a corrupção no Congresso é um reflexo da sociedade brasileira.

Proposta de redação

A proposta da Unesp começa com uma questão bastante direta: a corrupção no Congresso Nacional é reflexo da sociedade brasileira? Por conta disso, já na introducão dissertativa, a resposta deve aparecer. Pelo exercício proposto na seção "PARA PRATICAR", é possível perceber que podemos encaminhar nossa redação para os dois polos dessa questão. Caso a respondamos afirmativamente, é preciso mostrar durante o texto que há uma vinculação causal - a corrupção de nossa sociedade como um todo apenas se reflete no âmbito político, isto é, os atos ilegais de nossos parlamentares são apenas uma continuidade de algo que ocorre de uma maneira mais ampla em todo o espectro social.

Por outro lado, caso não opte por esse caminho, é possível argumentar em sentido contrário. Nesse sentido, talvez seja mais pertinente inverter a relação: possivelmente a corrupção nos altos escalões crie na população um sentimento de impunidade que funciona como se a autorizasse a pequenos delitos também.

Capítulo 14 A estrutura interna dos parágrafos

Para praticar

Conjunto 1

Fechados em nós mesmos, o mundo que vemos é só um espelho. A realidade não nos chega de maneira direta, mas a partir de diversos filtros, como a cultura, a religião e até mesmo as relações afetivas que travamos com aquilo que observamos. Perder isso de vista, porém, implica não perceber que esse mundo com que nos relacionamos e que dá sentido à nossa vida é uma possibilidade entre várias; perder isso de vista, nesse sentido, talvez seja uma forma de confortar a existência: ela se torna plana, perde a complexidade, mas, de alguma maneira, retira do sujeito a necessidade de justificá-la, de refletir sobre ela. Para ele, então, mais vale o conto de fadas do cidadão de bem contra o bandido do que o debate da violência social como um reflexo de condições desiguais; mais vale o mundo como pintado na manchete da revista semanal do que o mundo debatido por meio da pluralidade de interpretações.

Conjunto 2

Antes da sugestão de resposta, é importante perceber, ao organizar o parágrafo, que o conjunto traz duas percepções a respeito da contemporaneidade. Talvez valha a pena dividi-lo, portanto, em dois parágrafos:

Quanto maior o ensimesmamento, menor a ação política. Convocados, contemporaneamente, a recolherem-se em torno de seus próprios desejos e vontades, os indivíduos vão, aos poucos, perdendo contato com tudo o que faz parte do mundo coletivo. O "outro", nesse processo, vai sendo apagado, e o "eu" não sente que tudo o que toca esse outro lhe toca também - se ele está recluso em seu automóvel particular, pouco importa o sucateamento do transporte público; se está a salvo em um plano de saúde, deixa de se comover com as questões relativas ao SUS. Sem a presenca da alteridade, porém, esse sujeito perde também sua dimensão política.

Todavia, no interior desse castelo

individualizado, há ainda uma possibilidade de conexão. Por meio das plataformas digitais, esse sujeito tem uma possibilidade que em sua vida ensimesmada não existe mais: entrar em contato com o diferente. Esse contato, de alguma maneira, pode desestabilizá-lo, quebrando os espelhos que o cercam e abrindo horizontes para um mundo maior e mais complexo. O "outro", enfim, volta a fazer parte do horizonte visível e, assim, abre-se uma nova porta para o agir político.

Proposta de redação

A proposta de redação pede ao aluno que escreva uma dissertação em prosa a respeito da interconexão das mais variadas áreas do conhecimento. Um caminho interessante para resolvê-la seria explorar o porquê de essas relações não ocorrerem: a especialização dos saberes, aos poucos, vai nos afastando do todo. Os efeitos desse processo podem ser percebidos em nossa inabilidade de lidar com a complexidade das questões humanas - não as vemos como entrelaçamentos biológicos, políticos, sociais, culturais e econômicos. É como se um economista, por exemplo, desconsiderasse as condições biológicas ao propor regras para o trabalho. Nesse sentido, não fica difícil perceber a importância de se restabelecer a interconexão.

Capítulo 15 A reinvenção da estrutura

Para praticar

- 1. Algumas sugestões:
- a) "Lugar de gente feliz", "abra a felicidade", "vem ser feliz", "camaro amarelo" conferindo o sex-appeal do cantor.
- b) A expressão "dias úteis", ligando a utilidade aos dias em que se trabalha; o ditado "o trabalho enobrece o homem"; a ideia de que "tempo é dinheiro", assemelhando o tempo ao quanto se ganha financeiramente.
- c) O "sexo frágil" ser atrelado à mulher; a expressão "mulherzinha" ser depreciativa e a "vira homem" ser vista como positiva; o termo "ex-mulher" usado depois de um divórcio não se espelhar no cônjuge masculino: ele é o "ex-marido", mas não o "ex-homem".

- Sugestões de reconstrução:
- a) Quando é o consumo que sustenta o sistema, ele deve se manter ininterrupto. Para tanto, não basta vender o xarope gaseificado feito a partir da folha da coca, é preciso atrelar ao produto toda uma sorte de características vistas como humanas, desejáveis. Sem isso, não há por que comprar caso não haja uma necessidade ligada ao valor de uso do que se adquire. O refrigerante, então, passa a ser a "felicidade" a ser aberta, e o que se ingere a cada gole não é mais o que é, e sim o discurso que o envolve.
- b) Se impera a produtividade, tudo o que não produz perde espaço. Sustentando de um lado as condições para se consumir, uma vez que, por meio do trabalho, ganha-se o salário para os pagamentos e, de outro, a própria produção dos objetos de consumo, não é estranho a produtividade figurar um lugar tão central em nossa cultura. Crentes de que somos mais nobres e dignos conforme trabalhamos, de que Deus nos ajuda se levantarmos cedo em cada um dos dias cuja utilidade está atrelada ao trabalhar, os sujeitos, por sua vez, adequam-se à dinâmica produtiva e passam a não se reconhecer mais senão dentro das exigências lahorais

Proposta de redação

A proposta de redação cobrada pelo Enem em 2014 pede ao aluno uma dissertação argumentativa a respeito da publicidade direcionada ao público infantil. Nesse sentido, levando-se em consideracão que essa banca exige uma proposta de intervenção, é preciso identificar, no texto, quais os problemas decorrentes desse tipo de propaganda. O tipo de alimento, por exemplo, oferecido por ela poderia ser um caminho; outra saída poderia ser apresentar como problemáticas as características dos jogos ou brinquedos vendidos - o isolamento e o possível pouco apelo à criatividade são indícios disso. Também é bastante válida a abordagem do que vem sendo feito em outros países acerca da publicidade dirigida a tal público.